



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

A Família Cristã Católica: O Movimento Noelista Na Paraíba (1931- 1945)

Jorilene Barros da Silva Gomes

Orientador: Profº. Drº. Carlos André Macêdo Cavalcanti

Linha de Pesquisa: História Regional

JOÃO PESSOA – PB
AGOSTO - 2015

A FAMÍLIA CRISTÃ CATÓLICA: O MOVIMENTO NOELISTA NA PARAÍBA (1931- 1945)

Jorilene Barros da Silva Gomes

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História e Cultura Histórica.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Carlos André Macêdo Cavalcanti

Linha de Pesquisa: História Regional

JOÃO PESSOA – PB
AGOSTO - 2015

A FAMÍLIA CRISTÃ CATÓLICA: O MOVIMENTO NOELISTA NA PARAÍBA (1931- 1945)

Jorilene Barros da Silva Gomes

Dissertação de Mestrado avaliada em ____/ ____/ ____ com conceito _____

BANCA EXAMINADORA

**Profº. Drº. Carlos André Macêdo Cavalcanti - Docente Programa de Pós-Graduação em
História – Universidade Federal da Paraíba
Orientador**

**Profª. Drª. Alômia Abrantes da Silva - Docente de Pós- Graduação em Serviço Social
PPGSS Examinadora Externa**

**Profº. Drº. Elio Chaves Flores - Docente do Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal da Paraíba
Examinado Interno**

**Profª. Drª Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano - Docente de Pós-Graduação em
História Universidade Federal da Paraíba
Suplente Interna**

**Profª. Drª. Susel Oliveira da Rosa - Docente de Pós-Graduação em História –
Universidade Federal da Paraíba Suplente Externa**

G633f Gomes, Jorilene Barros da Silva.

A família cristã católica: o movimento noelista na Paraíba (1931-1945) /
Jorilene Barros da Silva Gomes. – João Pessoa, 2015.

164f. :il.

Orientador: Carlos André Macêdo Cavalcanti

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA

1.História – Paraíba. 2. Família cristã católica. 3. História – 1931-1945
– Paraíba. 4. Igreja Católica. 5. Imprensa e religião

UFPB/BC

CDU:981.22(043)

À Marisa Tayra Teruya que partiu deste mundo, mas se fará presença constante em nossos corações e memórias deixando um legado de saudade constante e aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma palavra tão complexa, pois a compreendo como a celebração e louvor a todos aqueles que alguma forma me ajudaram a chegar até este momento, por isto agradeço...

A Deus por me possibilitar o dom da vida;

Aos meus familiares, em especial minha avó Zuleide de Barros, por sempre mostrar que a família deve estar unida em todos os momentos. Minha mãe Edilene Miguel, por ser um exemplo de mulher guerreira que luta pela família. Minhas tias Jocideia, Janayne e Jarleide de Barros por se fazerem presente em todos os momentos de minha vida;

Ao meu professor e orientador Dr^o. Carlos André Macêdo Cavalcanti, por sempre se fazer presente e me apoiar e cuidar com todo o carinho que foi possível;

À Dr^a. Alômia Abrantes da Silva pelo carinho e atenção com que fez a leitura do meu trabalho e se possibilitou (mais uma vez) partilhar da escrita da minha história;

Ao Dr^o. Elio Chaves Flores que acompanhou o crescimento deste trabalho e o enriqueceu com seu olhar aguçado;

Aos (as) funcionários da Arquidiocese da Paraíba, do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP);

À coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por financiar esta pesquisa;

Aos professores (as) da Pós-Graduação em História (PPGH/UFPB) pelos incentivos, leituras e colaborações neste trabalho;

À Amália de Castro Oliveira por sempre se fazer presente em todos os momentos;

À minha amiga Jessica Gleyce por se fazer presente desde a graduação, em uma eterna recíproca de cumplicidade, afeto e incentivos;

À Paula Fagundes pelo carinho, incentivo e ternura que vem dedicando durante a construção deste texto;

À Paula Rejane Fernandes por me acompanhar desde a graduação com todos os incentivos e leituras que uma ex-professora e amiga pode fazer;

À Quéssia Matias por sempre se fazer presente, enchendo-me de ternura e carinho;

A todos que de forma direta ou indireta colaboraram com esta pesquisa.

Tomou-lhe o caule o ventre. E, num golpe bem vibrado, colheu-a (que desalmado!). Indiferente a angustia das rosas mais. (...) Mais tarde desilludida então teve saudade da vida de botão... Voltou ao jardim. E, em meio de novas rosas que havia ainda em botão, mais belas do que ella que abrira já, não teve mais galanteio, nem brilho nem cortesia, nem de outros condes que vira, nem de outras rosas de lá... Noivinha! Rosa princesa. Entre as rosas em botão, conserva a tua pureza, não ouça o conde não. (A Imprensa. 16 de Março de 1932, p. 08).

RESUMO

Este trabalho busca discutir e problematizar a partir de textos produzidos pelo Núcleo Noelista da Paraíba que estão no jornal *A Imprensa*, mais especificamente na seção denominada “Cultura Feminina” e nas atas de reuniões do grupo que estão localizadas no arquivo da Arquidiocese da Paraíba o modelo ideal de Família Cristã Católica, entre os anos de 1931 a 1945, numa perspectiva de compreender a formação social, ideológica e religiosa da Família na Paraíba na primeira metade do século XX. O Núcleo Noelista na Paraíba é uma ramificação do movimento “Le Noel” que originou-se na França no final do século XIX, através do padre Paul Bailly e do fundador do movimento e também padre Claude Allez. O movimento foi criado dentro do contexto de reorganização da Igreja Católica (o processo de romanização) que tinha como principal objetivo combater os aspectos desviantes da modernidade. O Noel foi trazido para o Brasil em 1914 para a cidade do Recife e se espalhou por vários estados do Brasil nos anos seguintes, tendo como núcleo central o estado de Pernambuco e vice-núcleo o estado do Rio de Janeiro e se instalou na Paraíba no ano de 1931. Entre as características principais do movimento no Brasil, destacam-se: a assistencialidade, a catequese, a caridade e a formação da fé individual e coletiva. Este trabalho debruça-se especificamente sobre a análise dos textos produzidos pelas noelistas na Paraíba, pois estes textos possibilitaram compreender debates acerca do cotidiano familiar que reportam os principais dilemas do período como: virgindade, matrimônio, trabalho, maternidade, etc. Portanto, é feito nesta pesquisa o cruzamento entre as influências do que seria considerado moderno para época e os valores familiares conservadores postulados pela Igreja Católica para compreender como este “tipo ideal” de família se adaptou aos novos modelos e ventos da modernidade. Logo, ao fazer a leitura destes textos é um privilégio, pois é possível mergulhar através dos poemas que tem um caráter romancistas os emaranhados de sensações e dilemas que reportam para as noções de afetividade, sociabilidade e religiosidade entre as famílias do século vinte.

Palavras-Chave: Família. História da Paraíba (1931-1945). Imprensa. Igreja Católica. Religião.

ABSTRACT

This work search to discuss and question from texts produced by the Paraíba Noelist Center that are in the newspaper *A Imprensa*, specifically the section titled "Women's Culture" and the group's meeting minutes that are located in the Archdiocese of Paraíba the model ideal of Catholic Christian family, between the years 1931-1945, with perspective to understanding the social formation, ideological and religious family in Paraíba in the first half of the twentieth century. The Noelist Center in Paraíba is a movement of the branch "Le Noel" that originated in France in the late nineteenth century, by Father Paul Bailly and founder of the movement and also Father Claude Allez. The movement was created in the context of reorganization of the Catholic Church (the process of Romanization) that had as main objective to fight the deviant aspects of modernity. Noel was brought to Brazil in 1914 for the city of Recife and spread through several states of Brazil in the following years, with the core state of Pernambuco and vice core the state of Rio de Janeiro and settled in Paraíba year 1931. Among the movement of the main features in Brazil, stand out: the assistantiality, catechesis, charity and the formation of individual and collective faith. This paper focuses specifically on the analysis of texts produced by noelistas in the Paraíba, because these texts possible to understand debates about family life that report the main dilemmas of the period as virginity, marriage, work, motherhood, etc. Therefore, it is done in this research the intersection between the influences of what would be considered modern for the time and conservative family values postulated by the Catholic Church to understand how this "ideal type" of family adapted to the new models and winds of modernity. So when do these two texts is a privilege, it is possible to dive through the poems that has a character novelists tangles of sensations and dilemmas that relate to the concepts of affection, sociability and religion among the families of the twentieth century.

Keywords: Family. History of Paraíba (1931-1945). Press. Catholic Church. Religion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Padre Bailly.....	36
Figura 2 – Padre Allez.....	39
Figura 3 – Papa Leão XIII.....	42
Figura 4 – Imagem da Lista de Funções dentro do Núcleo Noelista (1932).....	53
Figura 5 – Dom Aduino Miranda	58
Figura 6 – O Protetor Dom Moisés Coelho e as noelistas.....	77
Figura 7 – Dom Moisés	80
Figura 8 – Ata de reunião	107
Figura 9 – Transcrição da Ata de inauguração do Núcleo	112
Figura 10 – Foto da Ata.....	113
Figura 11 – Primeira Presidente do Noel – Paraíba	158
Figura 12 – Grupo Noelista da Paraíba. As mulheres com seu protetor (o padre).....	158
Figura 13 – Lista de Assinatura das Ata de Reunião.....	159
Figura 14 – Certidão de bolsa de estudo e da catequese em fundações das noelistas.....	159
Figura 15 – Cartão do II Congresso das Noelistas realizado em Recife. Cartão pertencente às noelistas Paraibanas.....	160
Figura 16 – Vice-presidente do Noel da Paraíba.....	160
Figura 17 – Capa de registros das Noelistas.....	161

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Lista de Funções dentro do Núcleo Noelista	51
Tabela 2 – Tabela de colégios criados entre os anos 1984 e 1909	67
Tabela 3 – Temas abordados	111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO I – A IRRADIAÇÃO DO NOEL SOB A LUZ DA FAMÍLIA	23
1.1 O SURGIMENTO DO NOEL – AS VERSÕES: HISTÓRICA E SAGRADA.....	24
1.2 ENTRE A CARNE E O VERBO: A ENCARNAÇÃO COMO MITO FUNDANTE DO NOELISMO E SUA RELAÇÃO COM A SAGRADA FAMÍLIA	32
1.3 BREVE CONTEXTO SOCIAL: OS SINAIS DO TEMPO.....	41
1.4 A DIFUSÃO DOS PRINCÍPIOS CATÓLICOS: NÚCLEO NOELISTA E A IGREJA..	47
CAPÍTULO II – A IGREJA E O ESTADO JUNTOS NO CONSERVADORISMO CATÓLICO	58
2. 1 A IGREJA CATÓLICA NO CONTEXTO DO INÍCIO DO SÉCULO VINTE	58
2. 2 O NÚCLEO NOELISTA E SEUS BISPOS NA PARAÍBA	70
2.2.2 Dom Adauto e o noelismo	72
2.2.3 Dom Moisés	80
2. 3 AS TRANSFORMAÇÕES NA PARAÍBA: A INFLUÊNCIA DA REVOLUÇÃO DE 30 NA ESTRUTURA DA FAMÍLIA CATÓLICA PARAIBANA.....	83
CAPITULO III – FAMÍLIA OU FAMÍLIAS? AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS DA CÉLULA DA NAÇÃO	91
3.1 APRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA: CONCEITOS E DISCURSOS DAS NOELISTAS SOBRE A FAMÍLIA.....	91
3.2 HISTORIOGRAFIAS DA FAMÍLIA NO BRASIL: CONCEITOS EM DEBATE.....	96
3.2 O JORNAL A IMPRENSA A REPRESENTAÇÃO DOS “NOVOS” IDEÁRIOS NA SEÇÃO CULTURA FEMININA.....	103
3.3 OS SINAIS DO TEMPO	112
3.5 A FAMÍLIA E OS DESVIOS DE CONDUTA	119
3.6 O MODELO DE VIDA CRISTÃ VERSUS O MODELO DE VIDA MODERNO.....	130
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: UM MODELO DE VIDA MODERNO DENTRO DO CONSERVADORISMO CATÓLICO	136

REFERÊNCIAS	141
--------------------------	------------

ANEXOS	157
---------------------	------------

INTRODUÇÃO

A intenção de realizar este trabalho teve sua origem em algumas reflexões desenvolvidas durante a graduação¹ sobre as ações da Igreja Católica no Brasil e seu discurso conservador acerca das organizações e ações que provém as constituições familiares. O texto é um exercício de problematização e reflexão sobre a implementação e o desenvolvimento do Movimento Noelista na Paraíba² influenciado pelo Movimento Noelista do Recife³ no início do século vinte.

Ao delinear as especificidades desta pesquisa verifico que as perspectivas são necessariamente inquiridas a partir de signos do objeto de estudo, tais como: o religioso, o social, o cultural e o econômico. Por conseguinte, o objeto se encaixa entre dois campos de pesquisa: a historiografia das religiões e a história social (1960/70). Contudo, partilho da ideia de Levi (2009, p. 45)⁴ de que a construção histórica pode ser permeada e/ou instituída a partir de variadas ciências, pois o saber é transversal e possibilita agregar valores que enriquecem o ofício do historiador, por isto é importante a união de outras áreas no constructo da vida acadêmica. Portanto, compreendo que é tarefa do historiador, no processo de construção e compreensão da sociedade, utilizar e desenvolver o melhor que julgar haver em vários campos produzidos nas ciências sociais, resguardando a identidade da perspectiva histórica na construção do saber crítico e reflexivo.

Desta forma, esta pesquisa indaga sobre sentimentos, práticas culturais, religiosas e sociais, possibilitando a assimilação e o entendimento acerca do cotidiano da família na Paraíba. Como lembra Giard e Mayol (1996, p. 31) “o cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”, que possibilita perceber o lugar “silenciado” e “invisível” da história, aquilo que foi ‘naturalizado’ como sendo o ‘normal’, o ‘padrão’ e o ‘comum a todos’.

¹ Através do projeto intitulado *Tradição, família e censura no Brasil urbano e patriarcal do século vinte*, desenvolvido na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) no qual eu fui bolsista, ocorreu o interesse sistemático pelas discussões em torno do discurso conservador e pela família. Este projeto foi orientado pela Dr^a Marisa Teruya Tayra que integrava o corpo docente da referida instituição que participa da linha de pesquisa Cultura e Práticas Culturais Cotidianas – UEPB/ CNPQ.

² Utilizo ao longo do texto a nova nomenclatura relacionada ao nome do estado devido o grupo que pesquisei neste trabalho ter sido instaurado no período posterior a mudança.

³ O Movimento noelista originou-se na França em 1889 e foi trazido para o Brasil em 1914. Ao longo do texto teremos novas reflexões sobre este assunto.

⁴ Ver Giovanni Levi (2009).

Portanto, busco compreender a relevância e os significados de discursos e práticas consideradas corriqueiras, mas que estavam presentes em elementos do dia-a-dia no processo de constituição da tríade que é o lócus central desta pesquisa: a Família – a Igreja – o Estado, na ebulição e efervescência do “progresso” do século XX. Ressaltando especificamente como as famílias religiosas e católicas deste período organizaram-se em táticas (CERTEAU, 2005 p. 36) para combater elementos que eram considerados de malgrado⁵ para uma sociedade bem quista e Cristã. Compreendo tática como os mecanismos de formação da sociedade de acordo com os valores cristãos e com as condutas impostas pela Igreja Católica Romana que eram utilizadas pelas mulheres noelistas

Essa sociedade seleta e cristã católica que estava abalada por elementos como: o protestantismo⁶, o comunismo⁷ e as *desordens* sociais oriundas do discursos e práticas da modernidade, buscou, a partir da Igreja Católica e do Núcleo Noelista, estabelecer referenciais e modelos pré-estabelecidos de conduta e práticas que eram dignas de uma sociedade apregoada a valores cristãos. Segundo Ferreira (1994, p. 09) a religião católica influenciou a formação e a conformação do povo nordestino, portanto, ficaram imbricados desde a fundação da Paraíba os valores cristãos.

Toda a família deve seguir o que o nosso Santo Padre fala, pois é dele que provém o conhecimento e é com ele que toda a minha família recebe as bênçãos de Cristo, sem a Igreja não seríamos nada, pois ela que nos leva ao Pai (*Ata de reunião*. 19 de agosto de 1932, I livro, s/p.)

Portanto, entre os objetivos da pesquisa estão a busca por compreender a ascese e a cosmologia do *Núcleo Noelista* na Paraíba e também verificar em um plano macro como ocorreu a vinda das ideias deste grupo francês⁸ para o Recife através da senhora Felipa Brandão Uchoa Cavalcanti, como também perceber a construção histórica e social em que o

⁵ Ao longo do texto utilizarei de termos em *italico* que são encontrados nas escritas do grupo Noelista, tanto nas atas de reuniões como nos jornais.

⁶ Ver “Protestantismo Brasileiro” (1963) de Émile G. Léonard. Segundo o autor a história do protestantismo no Brasil começou a ser feita pela academia na década de 1960, antes disso foi feita por eclesiásticos. Os estudos desta instituição se baseiam em duas categorias, “protestantes de missão” e “pentecostalismo” e ambos os segmentos existem discursões quanto as suas ações e conceitos. Porém ficou concluído que é uma ramificação da Reforma Religiosa do século XVI que demarcou no Brasil um segmento religioso-institucional-político e doutrinário de vida, estabelecendo-se em oposição a Igreja Católica Romana.

⁷ Segundo a Igreja Católica da época o comunismo era a desordem natural da sociedade, pois este buscava reorganizar a sociedade de acordo com parâmetros inaceitáveis. (Ver: *Rerum Novarum* e *Divinis Redemptoris*). Na política, o comunismo é associado à esquerda; é inspirado nas necessidades comuns e no espírito de igualdade social, estes ideários são baseados nos textos de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) de 1848).

⁸ Ao longo do texto farei a devida explicação do *Le Noel* na França.

núcleo noelista se estabeleceu na capital da Paraíba. Neste sentido, é essencial entender o desenvolvimento das atividades sociais e culturais engendradas pelo grupo para conservar os dogmas católicos e estabelecer um tipo ideal⁹ de família em João Pessoa, a partir de sua fundação até o ano de 1945¹⁰. A utilização do conceito de Weber (1982, p. 94) é essencial para compreensão de uma tipologia pura familiar, em que é possível analisar em sua essência características e especificidades existentes na sociedade.

A realização deste trabalho tem como ponto de partida textos do *Movimento Noelista* produzidos, sobretudo pelo núcleo noelista da Paraíba, em consonância com leituras das discussões sobre a Igreja Católica após o primeiro Concílio do Vaticano I¹¹ e os novos debates que emergiam e seriam propostos no segundo Concílio no contexto historiográfico do Brasil (mais especificamente a Paraíba no início do século XX), porém recuei em alguns momentos com escritos que versem sobre o processo de romanização¹² fortalecido no século dezanove e leituras da historiografia da família brasileira.

A partir desta compreensão de união entre o social e o religioso é importante destacar a história dos conceitos (KOSELLECK, 1992 p. 84) como ação importante neste trabalho. Neste sentido, o termo família é o primeiro, pois o principal objetivo deste estudo é perceber como o noelismo influenciou e problematizou a família na Paraíba entre as décadas de 1930 e 1940 em um momento de ebulição dos embates econômicos, culturais, religiosos e sociais e culturais no Brasil e no mundo (HOBSBAWM, 2003 p. 54).

A pesquisa, portanto, tramitará a partir de análises dos processos da “revolução” da instituição familiar em consonância com atividades e/ou práticas produzidas pelo *Noel* (Núcleo Noelista) na Paraíba. Logo, compreendo que o tempo histórico deste período é

⁹ O conceito de tipo ideal de Weber é basilar para compreensão do objeto em sua essência, ou seja, possibilita aplanar a compreensão do fenômeno social em relação a outras unidades sociais, formando assim o que Weber denomina de *casuística sociológica* (WEBER, 2004, p. 12).

¹⁰ O Movimento Noelista funcionou ativamente até a década de 1970 na Paraíba.

¹¹ O Concílio do Vaticano I ocorreu entre os anos de 1869 à 1870, proclamado por pelo Papa Pio IX (Giovanni Maria Mastai – Ferretti / 1792 – 1878). As características principais deste Concílio foram às constituições dogmáticas intituladas “*Dei Filius* e *Pastor Aeternus*” em que é posto questões como: a fé católica e as práticas inerentes ao catolicismo romano como também a infalibilidade e primazia papal.

¹² A romanização foi um processo que ocorreu dentro da Igreja Católica e que teve como objetivo principal combater práticas e condutas que eram consideradas inapropriadas para a vida cristã. O período originalmente compreendido como da romanização foi final do século XIX e início do XX, ao longo do texto apresentarei reflexões sobre este assunto e suas influências na Paraíba.

envolto em “fragmentações”¹³ das mentalidades e proliferações de ações inovadoras para um tempo marcado por modelos de conduta pré-estabelecidas.

Neste sentido, analiso o *noelismo* (Noel) como movimento e/ou projeto político pedagógico que viabilizou ações de cunho moral, social e cultural em uma temporalidade (início do século XX, mais especificamente entre os anos de 1931 e 1945) onde a concepção e/ou formação da mentalidade era estabelecida pelo poder clerical dominante.¹⁴ Utilizo o conceito de projeto político pedagógico, a partir das ideias de André (2001, p. 56 e 57) e Veiga (1998, p. 112). Apesar dos dois autores voltarem este termo para o ambiente escolar, considero que o noelismo tem as dimensões abordadas pelos autores que percebem o projeto político pedagógico como um compromisso na formação da sociedade. Portanto, compreendo que o noelismo foi uma escola social da moral católica com características mais amplas que a vida escolar convencional, porém envolta por táticas de normatização e inculcação.

O Noelismo, não foi apenas um segmento religioso que ocorria causalmente e sem intenções; este movimento possuía características e objetivos precisos e determinados. As noelistas vivenciavam uma ascese religiosa que possibilitava modelos específicos de filha, mãe, mulher e esposa, ou seja, doutrinava e moldava cada sujeito para seu lugar social.

O grupo era constituído por mulheres respeitadas e admiradas da elite paraibana e por representantes da Igreja Católica, porém foi possível perceber que em determinados momentos ocorreram conflitos internos e externos ao grupo que se chocavam com os princípios morais e sociais estabelecidos pela pedagogia católica¹⁵ instituída por dogmas e preceitos que legitimavam o lugar social de cada indivíduo.

É importante ressaltar que desde a colonização, hábitos e modos de vida foram importados da Europa para que fosse extinta a imoralidade da vida cristã nessas terras tropicais. Práticas como: amancebamento, adultério, fornicção, entre outros, eram combatidos por grupos de evangelização (VAINFAS, 2002, p. 146); (LIMA, 2001, p. 33). Porém, em grande medida é possível perceber através dos textos analisados que ‘lapsos’ morais ocorreram também nos praticantes da fé, a exemplo dos que serão expostos nos

¹³ Utilizo o conceito fragmentação das mentalidades para designar os choques de mentalidades existentes tanto na sociedade como no Núcleo noelista.

¹⁴ Não utilizo as discussões de dominação (dominante e dominado) no lócus da pesquisa, porém considero importante esclarecer quem instituiu as relações de base clerical.

¹⁵ Através das atas de reunião há como perceber que em determinados momentos a sociedade não vivenciava o esperado pela Igreja e pelo Núcleo Noelista. A exemplo das uniões não abençoadas, práticas sexuais antes do casamento, adultério, etc. É importante destacar que atos considerados “errados” pelo núcleo e pela igreja não ocorriam apenas em famílias menos abastadas. Neste sentido, existia uma espécie de desconforto no seio da igreja.

capítulos e que demonstram que mesmo aquelas pessoas que foram consideradas mais esclarecidas quanto ao comportamento ideal de um cristão, cometeram estes deslizes e infringiram àquilo que era pregado pela Igreja.

Relacionarei, portanto, a análise das práticas e discursos do grupo com as relações de poder local (Igreja e Estado) e o desenvolvimento da urbanização e da modernização da cidade de João Pessoa, pois estes dois elementos influenciaram nos ‘embates’ culturais e sociais travados pelo Noelismo com sujeitos da sociedade paraibana.

O ideário de desenvolvimento e progresso possibilitou alterações nos ideais e nas práticas do cotidiano e isto em grande medida foi algo que corrompeu os princípios católicos; haja vista que a Paraíba, assim como todo o Nordeste em relação às outras regiões brasileiras, era concebida como ‘atrasada’ econômica e culturalmente. Logo, os novos ideais também demoraram a penetrar nas famílias e nos sujeitos. Aqueles que eram compreendidos como ‘modernos’ no início da década de 30, não eram bem vistos pelos mais conservadores.

Portanto, este trabalho dissertativo parte da tríade Família, Estado e Igreja, que possibilitou compreender o *Núcleo Noelista* como um projeto social, cultural e religioso de um dado momento histórico e que buscou se reestruturar diante das novas ideias e modelos. É válido ressaltar que a estrutura social e política da Paraíba naquele momento corroborou para a criação do noelismo, que tinha por objetivo central replicar – se em várias cidades do estado e do Brasil.

Pensar a capital paraibana na primeira metade do século XX, mais especificamente a partir da década de 30 até o ano de 1945, é compreendê-la num contexto de constante transformação em todas as áreas sociais. Neste sentido, Braudel (1978, p. 47) alerta que o tempo histórico é sincrônico e diacrônico e que a forma como historiador se posiciona diante dele estabelece os resultados da pesquisa. Koselleck (2006, p. 271) alerta para a compreensão do tempo histórico e das múltiplas dimensões das temporalidades históricas, sendo imprescindível na discussão do recorte temporal escolhido neste trabalho. Partindo desta perspectiva de alterações e interações do tempo, analiso como os processos de urbanização e modernização alteraram a compreensão daquilo que foi “naturalizado” pelos discursos formatados através da elite conservadora e patriarcal.

Segundo Chagas (2004, p. 133) a elite paraibana neste período foi compreendida como um pequeno grupo social que tem vínculo pelo parentesco ou pelas organizações políticas e sociais. Estas pessoas que foram classificadas como sendo da elite engendraram atividades

ligadas ao desenvolvimento social da cidade, destacando-se entre eles: proprietários rurais, grandes comerciantes, profissionais liberais como médicos, advogados, professores, farmacêuticos e jornalistas.

Dentro deste panorama social relativamente amplo da elite, em 1931, o *Núcleo Noelista* foi implantado através do primeiro Bispo da Paraíba, Dom Adauto Aurélio de Miranda¹⁶, que tinha como lema em sua perspectiva de trabalho *Iter para Tutum – Prepara o caminho seguro* e tinha como presidente a senhora Lulmira Gouveia, conhecida dentro do grupo através do pseudônimo “Arco – íris” e vice-presidente a senhora Carmem Coelho, conhecida também como “Tabajara Noel”.

No que se refere às presidentes do núcleo noelista na Paraíba, esta pesquisa buscou compreender como estas duas mulheres eram consideradas referenciais e modelos de matriarcas, ao passo que suas famílias eram tidas como exemplo a ser seguido por toda uma sociedade que crescia tendo como base uma organização em cristo. No que diz respeito aos deveres das noelistas, “Poti”¹⁷ ressalta que:

A vice presidente prelecionou sobre os fins do noel, mostrando os deveres das noelistas na família, na sociedade e para a união noelista. (...) Tabajara Noel nos mostrou o quanto é importante olharmos para a sociedade e para nós e fazer o bem, a salvação e a oração juntamente com a caridade. (*Ata do Núcleo Noelista*. Outubro de 1931, s/p).

A partir da compreensão do que era ser ‘família’ para o noelismo, este trabalho buscou também entender e/ou perceber quem é esta família ‘ideal’ pretensamente existente na Paraíba para as noelistas que se baseavam na *sagrada família* e na ideia de santidade de *Maria* e *José* como modelo e provedores de conduta e moral perfeita para conduzir a família e a nação de encontro à ordem e ao progresso.

Este período estudado – terceira década do século vinte – é um tempo de transformações e tensões políticas, sociais e culturais tanto no que se refere ao contexto estadual como ao nacional, revelando um período de “ebolição” e “choque” entre gerações e mentalidades. Não é por acaso que o *Núcleo Noelista* investiu seus trabalhos no processo de evangelização e ‘resgate’ do mundo do *pecado*. Ao verificar os jornais é perceptível que a Igreja não aceitava os novos encaminhamentos modernos adotados pela sociedade.

¹⁶ Paraibano da cidade de Areia, ordenou-se bispo na Itália em 1894 e no mesmo ano tomou posse na Paraíba até o dia de sua morte em 15 de agosto de 1935, 41 anos depois, portanto.

¹⁷ Pseudônimo de Lindalva Gomes.

A futilidade é um mal contagioso. Não respeita idade. Não tem atenção aos cabelos brancos nem complacência pelas faces encovadas da velhice. Ataca tudo, mas o vírus da frivolidade que não conhece imunidade tem, no entanto uma preferência... A mocidade. (*A Imprensa*, 1932, p. 12).

Segundo as leituras e interpretações dos textos das noelistas a juventude era a camada social mais propensa às novas ideias e aos modelos de conduta considerados errados e/ou deturpados, e estes causavam os maiores enfrentamentos nesta sociedade que era marcada pelo respeito e pela moralidade com os elementos e signos da Igreja. A família, para as noelistas, deveria estar atenta para os sinais de desordem no seio da união familiar. A mãe e o pai, como responsáveis deveriam guiar seus filhos aos ensinamentos de Cristo e encaminhá-los para a compreensão de que a família e a Igreja eram as instituições mais próximas de encontro com o divino.

Ao fazer a leitura do poema supracitado ficou perceptível a força com que determinados valores são impostos, a exemplo da palavra *futilidade* que possui uma conotação pejorativa, atrelada a ideia de que os novos modelos não deveriam ser concebidos pela sociedade. Em outros poemas, nas atas de reuniões e nas manchetes foi possível perceber os valores positivos e negativos que estão imbricados em suas falas e práticas, e que foram postos nas ações de evangelização, catequização e solidariedade com as pessoas mais pobres. Portanto, os ideários concebidos pelas noelistas alcançarão todos os níveis desta sociedade. Ao longo do trabalho me detive mais sobre este assunto e discuti como elas apresentavam e fomentavam suas ideias.

Neste contexto de choques culturais e sociais, a política paraibana não fugiu ao panorama e apresentou situações que alteraram a sociedade. A partir de 1930 a Paraíba se deparou com uma constante instabilidade devido aos jogos políticos utilizados pelo governo vigente, tais medidas causaram transtornos econômicos, sociais e políticos para a população que mergulhou em grandes crises. As medidas adotadas pelo governador do Estado, João Pessoa Cavalcante de Albuquerque¹⁸, diferenciou-se de todas as práticas políticas vivenciadas até aquele momento pelos seus antecessores, inclusive no mandato do seu tio Eptácio Pessoa (1865-1942). As práticas políticas inseridas por João Pessoa não agradaram a uma parte da elite paraibana, ocorrendo uma série de tensões e levantes, como o da cidade de Princesa¹⁹ no

¹⁸ O final do mandato de João Pessoa ocorreu em 1930, porém acho necessário compreendê-lo para perceber as nuances sociais tais quais a sociedade foi submetida após este período, por isso será melhor discutido no segundo capítulo deste trabalho.

¹⁹ Ver MARIANO, Serioja (2005).

interior da Paraíba. Dentro deste contexto problemático, em 1930²⁰ João Pessoa foi assassinado²¹ e a Paraíba entrou em colapso no sentido político devido à instabilidade instaurada²².

Mesmo diante destas inquietações políticas, o *Núcleo Noelista* conseguiu se destacar no cenário estadual, recebendo condecorações pelos trabalhos desenvolvidos e ajuda financeira do governo para continuar com as obras e a assistência aos mais oprimidos. Entre os motivos do noelismo ser bem aceito na sociedade e também alcançar postos e doações dos governos no período estava no fato das mulheres noelistas pertencerem a elite e algumas delas terem maridos e/ou pessoas em seus arranjos familiares que estavam vinculadas a política, possibilitando, portanto um maior contato e interação entre o poder religioso e poder político/estatal.

No Jornal *A Imprensa* era divulgado constantemente as atividades das noelistas e seus objetivos para com a sociedade e a família. Neste sentido, “Arco-íris”²³ escreveu “os problemas da nação” na seção de “Cultura feminina”, “Lembrando a cada uma, o dever da adesão a tão nobre causa que eleva a dignidade da mulher em meio dos excessos do modernismo anti-cristão e salva a família” (*A imprensa*, 14 de Outubro de 1934). Além do próprio processo de divulgação e enaltecimento das noelistas na sociedade por parte da elite, foi possível perceber através das fotos e das assinaturas nas atas de ações do arquivo da Arquidiocese da Paraíba o número de pessoas que pertenciam a classe média e baixa que se envolviam em obras do grupo e a receptividade dos mesmos para com as ações.

Dentro de um contexto conservador e patriarcal, que é marcado pelo poder masculino e pela submissão da mulher, o núcleo se reunia com a intenção de debater e possibilitar a formação intelectual e moral da juventude contra as “mazelas dos novos ventos” (*A Imprensa*, 1931, p 08). Segundo Costa (2007, p 12), as práticas das noelistas destinavam-se a combater e

²⁰ A morte de João Pessoa foi o estopim para a Revolução de 1930 que levou Getúlio Vargas ao poder.

²¹ O assassinato de João Pessoa ocorreu no centro de Recife na confeitaria Gloria por João Dantas. Nos dias de hoje este assassinato é alvo de constantes questionamentos, pois está ligado tanto a assuntos pessoais como políticos.

²² Ocorreu a sucessão de vários governadores numa escala de tempo após a morte de João Pessoa em 1930. Entre os governadores pode-se destacar: Álvaro Pereira de Carvalho (26/07/1930 – 04/10/1930); José Américo de Almeida (04/10/1930 – 04/11/1930); Antenor de França Navarro (26/11/1930 – 26/04/1932); Gratuliano da Costa Brito (26/04/1932 – 26/12/1934); José Marquês da Silva Mariz (27/12/1934 – 21/01/1935); Argemiro de Figueiredo (21/01/1935 – 29/07/1940) e Ruy Carneiro (16/07/1940 – 15/07/1945).

²³ Pseudônimo de Lulmira Gouveia.

colocar em ordem uma sociedade estremecida pelas ameaças comunistas, protestantes e modernistas.

A partir destas refutações, este trabalho encaminhou-se dentro da compreensão do núcleo noelista como um artefato pedagógico inserido dentro de um contexto de ideias religiosas e políticas que possibilitaram a formação intelectual de uma época e de um lugar em transformação.

Este texto caminha entre duas correntes teóricas (o social e o religioso), bem como este trabalho de pesquisa parte da premissa de que a História Nova possibilitou uma compreensão do contexto histórico do século XX, referenciando as especificidades do noelismo na Paraíba em um momento de efervescência a partir da História Social Inglesa, mas que é balizada também na História das Religiões, em que foi possível entender e problematizar o fenômeno religioso como algo que perpassa a situação social e cultural do povo paraibano.

Portanto, a união entre estas correntes de estudo foi de suma importância para uma melhor visão do que era ser *família cristã* em uma sociedade marcada por rupturas e fragmentações do tempo e dos signos sociais e culturais. Por menos ortodoxa que aparente ser esta aliança das correntes teóricas, ela mostrou-se ao longo da pesquisa ser algo que possibilita bons frutos no que se refere ao amadurecimento do campo de saber da história da história das religiões.

Entre os autores utilizados nesta pesquisa como referencial central, destacou-se nas discussões sobre família: Phelippe Ariès, com sua perspectiva do que é família e dos lugares sociais nesta instituição social ao longo da história moderna. Antônio Cândido, com o clássico *The Brazilian Family* em que foi possível averiguar e perceber os tipos de família que se formaram no Brasil e as especificidades para cada localidade. Eni Mesquita, com os dois tipos específicos da família brasileira, o modelo patriarcal extensa e o nuclear burguês.

Para uma melhor compreensão das transformações oriundas nos séculos XIX e XX, destaca-se Nicolau Sevcenko sobre o século XIX na Europa e suas influências para o ocidente e suas inquietações sobre o Brasil no século XX, em que foi possível confrontar, problematizar e tecer liames com Eric Hobsbawm, a partir de suas refutações e indagações sobre o *Longo século XIX e Breve século XX*, possibilitando compreender a emergência deste mundo que entrava “ruína” com novos valores e modelos.

Anthony Giddens, Jacques Le Goff e Antônio Paulo Rezende, elucidavam importantes contribuições para a construção do conceito de modernidade e moderno, condutas consideradas, pela Igreja Católica, como ameaçadores à família, a pátria e a religião. Boris Fausto e Ângela de Castro Gomes também apresentaram contribuições com seus estudos sobre a república e o crescimento e formação das cidades e suas transformações.

José Oscar Beozzo, para compreender a Igreja Católica nos anos de 1930 e 1945, na perspectiva de atentar para o pensamento e a trajetória das práticas católicas no período, o que permitiu analisar a fundação do Movimento Noelista no Brasil e na Paraíba. Figueiredo Lustosa, Riolando Azzi e Joseph Comblin para a compreensão do processo de romanização e instauração da Igreja Católica entre os dois concílios do Vaticano nos séculos XIX e XX.

Martha Maria Falcão, Eliete Gurjão, José Octávio e Serioja Rodrigues que, a partir dos seus estudos sobre a história da Paraíba, foram necessários para analisar o contexto paraibano da época compreendendo a fundação do Noel na capital paraibana e suas práticas assistencialistas e sociais. Carla Bassanezi Pinsky e Micheal de Certeau para pensar metodologicamente a abordagem ao tema.

O trabalho se divide em quatro capítulos, sendo o primeiro intitulado *A Irradiação sob a luz da Família* em que foi apresentado o objeto de análise e suas especificidades, destacando o processo de fundação e desenvolvimento do Noel na Paraíba e a aceitação do mesmo pela sociedade paraibana.

O segundo capítulo denominado de *A Igreja e o Estado juntos no conservadorismo*, ocupou-se em pensar a Igreja Católica no contexto histórico do final do século XIX e começo do século XX, esclarecendo como o processo de romanização influenciou o crescimento e fortalecimento de movimentos religiosos e sociais como o noelismo. E como a Arquidiocese da Paraíba aceitou, fortaleceu e desenvolveu ações do catolicismo romanizado com o objetivo de uniformizar e unificar os variados catolicismos existentes e coexistentes.

O terceiro capítulo chamado de *Família ou famílias? As transformações históricas e sociais da célula da nação* teve como objetivo discutir e refletir sobre o que é exatamente família, suas funções e transformações no contexto do século XX. Além de problematizar qual o tipo ideal de família cristã – católica que vivencia o noelismo como fonte de experiência religiosa social.

No quarto e último capítulo que é também a conclusão intitulado *Um modelo de vida dentro do conservadorismo católico*, ficou possível perceber que a família noelista se adaptou aos ventos da modernidade sem perder a essência da vida cristã.



CAPITULO I – A IRRADIAÇÃO DO NOEL SOB A LUZ DA FAMÍLIA

*Irradiou um novo dia.
O Noel chegou para iluminar os corações as vidas.*

O termo a “irradiação” do noelismo faz referência a instalação e/ou ramificação do *Movimento Noelista* na Paraíba como algo que trouxe a esperança para a família conservadora que vivenciou um processo de transformação e mudança no que se refere aos valores e às práticas consideradas ideais para os cristãos. Neste sentido, surgiu o *Núcleo Noelista* difundindo, propagandeando e principalmente reafirmando um tipo ideal de *família cristã* que estava perdendo seus valores em consequência da modernidade.

Aos 5 de agosto de 1931, nesta cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba do Norte no salão de honra do palácio archiepiscopal, estando presente sua Excelência D. Adauto A. de Miranda Henrique, o Rer. Mons. Anísio B. Dantão nosso assistente eclesiástico, as noelistas de Pernambuco: Brasil, Amauri (...) (*Ata de reunião*. 5 de agosto de 1931, s/p)

Com honra ao mérito e com a pompa da elite o Núcleo Noelista na Paraíba surgiu tendo como presidente *Riciera* e vice-presidente *Tabaja Noel* que buscavam difundir e “confirmar nossos esforços a fim de alcançar o perfeito ideal do Pe. Claude” (*Ata de reunião*. 5 de agosto de 1931- Livro I, s/p). Se o mundo está em processo de transformação a família que era o núcleo responsável pelo surgimento da vida social era o centro desta mudança. Deste modo todas as vertentes do conhecimento preocuparam-se em manter ou romper com os discursos da ordem vigente. A partir dessa ideia as principais instituições/movimentos e núcleos conservadores se apegaram e propagaram o lema de luta difundido pelo processo de romanização iniciado no século XIX contra o laicismo, o liberalismo, o comunismo e o advento de uma modernidade que de acordo com os modelos da Igreja Católica do período, corrompiam os paradigmas ideais de um ser cristão. É, portanto, nesse contexto de mudança, embates e disputas silenciosas, porém fortes, que emergiu o noelismo na França do século XIX conclamando as mulheres, “as rainhas do lar” (*A Imprensa*, 08 de fevereiro de 1932, p. 8), aquelas que eram as responsáveis pela família e o bem da nação para combater as “as frivolidades deste tempo” (*A Imprensa*, 16 de agosto de 1931, p. 7).

Logo, o noelismo paraibano clamou e uniu as “boas mulheres” (*A Imprensa*, 03 de março de 1937) para fazer em princípio o total ‘ataque’ a modernidade como forma de conservar a “boa família”, portanto de acordo com a presidente do noelismo no Brasil, Felipa

Uchoa, todas as mulheres de *índole inquestionável* deveriam unir-se, pois “a família está em luta” (*A Imprensa*, 13 de dezembro de 1931, p. 9).

1.1 O SURGIMENTO DO NOEL – AS VERSÕES: HISTÓRICA E SAGRADA

A *Irradiação de Noel* foi o nome dado para as práticas assistencialistas que as noelistas ofereciam aos mais necessitados e/ou desprovidos. Este movimento social de caráter religioso originou-se na França através do Padre Claude Allez, no final do século XIX no ano de 1896. Dentro do contexto histórico e contendo características marcantes do processo de romanização, o movimento foi inserido em Pernambuco através da senhora Felipa Brandão Uchoa Cavalcante, em 1914.²⁴

O surgimento do Movimento Noelista é algo que ainda possibilita debates entre seus pesquisadores como: Ferdinand Azevedo (2009), Simone Costa (2007), Maria da Conceição Moita (2003), pois existem duas principais versões sobre o surgimento do movimento na França.

A primeira versão levantada é que inicialmente foi fundada uma revista destinada ao mundo infantil que se denominaria de *La Croix des Enfants*²⁵, porém em março de 1895 ocorreu sua primeira publicação e foi chamada de *Le Noel* que foi fundada e organizada pelo padre Vicent de Paul Bailly²⁶. A revista continha escritos que versavam sobre: a catequese, o

²⁴Em 1914 a senhora pernambucana Felipa Brandão Uchoa Cavalcante conhecida como Dona Felipinha, fez uma viagem à França e no processo de visitação a algumas igrejas em Belém conheceu o Noelismo e trouxe suas principais ideias para o Brasil.

²⁵A revista que seria denominada de “La croix Enfants” foi originada a partir do folhetim “La croix” (1883). Após o Pe. Bailly se afastar da organização da revista o Padre Chardovoin (Não encontrei a biografia ou obras realizadas por este Padre) assumiu as responsabilidades. A revista circulou por dois anos até em 1896 o Pe. Claude Allez assumir.

²⁶Vicent de Paul Bailly é considerado pioneiro na imprensa católica, nasceu em 02 de dezembro de 1832 em Berteaucourt na França. Pertencente a uma família de seis filhos, sua educação foi em Paris através de dois tutores em sua casa. Formado bacharel no curso Letras (1848) e em ciências (1853), ambos em St. Louis. É considerado o fundador da imprensa em Assunção, participou destas atividades até o ano de 1860 quando percebe sua vocação religiosa. Tendo seus estudos religiosos acelerados, foi ordenado em 1863, pertencendo ao segmento agostiniano, passou a ser diretor do colégio Mimes em Assunção, unindo a suas práticas religiosas. Saturado por ações apenas administrativas se afastou do colégio, passou a ser capelão do exército de Metz em 1870, quando foi chamado para Guarda Nacional. Em 1871 retorna a Paris onde é confiado a trabalhar na opinião pública fazendo crônicas e artigos sobre: órfãos de guerra (1871), congressos (1872) e romarias (1873). A partir da positividade como são observados seus trabalhos com a opinião pública assumiu o boletim “The Pilgrim” em 1877, tornando-o com maior difusão e aceitação do público. Em poucos anos de trabalho na imprensa cria cerca de trinta folhetins entre eles o jornal “La Croix” (A cruz) em 1883. Levou a vida religiosa interligada com os trabalhos administrativos assiduamente. Considerado da “Boa Imprensa” nos anos iniciais de trabalho com as ideias públicas pelo seu caráter conservador e dinâmico, porém teve sua carreira desmoronada e

comportamento das crianças, a educação, relatos bíblicos, desenhos, pintura para colorir, formação civil, espaço de interação e correspondência.

A revista era considerada pelo público leitor (principalmente os pais) como uma grande ajuda no processo de educação e formação intelectual e religiosa das crianças. Possuía um caráter conservador e cristão, os valores pregados eram baseados na vida do menino Jesus e sua devoção a Deus como pilar essencial para a vida e a salvação. O respeito e amor aos pais era algo constantemente debatido pela revista e a *Sagrada Família* era o grande modelo exposto como exemplo a ser seguido por todos os membros da família cristã. Neste sentido, compreendo que a revista apresentava um posicionamento pedagógico e sua função central era a formação dos sujeitos diante das instabilidades e “perigos” que a vida sem Cristo podia oferecer.

A revista que era destinada ao público infantil passou a ser reservada ao universo feminino (exceto para aquelas que eram consideradas como as *mulheres perdidas*) no ano de 1896 quando o padre Claude Allez assumiu a revista. Neste momento de transição interna das revistas nasceu o Movimento Noelista com o objetivo de formar as mulheres jovens intelectualmente de acordo com o sentido do apostolado que visava a ordem, a piedade e a solidariedade (Costa, 2007).

Existem algumas discussões que apontam os motivos da alteração de público alvo da revista, porém é algo que ainda não entrou em consenso entre os pesquisadores do Noel. Para Azevedo (2010, p. 14) o motivo para tal mudança corresponde ao fato de que as crianças cresceram e seus interesses mudaram. De acordo com Costa (2007, p. 28) a alteração foi feita em resposta ao que estava ocorrendo no mundo. A Igreja Católica investiu no maior público leitor que era o segmento feminino para resguardar as práticas cristãs e a moralidade que estavam sendo questionadas pelo advento da modernidade.

Logo, o Padre Allez é considerado o fundador do Movimento Noelista, pois ao assumir a chefia editorial inseriu a revista para o segmento feminino com o intento de resgatar e criar um novo público de consumo e continuar reverberando o amor a Cristo e a Sagrada Família como exemplo máximo do que uma sociedade conservadora e cristã deveria ser e ter.

perseguida a partir do ano de 1889, pelas circunstâncias políticas e sociais. O poder republicano e a própria Roma afastou-o de seus cargos através de julgamento em 1900. Foi exilado em 1903 na Holanda e com a anistia retorna a Paris em 1905. Mesmo afastado da revista que fundou continuou enviando artigos e estes publicados através de pseudônimos. Morreu em Paris aos 80 anos em 1912.

Segundo Almeida (1949) o grupo de leitores e assinantes do folhetim Noel receberam o nome de noelistas devido à assiduidade e comprometimento com os princípios e ideias defendidas na revista. A partir do ano de 1904 ficou compreendida a União Noelista como o conjunto de seguidores do Noel na França.

Em contrapartida encontramos uma segunda versão da história que é apresentada de forma mitológica. Compreendo o mito a partir de Vernant que observa os sistemas mitológicos como formulação de um conjunto de herança histórica que “contém o tesouro de pensamento, formas linguísticas, imaginações cosmológicas, preceitos morais e etc.” (VERNANT, 2000, p. 14). Ainda para Vernant o mito é a própria condição humana, portanto o mito leva características e/ou marcas do espírito da humanidade, guarda formas de pensar, viver, sentir, se relacionar. Logo, o mito para ele traz sinais da civilização, ou seja, é um fato social total que compõem a historicidade do povo.

O mito nessa versão é compreendido como fator chave para concepção do objetivo social e religioso das noelistas, pois serviu para fortalecer os ideais e propósitos do noelismo na França do século XIX e no Brasil do século XX que estavam marcados por uma sociedade descrente e frágil quanto aos valores, práticas sociais e morais cristãos. Compreendo a partir das atas de reuniões do grupo na Paraíba e das fontes como a revista *Natal* (1932) e *Le Noel* (1889) que a narrativa mitológica de surgimento do Noel é algo que corroborou para própria vivência de cada noelista, enquanto filha, mulher, mãe, esposa e, acima de tudo, cristã.

É válido ressaltar que conflui informações do surgimento do Noel na França no século XIX com o noelismo no contexto histórico do Brasil, mais especificamente na Paraíba no século XX, para tentar compreender o grupo em sua essência, pois “o noel tem sua forma de buscar e viver a vida, o noel não é só um grupo, o noel é um modelo de vida” (LE NOEL, s/d abril de 1892). Portanto, compreendo-o como um projeto social-católico, mas também como um projeto/modelo de vida individual que de fato era motivo inspirador para as mulheres levarem uma vida de acordo com os parâmetros que o noelismo instituiu. Logo, nesta pesquisa ficou evidente a forma ávida como elas se dedicavam ao “ofício” de noelista no trabalho e nos discursos produzidos por estas mulheres na Paraíba, pois elas acreditavam na revelação, em sua missão de “anunciar e difundir os modelos de condutas, as formas de viver, é objetivo da noelista mostrar os caminhos que a humanidade deve seguir, é dever nosso mostrar a todos os sinais do tempo, o tempo que é em Deus” (*A Imprensa*, 16 de novembro de 1931).

Neste sentido, acredito que as noelistas faziam e/ou participavam do grupo não apenas porque eram orientadas pela Igreja (dentro de um projeto pedagógico), por influência de outras mulheres ou por modismo da época e da conjuntura local (*status quo*), mas também porque existia a relação com a própria fé individual. Ou seja, existiu a valoração e reflexão neste trabalho acerca da crença destas mulheres e na própria ideia de identidade enquanto mulher, mãe e religiosa. Estas mulheres vivenciavam no cotidiano os ensinamentos do noelismo e isto ficou em evidência a partir das fontes e de relatos encontrados sobre o Noel²⁷.

A mulher noelista ella (sic) vive para Deus, ela (sic) escolhe o caminho da trindade como forma de salvação, pois ela sabe que apenas através de Deus tem sua vida, sua família e alma salvas. A mulher e a mãe noelista é devota de Nossa Senhora, pois sabe que ela é exemplo máximo de modelo de mulher, de conduta, de mãe e de cristã. Sabe que ela é a mãe das mães. Sabe que seu coração é generoso, seu abraço é fraterno, seu olhar é difusor de princípios, sua alma resplandece com tanto amor, sua família engradece com sua ternura e sabedoria infinita e seu abraço acolhedor. A mulher noelista sabe que é seguidora de sua bizavó, avó e mãe, pois todas elas foram devotas de Nossa Senhora que é o modelo de doação ao menino Jesus na manjedoura e a José seu marido. Ela é nosso modelo, modelo dos modelos que devemos seguir. Sem a mulher o homem não seria nada, sem o homem a mulher não seria nada... Sem a criança o mundo não seria nada, por isso a mulher noelista tem a missão de edificar seu lar, de mostrar para o mundo que a família é o centro do amor, da perseverança e principalmente da fé. 'A ti mãe rainha, tomamos como exemplo nossas ações, nossas orações, nossos caminhos, nossas vidas, pois sabemos que em ti nossa vida esta guardanda (sic) nos braços de Deus nosso pai'. Noelista levai tua família para o caminho de Maria, para a força em José e para o amor do pai através de Jesus. (A *Imprensa*, 02 de dezembro de 1936).

Logo, é de suma importância compreender que a mulher noelista vivenciou um grande período de transformação social e histórica (inclusive no patamar das ideias) e isto ficou perceptível a partir dos seus discursos. O noelismo tem como característica ser defensor do tempo, de perceber os problemas que coabitam a vivência das famílias. Nesse sentido é em consonância com esse pressuposto que todas as mulheres (independente da sua formação ideológica, religiosa ou social) acreditavam na política de *anunciadoras e defensoras do tempo*.

Apesar de estar diante do mesmo segmento de ideias difundidas pelo Noel francês, podem ocorrer diferenciações dos elementos e/ou características objetivas e subjetivas apresentadas em outros estados e ramificações do grupo não apenas no Brasil, mas em outras

²⁷Neste trabalho não debrucei nas fontes orais, por isto não consta e não foram analisados os relatos de algumas mulheres que vivem o Noel na atualidade ou pessoas que souberam do Noel por familiares.

nações²⁸. As noelistas paraibanas são exemplos de grande devoção a Maria, o que diferiu em certa medida das noelistas potiguaras ou pernambucanas²⁹.

Desta forma, acredito que as identidades individuais e coletivas influenciaram no projeto e/ou modelo de vida do noelismo, possibilitando assim mudanças específicas do *noel* de região para região, porém todas resguardando o princípio da fé cristã e principalmente um parâmetro de vida baseado no *Sagrado*.

Tu mulher compreende o sabor da vida em Deus? Tua família caminha para a vida em Deus? Teus filhos são ensinados de acordo com os mandamentos de Deus? Se tua resposta é sim, compreendes que tua vida esta baseada na escritura, na vida Sagrada que a Família Santa teve e que devemos leva-los como exemplo maior. Deus pai, Deus filho, Deus imortal. (*A Imprensa*, 14 de janeiro de 1937)

A relação com o sagrado é algo crucial para compreender a narrativa mitológica do ‘nascimento’ do Noel. Compreendo o *Sagrado* a partir de Mircea (2001, p. 18), que considera as hierofanias como as manifestações de uma entidade sagrada. Para ele a humanidade experiencia o sagrado desde os primeiros momentos de sua vida e é justamente através deste contato com a hierofania – às vezes inconsciente – que o humano constrói toda a sua conjuntura social e cultural. Por conseguinte, o condicionamento psíquico e intelectual do ser humano também é formado a partir de marcas do Sagrado que foram vivenciadas ao longo de sua vida.

Todas as definições do fenômeno religioso apresentado até hoje mostram uma característica comum: à sua maneira, cada uma delas se opõe o sagrado e a vida religiosa ao profano e a vida secular (MIRCEA, 1993, p. 7).

Portanto, determinados aspectos e/ou ações históricas como também as práticas sociais que a humanidade vivenciou é resultado direto de sua relação com o universo religioso e/ou com o divino. Desta forma, compreendo que o noelismo associou a vida e as ações da *Sagrada Família* através do mito fundante como características do sagrado em sua essência.

²⁸A partir de pesquisas oriundas da internet, contatos telefônicos e por via de e-mail contabilizei ramificações do Movimento Noel francês em 08 países, sendo cinco da Europa: França, Espanha, Portugal, Itália, Alemanha e três da América: Chile, Argentina e o Brasil. Destes países que receberam os ideais defendidos pelo noelismo na atualidade apenas em Portugal, na cidade de Chaves, o noelismo ainda existe, porém unido a outros grupos de catequeses e com nova “roupagem” e no Brasil no estado de Pernambuco na cidade de Recife que é denominado *Novo Noel*. No Brasil o noelismo foi vivenciado em nove estados no século XX, entre eles: Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Paraíba.

²⁹As matérias publicadas sobre o movimento Mariano é forte na Paraíba. Em outras localizadas o número de publicações é menor e existe um grande apego a Sagrada Família, mas sem exaltar nenhuma figura específica.

Logo, entendo a partir de Mircea a narrativa mitológica do noelismo como uma hierofania da própria cultura e historicidade do *Noel*, pois revela características determinantes para a vida e a prática das noelistas, ou seja, o sagrado se revela, se manifesta, tendo como resultado de sua inacessibilidade ou transcendência o que corresponde, em última instância, na proliferação da forma religiosa e/ou ação religiosa. “(...) é na Santa Família que encontramos nosso exemplo, nosso caminho. Deus doou seu único filho e nos deu no ventre de Santa Maria, a família é representação do que Deus quer na terra terra” (*A Imprensa*, 03 de maio de 1934). A vida da mulher noelista é baseada principalmente na sintonia entre a oração e ação, ou seja, a oração guia a ação, que por conseguinte guia todas as decisões da “mulher sábia” (*A Imprensa*, 12 de junho de 1939).

Portanto, para Mircea, o sagrado é compreensível a partir do ideário de diferenciação do comum, é algo que se manifesta e/ou se revela totalmente distinto do mundo cotidiano, mundo este denominado como profano, aquele que carrega as marcas do pecado³⁰, aquele que corrompe os modelos ideais. O sagrado e o profano formam assim uma dialética em que um impõe e pressupõe o outro de forma que seria impossível compreender o primeiro sem o segundo.

(...) o mal é invejoso do bem, ele quer o corromper, quer retirar sua beleza, sua grandeza. O mal é perspicaz, assopra na cabeça de mentes levianas que não se revestem das palavras de Cristo e não escuta o mandamento dos mais velhos. O mal assola a vida dos frágeis de alma, dos frágeis de coração, daqueles que não se apegam ao bem e a bondade de Cristo. O mal não tem face, não tem corpo, mas ele entra na vida e na carne daquele que permite sua morada. Dizeis sempre “Deus Santo, Deus Forte, Deus Imortal, toda honra e toda glória. (*A Imprensa*, 04 de abril de 1941).

Neste sentido, é possível compreender esta dimensão entre o Sagrado e Profano a partir dos modelos de conduta instituído pelo noelismo e difundido como o “certo” e o “errado”. O modelo de mulher e/ou mãe profana e o modelo de mulher e/ou mãe sagrada pressupõe das seguintes características encontradas na matéria intitulada “A mulher que você não deve ser”

Entenda mulher qual é o teu lugar. O teu lugar é o do recato, o da pureza, o da subserviência, o teu lugar é virginal, o branco te reveste, pois estarás

³⁰A compressão de pecado neste trabalho se baseia na ideia difundida pelo noelismo: “Pecador é todo aquele que não segue os mandamentos de cristo, que não lê (Sic) a Bíblia Sagrada. É todo aquele que não tem uma vida regrada, que não se abstém do pecado da carne (do amor fora do casamento, do sexo antes do casamento). É todo aquele que não pratica a caridade, que não ajuda o próximo. É todo aquele que não pratica o ritual religioso, que não leva uma vida temente a Deus. É aquele que não cuida de sua família, que não respeita seus pais e seus cônjuges é aquele que terá um fim nas trevas”. (*A Imprensa*. 14 de outubro de 1939). Portanto, a ideia de pecado é baseada principalmente nos escritos bíblicos e pregados pela Igreja Católica.

pronta para teu esposo quando assim Deus permitir e neste momento você vai ser a mãe ideal, a mãe e mulher que conduzirá teus filhos e teu esposo a casa do Pai. Quando tu deixar de ser senhorita e passar-te a te chamar de senhora, tua obrigação é ordenar e organizar teu lar para o amor do teu marido. Deixar teu marido feliz com uma boa comida e boas roupas. Teus filhos limpos e bem cuidados. (...) Mulher, se tu não valoriza teu lugar nem merecias ser chamada de mulher, mas sim de serpente do mal. Uma mulher leviana não se cuida, não protege sua flor dos defloradores, sai pelas ruas sem hora correta, desacompanhada. Essas mulheres não segue (sic) os ensinamentos dos mais velhos, não segue o catecismo, não aprende o que é ser uma boa mãe e boa esposa. Essa mulher não se casa, se amanceba, vive sem a palavra de Deus. Teu marido não é marido. Marido e mulher é aquilo que Deus une, estes vivem sob o pecado, vivem na luxúria, os filhos deste pecado disseminam os maus costumes e as más formas de viver. Esse tipo de mulher cai na vida fácil, leva uma vida de cama em cama, jogando o nome de todas as mulheres na lama. Protegeí para não virar uma mulher dessas, uma mulher que não merece receber o nome MULHER. (*A Imprensa*, 02 de abril de 1934).

A partir da compreensão existente entre o sagrado e o profano compreendo que o movimento noelista se orientou no mito de origem para fundamentar suas principais ideias e combater aquilo que era entendido como o errado, pois para Mircea (1993, p. 28) “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história”. Deste modo, a experiência de vida de cada sujeito é resultado direto de sua vivência com o universo religioso ou não. Para as noelistas, a relação com sagrado possibilita constituir o que elas denominam “boa mulher”, pois para elas através da experiência religiosa a humanidade conhece a “grandeza e a magnificência da vida celestial que reserva os portões do paraíso.” (*A Imprensa*. 03 de fevereiro de 1939). Portanto, Mircea permite compreender que a relação da humanidade com o sagrado possibilita a consciência humana entender o mundo e suas ações e a partir dele elaborar os ideais de vida. Logo, o sagrado é o universo ideal do homem religioso, ou seja, é sua meta de vida.

Sendo assim, a compreensão de sagrado perpassa pela ideia de perfeição, sublimidade, pureza, conceitos adotados pelas religiões e seguidos como normas de conduta e de vivência pelas noelistas. Em contrapartida, para desassociar do ideal da perfeição, compreende-se que o profano seria o feio, o cruel, o maligno, o impuro.

Para Mircea (2001), o sagrado, incide a partir de alguma energia excelso que desfaz o mundo comum e/ou prosaico; desta forma, mesmo uma energia compreendida como maléfico-nociva seria também manifestação de um sagrado. Nesse sentido, é importante compreender que as ações noelistas são engendradas dentro do processo de romanização que

combateu justamente as forças que eram consideradas como maléficas que advinham com a modernidade. Logo, segundo o Mircea (2001):

Quando o sagrado se manifesta por qualquer hieroafania, não só há ruptura na homogeneidade do espaço, mas também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não-realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo (MIRCEA, 2001, p. 27).

A força do sagrado se manifesta de forma vigorosa que altera as estruturas, espalhando assim, constantemente, a sua força, o seu poder, a sua magnitude e intensidade para decorrer por lugares inalcançáveis da vida coletiva e individual, possibilitando revelações da miudeza da vida humana. Logo, para Mircea (2001, p. 32) a humanidade tem o desejo de conviver com experiências divinas, de compreendê-las no seu dia-a-dia, para que possibilitem o entendimento ou conformação aos acontecimentos cotidianos e a própria noção de vida e de espaço.

Contudo o autor ainda afirma que o sagrado apenas se revela para humanidade naquilo que ela detém como real valor, significado e importância em sua vida. O sagrado revela, ou é, aquilo que é real por excelência, em oposição ao que não possui em si essa realidade, demonstrando uma dialética que foge ao estritamente religioso.

Logo, compreendo que a ontologia do sagrado para o *homo religiosus* não é uma fantasia, ao contrário, possibilita revelar o sentido ontológico do mundo, evidenciando aquilo que verdadeiramente é e tem significado e caracterizando aquilo que não é e não tem significado. Portanto, as noelistas compreendiam o Noel como o mundo religioso que possibilitou significâncias e ordenamentos na forma de viver e de constituir aquilo que era considerado como ideal para a vida terrena.

O entendimento de um mundo verdadeiro e significativo está intimamente vinculado à descoberta do sagrado como elemento proativo na vida humana, pois através da experiência e do contato com o sagrado, o espírito humano percebeu as singularidades entre aquilo que se revela / manifesta como autêntico, intenso, rico e significativo daquilo que é carente dessas qualidades, ou seja, os elementos de inversão de valores positivos que tornam o mundo um fluxo caótico e perigoso, seus aparecimentos e desaparecimentos fortuitos e vazios de sentido. (MIRCEA, 1971, p. 7 apud MIRCEA, 1978, p.13).

Desta forma, compreendo o mito fundante do noelismo como lugar central para entender a historicidade das práticas vivenciadas pelas noelistas e seu lema de proteção à família, o casamento, a moralidade. Portanto, o sagrado ‘impõe’ a forma de viver baseada na

dialética entre aquilo que é considerado sagrado e aquilo que é compreendido como profano, esclarecendo realidades tangíveis e inconfundíveis que são diametralmente encontradas no sentido da vida humana. Logo, cabe ao senso humano ordenar suas ações para seguir aquilo que lhe convém. Para as noelistas o profano é tudo aquilo que foge a ordem existencialista da Sagrada Família.

Por conseguinte, o sagrado é compreendido por Mircea como o “modelo” bom da vida e do outro lado o profano que se coloca como oposto, e que torna a vida humana um estado de pecado absoluto. É necessário reconhecer que por serem duas realidades distintas e que ambas necessitam existir para que ocorra o ato hierofânico

No Noel o santo se fez menino. A virgem se fez mãe. O corajoso e honesto se fez pai. A vida se faz em milagre com a vinda do Messias nosso Salvador que anunciou as boas novas e derramou seu sangue por nós. É na Gruta de Belém que a doação de amor aconteceu. Que o santo se fez carne para salvar a humanidade do terror nefasto, da luxúria e da maldade humana que corrompe desde a criança até o idoso. A Gruta nos deu a vida. A família prometeu o amor. (*A Imprensa*, 09 de dezembro de 1938).

Neste sentido, compreendo a partir de Mircea que a hierofania estrutura e modifica o ambiente, as mentalidades, ou seja, o que antes poderia ser caótico, pecador, *não virtuoso*, torna-se um espaço cosmicizado. Logo, a experiência e a vivência com o sagrado possibilitam formular e fundar modelos de vida e de condutas como os apresentados neste trabalho.

1.2 ENTRE A CARNE E O VERBO: A ENCARNAÇÃO COMO MITO FUNDANTE DO NOELISMO E SUA RELAÇÃO COM A SAGRADA FAMÍLIA

Vindo, porém, a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido da mulher, nascido sob a lei, para resgatar o que estavam sob a lei. (Carta aos Gálatas, 4: 4 e 5).

Ao refletir sobre o tempo e contexto histórico noelista, suas manifestações e práticas com a divindade, tecerei considerações acerca da existência de atividades relacionadas com o sagrado. Utilizo também como aporte conceitual os textos do Mircea (1995) que considera hierofanias algo sagrado que é mostrado ao homem, ou seja, algo não pertencente ao mundo ‘natural’ / físico/ profano da humanidade. Portanto, um dos objetivos desta pesquisa foi analisar as existências de hierofanias dentro do noelismo e como ocorriam e existência e a confluência deste elemento com as práticas das noelistas.

Em primeiro lugar, apresenta-se como centro de todo o mito, a *Gruta de Belém*³¹ (Palestina). Este espaço geográfico é o recorte do lugar sagrado em que o noelismo surgiu com a função de “resgatar” o mundo de suas impurezas e pecados. Neste sentido, podemos fazer uma apologia ao próprio discurso cristão sobre o *Mistério da Encarnação e da Salvação*.

O menino Jesus veio à terra do ventre da Virgem para salvar a humanidade de todos os seus pecados. Alegrai-vos e resplandecei-vos, pois a vida humana é um presente Deus. Só é digno da vida aquele que é temente a Deus, aquele que sabe o valor da vida de Cristo e que aprendeu os mandamentos de amar a um único (sic) Deus. (*A Imprensa*, 23 de dezembro de 1941).

A Gruta de Belém é o lugar sagrado em que o amor sublime de Deus pelos homens se fez carne, a entrega do seu único filho para salvar a humanidade numa união sacrossanta entre o Menino Jesus e a Virgem Maria³² que possibilitou o Mistério da Encarnação, que é valorado pela parcela cristã da humanidade até os dias de hoje como um dos maiores símbolos de doação e da entrega.

Com efeito, enviou o Seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e manifestar-lhes a vida íntima de Deus (cfr. Jo. 1, 1-18). **Jesus Cristo**, Verbo feito carne, enviado «como homem para os homens» (3), «fala, portanto, as palavras de Deus» (Jo. 3,34) e consuma a obra de salvação que o Pai lhe mandou realizar (cfr. Jo. 5,36; 17,4) (DEI VERBUM, Encíclica Papal)(grifo meu).

O *Mistério da Encarnação* pode ser compreendido como o segundo elemento principal dentro desta narrativa mitológica. Ele é intuído a partir de elementos que o configuram como: o amor, a pureza, a doação e a vida. A partir da caracterização e compreensão desse espaço mítico dentro do cristianismo, ficou perceptível a relação destes signos citados acima com os elementos fundantes do noelismo.

O mistério da encarnação é o ato de Deus ter incorporado no homem, pois, ele (Deus) se fez homem sem deixar de ser Deus (divino), “por quanto, nele habita corporalmente, toda a

³¹A Gruta de Belém – Localizada na cidade de Belém – Palestina (10 km de Jerusalém) na Igreja da Natividade como também chamada de Basílica da Natividade. Foi construída em 326 d. C. pelo Imperador Constantino. É considerada a Igreja mais antiga do mundo que está em atividade. Nos dias atuais ela é organizada a partir de três religiões que são: a Igreja Armênia, a Igreja Ortodoxia Grega e a Igreja Católica (Franciscanos). Abaixo da Igreja localiza-se a Gruta de Belém que é uma caverna e considerado o local de nascimento do menino Jesus.

³²Maria – a Mãe de Jesus – Descendente da casa de Davi (Ver: Lucas 1: 26), nasceu e morou na baixa Galiléia (Ver: Mateus, 1: 18). Os relatos históricos sobre a vida de Maria são encontrados nos Evangelhos de Mateus, Lucas e João todos no Novo Testamento. Segundo o evangelho de Lucas (1: 26) o anjo Gabriel lhe avisou que mesmo ela sendo virgem conceberia e seria agraciada com o filho de Deus. A devoção e o culto Mariano iniciou-se por volta do século VII. O Papa Pio XII na Constituição Apostólica de 1950 denominada de *Munificentissimus Deus* decretou que Maria subido para o céu de corpo e alma pela sua grandiosa pureza.

plenitude de divindade” (Ver: Colossenses, 2: 5) para doar e revelar a humanidade que é através dele que ocorre a única e suprema salvação, ou seja, é por meio de sua verdade que a humanidade alcançaria o maior milagre da vida. Para Eliade Mircea (1970) o sagrado revela-se em um objeto profano. Segundo a Bíblia (1976) existe apenas uma personalidade de Cristo, mas duas condições: a humana e a divina, e ambas em estágio único de perfeição, ou seja, de acordo os ensinamentos cristão o divino se fez homem, mas continuou tendo as características sublimes, e é assim que é comprovada a encarnação. Neste sentido, compreende que o divino (Deus) limitou-se e incorporou-se para possibilitar que a humanidade conhecesse a revelação divina e encontrasse a partir dela o eixo norteador da vida terrena.

A Deus Nosso Senhor que doou seu filho e se fez Pai, Filho e Espírito Santo exaltamos nossa devoção e amor. A ele entregamos nossos defeitos, nossas ações para que sejamos dignos de entrar em sua morada e de receber suas bênçãos celestiais. A ti senhor exaltamos e bendizemos. (*A Imprensa*, 06 de maio de 1942).

Neste sentido, compreende-se que o mistério da encarnação dentro do cristianismo e pregado pelas noelistas não é entendido apenas como a manifestação do maior e inefável milagre e mistério da vida, mas é a própria organização e fundamento estruturante das doutrinas e dos dogmas da religião cristã.

Logo, a vida e as práticas das noelistas eram baseadas a partir do eixo norteador que era o mistério da encarnação que compreendia características como a espiritualidade, a doação, a piedade, a anunciação e o próprio mistério do amor e da devoção a um Deus que se fez carne. Neste sentido, a encarnação corresponde ao maior ato dentro do cristianismo e este deve ser seguido entre todos os seguidores, pois “grande é o mistério³³ da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo e recebido na glória” (Cf. I Timóteo, 3: 16).

Neste sentido, o mistério da encarnação é compreendido a partir de alguns debates; destaco entre eles que para Mircea (1993, p. 08) é a suprema hierofania dentro do cristianismo, pois através dele ocorreu à integração das religiões e permitem continuidades, rupturas, desdobramentos quando o mistério se revela no cotidiano, ou seja, a vinda de Jesus a terra possibilitou e possibilita a continuidade e descontinuidade da fé Cristã em suas ações e práticas. Para a Bíblia a encarnação ocorre a partir do nascimento virginal de Cristo e toda a

³³ O termo “encarnação” não é apresentado em nenhum momento na Bíblia, compreendem-se os ensinamentos e as discussões sobre o tema partir do termo “mistério”. (Cf. I Timóteo, 3: 13).

sua vida terrena. As noelistas utilizaram os princípios da encarnação como pressupostos basilares em seus discursos de catequização na Paraíba desde fundação do núcleo.

É nossa missão falar para o mundo que a vida em Cristo é a salvação. Os homens esquecem que sem Cristo, ficamos como passarinhos sem ninho, violados e acabados. As noelistas tem a função de lembrar o amor de Deus pelos homens, de guiá-los de volta a Casa do Pai. (*A Imprensa*, 08 de agosto de 1931, p. 08).

A espiritualização do lugar onde o Menino Jesus nasceu também foi alvo de constantes debates pelas noelistas em seus encontros mensais e semanais. As noelistas formularam seus conceitos acerca dos discursos que chegavam do Noelismo francês, da própria cristandade e do processo de catequização ao longo de suas vidas. Para elas a *Gruta de Belém* era o lugar da paixão e esse sentimento deveria ser aflorado e contemplado diante dos problemas da vida. Desta forma, o noelismo tinha como função social contagiar e resgatar todos para o amor e para devoção a Deus. Afinal, o *noel* não é apenas um movimento, mas um estilo de vida. Estilo que tem como pressuposto central a fé em Cristo, que é aquele que transpõe o amor de Deus aos humanos. Neste sentido, entender a mitologia do *Menino Jesus* é compreendê-lo dentro de um contexto que o coloca como o responsável principal pela difusão do *bem* na terra. Jesus é a própria doação, a humildade, a resignação diante dos maus tratos que a vida oferece, porém sua fé é inabalável. O santo se fez carne para mostrar a humanidade que ela deve se redimir dos seus pecados e oferecer a vida a Deus como sinônimo de humildade e de amor.

(...) como esta a educação do teu filho? Como tem sido tuas ações para orienta-lo? Ele vive os ensinamentos da palavra de Deus? Toda mãe deve fazer esta pergunta todos os dias. O Santo Menino Jesus foi o exemplo de devoção a Deus, se doou pela humanidade para retirar os pecados. Teu filho honra os pais? Ajoelha-te e reza. Orai pelo teu filho para que ele siga o exemplo do Menino Santo que se fez homem para proteger a humanidade do pecado. (*A Imprensa*, setembro de 1938).

Portanto, o Mistério da Encarnação é compreendido como o convite para vivenciar a espiritualidade do amor, da doação da piedade, pois foi o caminho palpável que Deus possibilitou a humanidade através do seu filho Jesus. Um menino que nasceu pobre, assemelhado as condições humanas com todas as suas impotências, exceto pela sua condição única de amar acima de todas as coisas. Neste sentido, outra característica das Noelistas é o amor, “o amor a Deus acima de todas as coisas, a Igreja, o amor a sua família, a seus filhos... em especial a seus filhos” (*Ata de reunião*, 30 de outubro de 1931, livro I, s/p).

A Sagrada Família constituída por Maria, José e Jesus é o espelho essencial das noelistas. O objetivo central do grupo era a devoção a Deus com base nos ensinamentos de Cristo e na postura da Virgem Mãe e do pai (terreno) José³⁴. Todo homem e mulher temente a Deus deveria seguir o modelo desta família que se dedicou aos ensinamentos sagrados e que vivia a subserviência ao divino. “A palavra família está presente várias vezes na Bíblia sagrada, isso significa dizer seu grau de importância perante a Deus. Devemos temer e amar nossa família assim como Cristo ensina” (*Ata de reunião*. 14 de julho de 1933, livro II, s/p).

Como a citação acima destaca, a família³⁵ é alvo constante nos discursos e debates do núcleo que considera os ensinamentos e/ou práticas de Maria como o modelo exato de conduta para uma vida de acordo com os princípios cristãos. A virgem Maria é mãe, mulher e religiosa temente a Deus que consagrou sua vida a fé no divino.

Espelha-te na virgem Mãe, ela é obra e poesia. Ela ajuda os necessitados e aflitos. A mãe das mães carrega no coração o amor e a piedade. É benevolente e sábia, sabe ouvir, aconselhar e guiar. Quando tiveres em conflito clama por ela, ela vos ajudará (*A Imprensa*, 02 de novembro de 1936).

Figura 1 – Padre Bailly



Fonte: Muzet-Périer (2000)

O outro elemento em destaque do mito fundante do noelismo, além dos supracitados, é a *Inspiração, revelação* ou *iluminação*. Segundo a narrativa mitológica, o Padre Vicent de Paul Bailly³⁶ em uma visita a sua família e peregrinação pela Palestina, em 1893, foi no dia de comemoração ao nascimento de Jesus (Natal) à Gruta de Belém. Em um momento de espiritualização e oração na gruta, recebeu a iluminação de que deveria fundar um jornal (folhetim) para as crianças, porém esta inspiração só ganhou frutos dois anos mais tarde em 1895.

Para os seguidores do Noel esta inspiração do Padre Bailly foi um sinal divino dos novos tempos que se aproximavam e que deveriam ser barrados. “(...) se aproxima um novo

³⁴Os relatos bíblicos sobre a vida de José encontram-se nos evangelhos de Mateus e Lucas. Descrito como homem simples, de caráter inquestionável, corajoso e amoroso, o culto a José começou no século IX. Foi eleito por Pio IX como padroeiro da Igreja.

³⁵O movimento noelista discute vários temas entre eles o posicionamento da mulher frente às mudanças do tempo. O trabalho da Simone Costa intitulado *Mulheres em defesa da ordem: um estudo do núcleo noelista na Paraíba nos anos de 1930 a 1945* (2007 – PPGH/UFPB) destaca as mudanças e as permanências do perfil de mulher de acordo a Igreja e com a modernidade.

³⁶Vicent de Paul Bailly, (1838 - 1912) nasceu em Berteaucourt (França). Formado em Letras (1852). Ao longo de sua vida contribuiu em publicações e revistas por mais de 80 anos.

tempo e Deus presenteou o Noel como responsável para mostrar a humanidade o caminho que devemos seguir, por isto alegremos o Noel vive, pois Deus permitiu para a nossa salvação”. (*Le Noel*, 24 de março de 1889).

Por motivos já mencionados anteriormente a revista passa por uma transição e quem assume é o Padre Claude Allez³⁷. A partir de sua formação religiosa, intelectual e dos discursos do seu antecessor acerca da função social e religiosa da revista, Allez percebeu a *inspiração* como uma anunciação para os novos tempos. A partir do segundo título do magazine e sem nenhum motivo anunciado, o periódico passou a dedicar sua escritura ao público feminino e eis que surge, o Noel. Logo, a legião noelista entendeu que o padre Allez foi o responsável por compreender a inspiração divina que padre Bailly tinha recebido anos antes em consequência de sua dedicação ao trabalho religioso e sua vontade de resguardar a Igreja Católica que estava passando por inúmeras crises com o mundo moderno que se aproximava.

Neste sentido, o noelismo compreendeu a inspiração divina como o lema de ‘batalha’ e conquista do cristianismo contra o processo de modernização. O Noel nasce com o intuito e salvaguardar a humanidade e a Igreja, ou seja, “perceber os sinais do tempo é responsabilidade constante da mulher noelista. É dever dela alerta o próximo sobre o pecado, sobre a vida, sobre a conduta que se deve ter para ser digno de entrar no paraíso” (*Ata de reunião*. 23 de novembro de 1931. Livro I.). Logo, nota-se que os preceitos incutidos desde a fundação do Noel perpassaram pelos anos e continuaram presentes entre as noelistas paraibanas que utilizavam o discurso de inspiração para clamar as mulheres para lutar por suas famílias.

Não deixei que o mal penetre no teu caminho, no teu lar e em nossa Igreja.
Não deixe que esses ventos que se aproximam assolem o nosso destino às trevas. Vivamos unidas e ungidas do amor em Deus para dissipar qualquer mal que se aproximar. Resguardemos nossas famílias e nossos corações no

³⁷Padre Claude Allez (1866-1927), descendente da família Oblatos Victorine Go é assuncionista. Formado em Filosofia e Teologia, sendo doutor em filosofia pela universidade de Roma (1886-1890), começou seu noviciado em 1886, peregrinou durante sua formação por cidades da Espanha. Ordenou-se no ano de 1889. Entrou para a “Boa Imprensa” francesa devido a seu talento nato com ilustração e desenho. Em 1896 tornou-se chefe de revisão da revista “Le Noel”. Ao assumir a revista assinou textos com o título “Nouvele” e mais tarde com a transição da revista passou a ser chamado de “Nouvelet”. Assim como o padre Bailly foi perseguido pelo Estado quando a “Boa Imprensa” foi fechada. Condenado pelo julgamento dos “Doze” (Refere-se a doze padres que foram afastados e condenados pelo Estado) em 1990. Passou a viver de forma isolada e mudando de lugar constantemente. Ao se afastar da Imprensa seu sucessor no movimento Noelista foi o padre Marie-Etienne Point, em 1927. Sua morte foi devido a doenças e teve seu corpo enterrado em Paris, França. Na sua bibliografia destaca-se revistas como: Bernadette, Memórias (1891-1990), Eco Le Noel e Santuário.

amor puro de Deus e da Virgem Santíssima. Convidamos a todos para a Santa Missa que será realizada na nossa paróquia central no dia 04 de janeiro de 1933 e ao final teremos o terço em oração pela Sagrada Família para que ela nos ajude a não falhar e a perseverar sobre o mal. Convidamos a toda família a nos ajudar no círculo de oração e de proteção contra o mal. Ao final iremos distribuir comida com os mais necessitados, traga a sua oferta e nos ajude para que junto com Noel possamos distribuir o amor de Cristo ao próximo e toca-los com o sinal de Deus. (*A Imprensa*, 29 de dezembro de 1932).

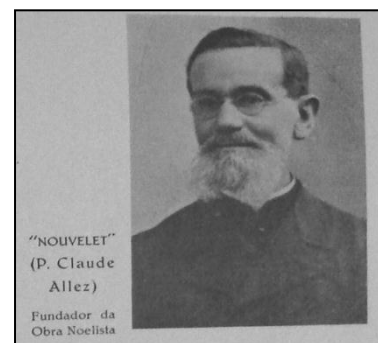
O termo *Noel*, conceitual e historicamente está ligado à natividade do *Menino Jesus*, o nascimento do filho de Deus, a relação deste com “sua mãe santa e imaculada” (*A Imprensa*, 18 de abril de 1932, p. 10), e a esperança da salvação diante dos problemas do mundo. Ou seja, a palavra *Noelista*³⁸, não aparece ao longo da existência do grupo ao acaso. São pontos interligados – a Gruta de Belém, Noel, Encarnação, Nascimento, Irradiação – e estes anunciam as intenções do grupo que não se via apenas fazendo a função da catequese e da caridade, mas, sim da própria anunciação e reflexão acerca dos sinais do tempo e da ajuda na prática da salvação da humanidade diante das “impurezas e pecados que o mundo oferecia” (*Ata de reunião*. 22 de novembro de 1931, s/p).

Segundo o Padre Bailly (apud AZEVEDO, 2010, p. 12) o Padre Allez fez do Noel uma escola de ação e oração. A partir de suas publicações na revista, um grupo formado por mulheres começou a se reunir e debater os principais assuntos presentes no periódico e eis que surgem definitivamente as *noelistas*. Dessa forma, as noelistas deixaram de ser apenas as leitoras da revista e passaram a ser aquelas que através das palavras do padre Allez disseminavam e praticavam a busca por uma sociedade que resguardava os princípios da moralidade, da caridade, da benevolência, da assistencialidade, do amor. As mulheres noelistas são o símbolo de um trabalho social disseminado dentro da Igreja Católica, mas que alcançou por vontade (delas) lugares e pessoas que antes a vida religiosa não chegava. Portanto, sem o trabalho destas mulheres o noelismo teria sido apenas uma inspiração, elas fizeram aquilo que seu fundador (Allez) pregava “a comunhão entre a oração e ação permite o salvação da alma, o salvação do mundo, permite entendermos a fragilidade que o humano é posto diante das provações terrenas. A ação e oração ajudam a humanidade ser melhor” (*Le Noel*, 13 de janeiro de 1889).

³⁸Anteriormente foi citado que o nome noelista deriva dos assinantes e leitores da revista Noel. Deste modo confluo neste trabalho as duas ideias, pois como permite Eliade Mircea (1970) ao perceber o sagrado como importante na construção histórica, compreende-se que ele influencia na subjetividade das ações coletivas e individuais, sendo assim, considero que o nome noelista foi resultado de ambos os processos históricos.

O Padre Allez, fundador e criador do Noel conseguiu associar a prática editorial com os ritos e exercícios da fé, além da própria criação do grupo, possibilitando o contato e a interação destes mundos que era o econômico, social, cultural e religioso numa mesma instância e levantando a bandeira da salvação através da mocidade feminina e da família com Cristo.

Figura 2 – Padre Allez



Fonte: Acervo das Noelistas –
Arquivo Arquidiocesano da
Paraíba.

Logo, o intuito do Padre Allez que foi criar um grupo formado por mulheres para resgatar as famílias e o mundo que estavam em estado fragmentação dos ensinamentos de Cristo ocorreu de acordo com o esperado e atingiu lugares que provavelmente ele não esperava. As mulheres religiosas sentiram através dele e do mito de origem do grupo o chamado

a lutar, portanto a escolha – mitológica ou não – da Gruta de Belém com o Nascimento do Menino Jesus, possibilitou demarcar a identidade e o pertencimento social destas mulheres quanto ao próprio “eu” de cada uma delas. O sentimento individual de busca por uma sociedade conservadora que deveria ser reflexo da Sagrada Família estava imbricado em muitas famílias e acredito que esse foi o principal motivo para o alcance do movimento pela Europa e América.

Neste sentido, podemos compreender que o Noelismo surgiu não por obra do acaso, mas dentro de um contexto da Igreja Católica Romana com o movimento da recristianização e/ou romanização que buscou se contrapor a uma nova ordem política, social e econômica que se estabeleceu no período e que representava para os líderes religiosos e para muitas famílias como o “mal da terra”. Portanto, para Lulmira Gouveia:

O Noel nasceu do Menino Jesus e da Sagrada Família, em inspiração o padre Bailly e o padre Allez perceberam que o mundo precisava entender o que estava acontecendo para se resguardar do pecado e da leviandade que assola a terra. Sejam os atentos como os nossos fundadores, tenhamos nossos corações, ouvidos e olhos abertos para perceber o que acontece ao nosso redor e tenhamos o fervor, a coragem, a perseverança para lutar com os males que rodeia nossas casas e nossa Igreja. Não percamos de vista que lutar, lutar e lutar é nosso objetivo com Deus. Se Deus nos destinou a isto forte seremos. (*Ata de reunião*. 13 de maio de 1932. Livro I).

Porém, é fundamental compreender que houve uma via de mão dupla para a criação do Noel, pois é fato que o grupo serviu como um artefato político-pedagógico, mas também teve sua própria formação a respeito da fé e de sua função individual e coletiva. Logo,

concomitantemente o Noel pode ser pensado como resultado do projeto de romanização engendrado pela Igreja Católica, mas que teve como alicerce principal a fé e a busca dos seus fundadores para resolver os problemas que chegaram com a modernidade, assim, entendendo o surgimento do Noel em uma relação unificada, pois não quer dizer que o fator econômico (a crise na revista) excluiu a narrativa mítica, e nem o mítico excluiu o fator econômico. Ambos acarretaram a criação do grupo que de fato apenas teve resultado devido às mulheres que acreditaram nas palavras e nas ações dos fundadores.

Para a compreensão deste processo de transformação social me apoio na teoria de Barros (2004, p. 92), acerca da pulverização das fronteiras do saber, o contexto histórico do século XIX possibilitou o contato com outras áreas do saber, munindo o historiador de “artifícios” colaborativos, portanto o ofício historiográfico passou a ser trilhado em conjunto com outras ciências. Sendo assim compreendo o surgimento do Noel a partir da união dos conceitos de Mircea e Levi, como foi supracitado é importante, pois na produção do conhecimento científico deve ser utilizado também como fonte a união das variadas áreas do conhecimento, visto que o saber é algo inesgotável e abrange aquilo que está no tempo linear e no tempo cíclico, no atemporal e no temporal, no objetivo e no subjetivo.

Neste sentido, compreender o Noel não apenas como um movimento social só é possível graças à união dos conhecimentos da história social, mas também pela história das religiões, pois a busca pela singularidade e identidade do movimento é resultado direto também da subjetividade daquelas que o produziram.

Sem uma análise hierofânica e subjetiva, a abordagem ao Noel estaria submetida apenas a ideia de um grupo com uma identidade pré-formada e elaborada premeditadamente pela Igreja para lutar contra o advento da modernidade, sendo assim, ficaria no esquecimento as inúmeras identidades e subjetividades postas no movimento, às inúmeras rupturas dentro da própria família pela luta por conservar a sociedade de acordo com as normas cristã e, principalmente, ocorreria o esquecimento da identidade dessas mulheres que encontraram no Noel uma possibilidade de enriquecimento e engrandecimento do que era ser mulher naquele período. O Noel possibilitou as mulheres à ação pública que era destinada exclusivamente aos homens, portanto para elas o Noel também tinha uma função e /ou representação libertadora, ou seja, elas encontraram no movimento aquilo que durante muito tempo foi negado, como: a palavra, a luta, a busca pelo conhecimento, a adesão social a Igreja e o reconhecimento como produtora na sociedade.

Neste sentido, o Noel foi uma espécie de escola de formação de ideais que perpassavam o período, que clamou pela mocidade a lutar e a viver a fé em Cristo, porém foi a partir das subjetividades que ele de fato ganhou dimensão e força. É válido ressaltar que a sua adesão não foi completa tanto que nos dias atuais (cem anos depois da criação do Noel no Brasil) o noelismo ainda é bastante desconhecido no universo clerical, no secular e também no acadêmico, porém para a época que foi produzido sua influência em determinados lugares, como na Paraíba e em Pernambuco, foi de suma importância. Aqueles que acreditaram no lema e objetivo do Noel abraçaram a causa com todas as suas especificidades e fizeram o Noel um modelo de vida para si e para os outros, “o espírito do Noel vivem em nós, participe conosco da espiritualidade do Noel, ele transforma a vida daqueles que se entregam ao amor de Cristo”. (*A Imprensa*, 02 de abril de 1938).

O Padre Allez criou um grupo formado por mulheres para resgatar as famílias e o mundo que estava em estado fragmentação dos ensinamentos de Cristo. Entender a formação do grupo a partir da (escolha mitológica ou não) Gruta de Belém com o Nascimento do Menino Jesus e a devoção da Sagrada Família, possibilitou fortalecer e demarcar a identidade e o pertencimento social destas mulheres.

Menina moça guarda tua pureza assim como fez a Virgem Mãe, guarda tua vida, fortalece-te em oração. Buscai na Virgem exemplo a ser seguido. Guia-te pelas mãos de Maria, ela que foi exemplo de mãe, mulher e esposa estará sempre em teu caminho quando for chamada. É através da Sagrada Família que você fará consagrar a sua família a Deus. Vem menina moça, vem viver o noelismo, penetra-te com Noel. Deixai a natividade de Cristo aflorar em ti. (*A Imprensa*, 13 de setembro de 1935).

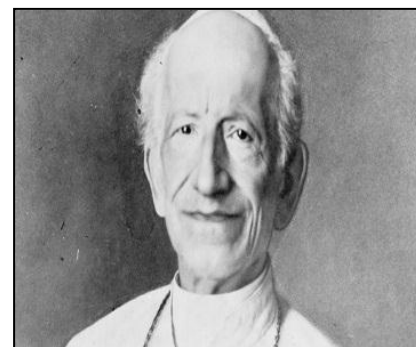
1.3 BREVE CONTEXTO SOCIAL: OS SINAIS DO TEMPO

O movimento noelista foi designado ao público feminino desde a sua fundação e tinha como característica principal problematizar e resguardar a mocidade e as famílias dos elementos da modernidade que segundo os ideários difundidos pelo fundador corrompiam os ensinamentos de Cristo e sua moralidade.

Neste sentido, é importante destacar que elementos modernos são estes que ofereciam perigos para a família e para a nação. Segundo Sevcenko (1998) e Hobsbawm (2008) os séculos XIX e XX foram de intensas transformações. Mesmo com diferentes opiniões acerca

do século XIX os historiadores apontam para uma mesma conclusão: estes dois séculos alteraram definitivamente as estruturas sociais em todas as perspectivas possíveis devido aos processos de modernização, industrialização e crescimento populacional.

Figura 3 – Papa Leão XIII



Fonte: Vatican... (s/d)

Hobsbawm (2008, p. 114) explicou que as experiências dos séculos supracitados foram transformadas de uma forma intensa e drástica na vida de todos, possibilitando discussões que estavam além do esperado pela sociedade da época, causando desta forma grande impacto nos principais fomentadores de opinião que eram a Igreja e o Estado. Para Sevcenko (1998, p. 09) as alterações tecnológicas e científicas dessa nova era subverteram o que era considerado como inalterado ou dito como correto, ou seja, toda a esfera social foi transformada.

A sociedade vivenciou e percebeu estas alterações e o conservadorismo compreendeu como uma ameaça a ordem ‘natural’ da vida.

Não deixai ser ludibriada com este mal que assola a terra. Aprendeste com tua mãe a cozer, passar, cozinhar, organizar teu lar e cuidar dos filhos e esposo, esta modernidade tira a paz do teu lar, inquieta teu marido que vai procurar a paz em outros lugares. Não deixai que estes novos ventos que são trazidos com mulheres vida fácil e sorridente com o correto. A boa mulher é aquela que produz tudo que esta em sua casa, é tarefa dela trazer a perfeição, pois uma boa mulher edifica seu lar, da paz a seu lar. Não seja tola, o mal vem vestido para que sejamos enganados, ficai atenta, a boa mulher vive da oração e da ação pelo seu lar. (*A Imprensa*, 03 de setembro de 1931).

Neste período ocorreu à entrada de bens materiais nunca antes visto pela humanidade, ainda de acordo com Sevcenko a Segunda Revolução Industrial possibilitou descobertas de novos bens de consumo para população. Também chamada de Revolução Científica-Tecnológica modificou a própria estrutura familiar. Até aquele momento era no ambiente familiar que se constituía o local de trabalho, dado que os arranjos familiares formavam sua sobrevivência unida, portanto todos os membros do núcleo familiar atuavam juntos, seja na agricultura, seja no artesanato (manufaturas) ou seja nos pequenos comércios. A essa “Era” industrial é atribuída à dispersão da família que passa a buscar novos lugares de trabalho.

Dentro desse contexto de mudança no seio familiar e social emergiu o Liberalismo com a ideia de que o homem não é mais visto como pertencente à família e sim como o

sujeito diante do Estado, e portanto detêm direitos e deveres. Essa noção de liberdade social, cultural e trabalhista propiciou também uma revolução na estrutura do núcleo familiar.

Para o Papa Leão XIII³⁹ a Revolução Industrial esfacelou a família e formulou um novo tipo de humanidade que é desprendida do bem comum cristão. É válido ressaltar que esse discurso é direcionado principalmente para o cristão pobre que começou a perceber a existência dos direitos e a lutar por eles. Na Encíclica Papal *Rerum Novarum* (1891) que quer dizer “Das Coisas Novas” o Papa chamou atenção para as “coisas novas” e considerou este tempo como a “corrupção dos costumes”, ou seja, considerava que as consequências da industrialização deveriam ser combatidas através de uma nova “ordem” social que restaure os antigos paradigmas e que restabeleça o bem comum. Portanto, conforme Leão XIII:

Em todo o caso, estamos persuadidos, e todos concordam nisto, de que é necessário, **com medidas prontas e eficazes**, vir em auxílio das classes inferiores, atendendo a que eles estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida. (*Rerum Novarum*, 1891) (grifo meu)

Esta nova sociedade buscava por melhores condições de vida e a Igreja Católica considerava que os discursos liberal e socialista deveriam ser combatidos, pois segundo o Papa Leão estes alteravam estrutura natural da sociedade que deveria adquirir suas posses através do trabalho. O socialista como o Papa intitulou era o contraposto ao mundo capitalista que emergiu com a indústria, a economia se transformou, o homem reconheceu sua força de trabalho a partir de um valor, percebeu seus direitos, teve acesso ao conhecimento.

De acordo com o pensamento conservador as reivindicações dos trabalhadores, assim como os novos modelos de vida, deveriam ser combatidas e para isso era necessário um regulamento moral que assegurasse a “ordem”. Portanto, toda e qualquer luta que emergiu da esfera trabalhista foi vista como uma “desordem social”, logo uma ameaça à regularidade da vida social elitista e também uma ameaça a própria ordem econômica social e cultural dentro da Igreja.

Dessa forma, fica explícito que o posicionamento da Igreja é anticomunista e antiliberal, no entanto durante toda a escrita o Papa Leão XIII faz um paralelo destacando o lugar do trabalhador como importante para o desenvolvimento de uma nova “ordem” na

³⁹Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi Pecci Prosperi Buzzi, também conhecido como Papa Leão XIII, nasceu em 1810 e teve sua morte em 1903. Foi ordenado em 1837, tornou-se Papa em 1878 e ficou famoso devido as suas encíclicas possuírem um caráter social. Para alguns a encíclica mais importante dele foi a *Rerum Novarum*, pois além de falar sobre as condições existentes despertou uma linha esquerda dentro da própria Igreja Católica.

sociedade, ressaltando ainda que os direitos dos trabalhadores que devem ser respeitados pelo capitalismo avassalador da “era” industrial:

Condenada muitas vezes pelo julgamento da Igreja, não tem deixado de ser praticada sob outra forma por homens ávidos de ganância, e de insaciável ambição. (...) tornaram o quinhão dum pequeno número de ricos e de opulentos, que impõem assim um jugo quase servil à imensa multidão dos proletários. (*Rerum Novarum*, 1891).

É de suma importância frisar que a Igreja defende o direito do trabalhador, mas ela também é a favor da propriedade privada, ou seja, é contra o comunismo e o liberalismo, desta forma Leão XIII encontrou uma via confluyente entre o capitalismo e o socialismo para o desenvolvimento da sociedade em que o Estado interpele ações importantes para favorecer o proprietário e o proletariado. Logo, o discurso central era o de favorecimento da posse e dos bens.

Para Carvalho et al. (1982) apud Barroco (2003, p. 96)

A Igreja “deixa de se antagonizar ao capitalismo para concebe-lo através de uma terceira via – em que o liberalismo é substituído pelo comunitarismo ético-cristão –, passa a localizar na vanguarda socialista do movimento operário seu principal inimigo. Radicaliza-se a postura anticomunista da hierarquia e do movimento laico. O eixo principal de sua atividade de propaganda e proselitismo será, crescentemente, uma intensa campanha ideológica em que se procura vincular o comunismo às ideias de miséria e barbárie. Ver-se-á no laicismo e no liberalismo os germes do socialismo totalitário”.

Logo, percebe-se que a ideia central é uma harmonia e aceitação social, ou seja, para a Igreja deveria existir uma relação de respeito entre patrão e empregado, em que cada um deveria exercer seu ofício a partir de uma consciência crista, portanto, patrões não deveriam explorar seus funcionários e serem justo quanto às condições de trabalho e salarial. Já o posicionamento do trabalhador seria o conformismo, por conseguinte aceitar aquilo que Deus possibilitou em sua vida, pois sem a força do trabalhador a Pátria não desenvolveria, sendo assim, era importante compreender que trabalho compreendesse que ele era uma modelo natural para a vontade de Deus, ou seja, ao combater as ideias comunistas ele pregou os “direitos legítimos dos proprietários”.

O discurso central era que o rico deveria praticar a caridade e o pobre a aceitação, pois para a população desprovida ficaria a riqueza no céu. Neste sentido, ocorreu que a Igreja confirmou os interesses do capitalismo, contribuindo para disseminar o lugar do trabalhador

que não podia ser revolucionário e sim subserviente as condições da sociedade como o “natural”.

Logo, Hobsbawm (1988, p. 88) compreende que a industrialização transformou a vida da humanidade a ponto de torna-se irreconhecível. Para alguns, portanto, os modelos vigentes foram questionados e alguns derrubados, abrindo espaço para a construção de novos paradigmas, sejam nas questões alimentícias, vestuários, bens materiais e principalmente na cultura da moralidade e educacional.

A instauração desta transformação perene como já foi mencionado possibilitou o homem reconhecer seus direitos como também o trabalho feminino. Sendo assim, é neste contexto de embates ideológicos dos *novos tempos* que a família, em especial a mulher, ganha papel de destaque. As relações foram alteradas pelas condições de espaço e de tempo, a noção de temporalidade passou a ser associada à ideia de progresso e evolução constante. Os convívios privados e coletivos foram redefinidos pelas alocações de poder de cada sujeito. As teias familiares também sofreram intensas mudanças com os novos ventos da modernidade e foi ser justamente a partir deste viés que as noelistas atentaram para combater, ou seja, a família *é o lugar sagrado que deve ser preservado dos infortúnios que a modernidade oferece*. (Ata de reunião. 12 de julho de 1932).

O mundo feminino que era feito único e exclusivamente para a vida doméstica (casamento ou votos religiosos) ganhou a área pública. A mulher passou a conviver no ambiente doméstico e público, visto que passou a dividir sua força de trabalho nas indústrias para fortalecer ou até mesmo para estabelecer uma economia familiar. Essa é a nova mãe que surge no fim do século XIX e início do XX. Porém, essa é a nova mulher que deveria ser combatida pelo noelismo. Apesar de o Noel ter possibilitado a mulher gozar de certa liberdade, esta liberdade era controlada e organizada de acordo com modelos pré-estabelecidos. Neste sentido, o noelismo permite compreender um embate ideológico e prático existente entre a *mulher digna* (a conservadora) e a *mulher indigna* (a trabalhadora, a desquitada, a desvirginada, a moderna, etc.).

Diante desta perspectiva de lutas ideológicas e combate à determinadas características da modernidade, autores como Perrot (2005), possibilitou uma visão mais aproximadas das vivências sociais e privadas deste período, o que permitiu entender como a família, em especial a mulher, precisou ser controlada para que ocorresse supervisão, ordenamentos e

estruturações das práticas cotidianas engendradas a partir do núcleo familiar como elemento central da sociedade.

Não é apenas o meu, ou o seu, é para serem todos cuidados. Os jovens são as criaturas mais propensas a este vírus da frivolidade e da modernidade. Precisamos nos unir e combater, pois se o mal não for combatido ele corrompe a todos como uma erva daninha. Eu faço a minha parte e vocês devem fazer a de vocês. Estas cabecinhas ingênuas e levianas devem ser guiadas para o espírito de Cristo. Se nos não tivermos condições de guardar nossa família, o que será do amanhã? O que será das famílias, da Igreja e de Deus? Reguemos e cuidemos do nosso jardim para que não aconteça do mal nascer e penetrar. O primeiro estágio é a oração, o segundo a devoção e o terceiro o exercício. O exercício da fé é que demonstra a nossa intenção nas orações. (*A Imprensa*, 03 de setembro de 1932, p. 08).

O panorama de transformação ficou perceptível não apenas nas grandes esferas da vida, mas também incluiu-se no cotidiano, no hábito das pessoas e na forma como estas enxergavam suas vidas e as vidas dos outros. A própria noção de espaço público e privado foi alterada e isso possibilitou grandes alterações na formação das identidades⁴⁰ individuais e sociais dos sujeitos.

A partir dessas mudanças ocorridas no seio da sociedade, iniciou-se como já foi supracitado a romanização da Igreja Católica. No Brasil, a Igreja romanizada começou na segunda metade do século XIX e expandiu-se até a proclamação da República. Neste contexto ocorreu a separação entre a Igreja e o Estado. Essa separação entre a Igreja e o Estado, foi ocasionada devido o surgimento do movimento anticlerical que originou-se na França e que impulsionou uma onda de mudanças sociais que a Igreja Católica considerava um abalo na fé da humanidade.

Ao passo que esse processo de separação entre a Igreja e o Estado se consolidou ao longo do século XIX, a ideia de progresso e de secularização ganhava dimensões e status diante da sociedade. Em contrapartida, a Igreja Católica decaía diante dos seus próprios dogmas e refutações, pois determinados assuntos que outrora nunca foram questionados passaram a ser constantemente alvo de discussões no mundo clerical e fora dele. A noção de ciência se consolidou abrindo espaço para um racionalismo crescente e imperante que julgava os ensinamentos da fé como algo alienante e obscuro e acima de tudo retrogrado.

Entre os principais elementos que a Igreja combatia estava o racionalismo e o laicismo, contudo, mesmo diante dos avanços dos ideários destes pressupostos o Papa Leão

⁴⁰O conceito de identidade neste trabalho tem como perspectiva os estudos de Stuart Hall (2001). As múltiplas identidades que o mesmo sujeito possui influi e conflui para a formação das mentalidades e para os jogos de poder e social que este período perpassava.

XIII revisitou os princípios cristãos e na encíclica papal *Rerum Novarum*(1891), possibilitou e orientou aos fieis a aceitação de um mundo com características mais modernas, porém continuou combatendo a separação entre a Igreja e o Estado. Este combate foi tomado pelas noelistas como lema principal do grupo, as mulheres utilizaram das ações da catequese e da assistencialidade para promover e divulgar os ideais defendidos pela Igreja. As mulheres noelistas consideravam uma ofensa aos dogmas cristãos o “novo” tipo de mulher, de família e os costumes que surgiram após a Revolução Industrial, “É preciso combater este mal que assola o mundo. É mulher deixando seu marido, marido deixando sua mulher, é a família se desfazendo diante das impurezas do mundo. Uni-vos em oração e ação para proteger e retirar nossas famílias deste mal” (*A Imprensa*, 12 de agosto de 1931).

1.4 A DIFUSÃO DOS PRINCÍPIOS CATÓLICOS: NÚCLEO NOELISTA E A IGREJA

Ronaldo Vainfas (2010, p. 58) destacou que a família deixou de ter o poder em suas mãos, deslocando para a Igreja Católica o poder de resguardar os princípios do matrimônio. Para Flandrim (1986, p. 164) no período medieval “a Igreja Tridentina vislumbrou na família um dos lugares privilegiados da vida cristã”. Assim, o Direito Canônico foi utilizado para normatizar e contestar em nome de Deus quem operasse de forma contrária, permitindo aos chefes católicos atenção e cuidado sob a esfera pública e privada⁴¹. Segundo Fachin (2001, p. 34) o casamento e a união familiar ganharam conotação de respeito, ascensão, status quo e segurança, contrapondo a qualquer união que não possuísse as bênçãos clericais.

Logo, dentro do contexto histórico, a Igreja Católica através dos dogmas⁴² ganhou o direito de inferir diretamente nas uniões e nas relações pessoais, possibilitando dessa forma estabelecer e sancionar aquilo que era aceito ou não. Neste sentido, ao longo da história a Igreja sempre se manteve como a mantenedora da união e como a principal responsável em supervisionar o matrimônio. A sociedade conservadora do século XX continuou utilizando os valores e costumes dessa ideologia para a formação da sociedade e do estado e para estabelecer os parâmetros ideais da organização da sociedade. Portanto, todo aquele que não

⁴¹A noção de público e privado na Idade Média não é igual à modernidade. Utilizo os dois termos para destacar que a Igreja tinha o poder penetrar nas instituições familiares sem ser questionada.

⁴²A reforma Tridentina sancionou o casamento em 1150 como um sacramento e utilizou deste como um de seus projetos da contrarreforma (VAINFAS, 2010).

comungasse dos ideais defendidos pela Igreja estariam corrompendo a “ordem” natural da vida e da sociedade. Nessa perspectiva, de acordo com o “Paroco”⁴³:

(...) aprendeste com tua mãe e tua vó qual é o lugar da mulher. Respeitai os cabelos delas, daí valor aos ensinamentos e fazei de ti uma grande mulher assim como elas. Uma boa mulher se preserva, uma boa mulher ora, uma boa mulher esta junto ao seu esposo, guiando e cuidando para que toda a família esteja unida. Não sejais leviana em sair como as mocinhas de cabeça fútil para querer gastar o dinheiro do teu marido ou do teu pai. Protegei aquilo que Deus ensinou através dos mandamentos. A subserviência a teus pais e a teu esposo (...) (*A Imprensa*, 03 de novembro de 1932).

A Igreja juntamente com o estado utilizou determinados mecanismos para vigiar, controlar e punir aqueles que desviassem da moral instituída. Entre os elementos podemos destacar a confissão “Confessai teus pecados e não pecai mais assim Deus te possibilitará boas novas” (*A Imprensa*, 12 de julho de 1938).

Dentro do noelismo é possível perceber a partir de seus escritos que elas buscavam vivenciar todas as experiências religiosas como forma de ter uma “comunhão perfeita entre a ação e a oração”(*Ata de reunião*. 06 de abril de 1936. Livro II.). Outro método para instituir o certo e o errado foi através dos manuais de condutas⁴⁴ e por meio dos periódicos. Nos primeiros anos do século XX o Brasil vivenciou a abertura de inúmeros periódicos destinados ao universo feminino, ou seja, compreende-se que na época o público feminino estava começando a ter uma alfabetização mais assídua, sendo utilizados os periódicos como forma complementar de inculcação e formação ideal para as mulheres.

Neste sentido, o Noel na Paraíba utilizou o jornal *A Imprensa* como seu principal difusor. O *noelismo* teve e tem⁴⁵ como perspectiva principal a formação e orientação espiritual e intelectual exigente balizada nos ideários cristãos em que a ordem e a subserviência caminhavam unidas, portanto cada prática das noelistas deveria ser regida de acordo com os princípios cristãos de amor, solidariedade, piedade e respeito ao próximo. “Iremos nos reunir no dia 12 de dezembro para organizar as doações para as famílias mais pobres na casa de ‘Poti’ as 10 horas da manhã, estão convidados a nos ajudar nesta caminhada de amor e comunhão” (*A Imprensa*, 1931, p. 09).

⁴³Não foi encontrado neste arquivo nenhuma menção de quem era o “Paroco”, porém o texto se encontrava na seção da “Cultura Feminina” que destinava-se as noelistas. Acredito que seja algum dos “protetores” do núcleo na Paraíba.

⁴⁴ A maioria das vezes escrito por homens casados ou pelo clero.

⁴⁵Em alguns lugares como Recife e Portugal o Noelismo ainda existe até os dias de hoje. Durante a pesquisa foi possível perceber como o grupo é atuante principalmente no Estado do Recife. Atualmente existe cerca de 22 participantes e se chama *Novo Noelismo*.

A inserção do noelismo ocorreu na sociedade através do clamor pela mocidade feminina e na vida familiar e social de forma a “beneficiar” todos, como foi citado acima, uma vez que o núcleo tinha como função pensar e ajudar nos problemas sociais e individuais. Cada noelista deveria ser guiada pelo espírito da compaixão e da fé para ajudar ao próximo, de modo que os problemas da humanidade eram constantemente preocupação do grupo. Para elas a essência/pureza da humanidade deveria ser resguardada.

(...) Protegeí as crianças, elas são o bem mais próximo a Deus. Sua pureza é inigualável. A criança não conhece o mal, a inveja, a luxúria. Precisamos nos revestir com o espírito da criança que só tem bondade e amor. Nas crianças a felicidade e o bem caminham juntos, através olhar da criança conhecemos o amor de Deus pela humanidade, pois ele se fez menino e se doou a nós como sinônimo de esperança e salvação. (*A Imprensa*, 01 de janeiro de 1936).

Ou seja, a todo o momento as noelistas utilizavam do jornal e de ações para promover e difundir os ideários propostos por seu fundador. Para que as tarefas de *boa mulher* no processo evangelização e catequização social e religiosa fossem cumpridas, de acordo com princípios cristãos, eram postas para as noelistas uma formação teológica e espiritual exigente para que elas percebessem e manifestassem uma vida consciente e/ou consistente da prática cristã. Desta forma, os ideários eram baseados no Mistério da Encarnação que era chamada de *espiritualidade noelista*.

Viver a *espiritualidade noelista* era renunciar a uma vida de práticas em que a individualidade se fazia presente. Para as noelistas viver o mistério era unificar sua vida a presença de Deus, aos homens e ao mundo, haja vista que viver o noelismo era doação a Cristandade e a humanidade, era doar sua vida as atividades de cooperação, incentivo, espiritualização e crescimento coletivo. Além de ter uma formação intelectual necessária para compreender os ensinamentos e sinais divinos, “a todo momento Deus nos manda sinais para fazer o bem no mundo, precisamos estar atentas” (*Ata de Reunião*. 2 de abril de 1941. II Livro, p.1).

Através dos discursos de amparo e da assistencialidade as noelistas conseguiam alcançar lugares “inóspitos” do mistério em Cristo e colocavam como obrigação em suas vidas o “resgate” para o mundo cristão. Se reuniam para ir em busca daquelas pessoas que eram consideradas *desgarradas* do pertencimento a Cristo. Pertencentes a elite e com uma formação particular ou em boas escolas, as noelistas gozavam de poderes que muitas mulheres que apenas tinham o trabalho como sobrevivência desde a infância desejavam, ou

seja, elas eram um grupo minoritário e/ou pequeno que utilizavam de elementos genuínos do seu lugar social para conseguir determinados benefícios em prol de coletividade.

As crianças da comunidade Mãe dos Pretos agora estão vestidos, através das ajudas e doações conquistadas por todas nós conseguimos fazer com eles tivessem uma vida mais amparada em Cristo. Precisamos montar um espaço para catequizá-los e já temos o apoio do nosso mentor querido Arcebispo. (*Ata de reunião*. Maio de 1933, s/p).

Outra característica elementar das noelistas era o discurso de que elas deveriam estar atentas aos sinais dos tempos, de forma que elas tinham uma missão que era considerada vanguardista em relação à Igreja e ao mundo no sentido de “adivinhar” e/ou prever os caminhos que a humanidade deveria trilhar para enfrentar os problemas do mundo, afinal, “é nosso dever perceber os problemas e lutar para que não acabem com a estrutura da sociedade” (*Ata de reunião*. S/D 1932. I Livro, s/p)

A partir de ideias, como a supracitada, as noelistas viviam constantemente em busca da espiritualização e da fé para proporcionar a sociedade um futuro promissor. Através das obras de caridade e assistencialistas como: organizações de bazares, doações, catecismos, retiros, seminários, ajudas nos hospitais e nas comunidades, estas mulheres investiam porque acreditavam que o mundo vivia grandes transformações e que a humanidade precisava estar atenta para ser salva.

Desta forma para as mulheres noelistas cabia a elas o papel de inculcar a normatividade, a fé e a espiritualidade cristã, e é a partir deste pensamento que surge o *Núcleo Noelista* em 05 de agosto de 1931, tendo como as organizadoras as senhoras Lulmira Gouveia e Carmem Coelho.

A vice presidente prelecionou sobre os fins do Noel, mostrando os deveres das noelistas na família, na sociedade e para com a União Noelista. Somos todas uma só família em busca da unidade cristã e da luz da vida. (*Ata de reunião*. 05 de agosto de 1931, s/p).

A família era considerada pelo noelismo e pela Igreja Católica como a base para o desenvolvimento pleno da nação, cabendo à mulher o papel civilizador, ou seja, *a família é o núcleo base da sociedade* (*A Imprensa*, 27 de setembro de 1932, p. 6). O ideário da *Irradiação de Noel* na Paraíba foi respaldo do movimento católico originado na França, e que chegou ao Recife (1914), porém em grande medida ganhou nuances e perspectivas próprias. Na Paraíba atuou entre os anos de 1931 até 1978 tendo em média umas vinte mulheres participantes e correspondentes a uma função.

Durante os anos de 1931 a 1945, que é o período desta pesquisa, ficou perceptível que muitas mulheres da elite participaram do grupo, no entanto a grande maioria participou a curto prazo (cerca de seis meses a um ano). Sendo assim, compreende-se que existia uma rotatividade das participantes. No primeiro ano ficaram consolidadas uma média de vinte mulheres por reunião, em alguns momentos chegando a pouco mais de trinta, porém com o passar dos anos o número de participantes foi decaindo. Acredito que um dos motivos para a saída e entrada de noelistas no núcleo deriva do fato de muitas encontrarem problemas no ambiente familiar ao participar do movimento, pois em algumas atas de reuniões encontrei como justificativas pela ausência destas mulheres questões familiares com seus maridos e sogras por conta da participação destas em exercício e funções públicas.

Algumas de nós encontramos problemas para que compreendam qual é o nosso objetivo na Igreja. Por isso precisamos ser perseverantes na missão que nos foi incumbida. Uma mulher sábia transforma seu lar, edifica-o de acordo com o desejo de Deus. Jamais entrem e desavença com seus maridos e pais. É através da sabedoria que a mulher alcança seus objetivos. (*Ata de reunião*. 20 de junho de 1932, s/p).

Abaixo segue a lista das participantes assíduas do noelismo na Paraíba no primeiro ano de fundação. Essa lista encontra-se disponível em atas de reunião que elas assinavam e um quadro feito por elas para distribuição das funções.

Tabela 1 – Lista de Funções dentro do Núcleo Noelista

Nomes das Participantes	Pseudônimos	Função
Lulmira Gouveia	Arco – íris	Presidente
Carmem Coelho	Tabajara Noel	Vice
Lindalva Gama	Poti	Secretária
Marta P. de Araújo	Acauã	Tesoureira
M. Amália L. Maior	Cabo Branco	Bibliotecária
Lourdes Mindêlo	Praia Formosa	Presidente Caçula
Nanete Mindêlo	Tacaraúna	Catequista

Darita Pessôa	Gérbera	Catequista
Francisca Cunha	Jati	Catequista
Geni Barreto	Forte velho	Catequista
Lulmira Botêlho		
Tabela 1 – Lista de Funções dentro do Núcleo Noelista (continuação)		
Rosa Lianza		
Edite Costa	Japi	Catequista
Hilda Neto	Ubá	
Eliana Pinto		
Marieta Cunha	Tambaú	Catequista
Marieta do Cléo Aphá	Jhinhuá	
	Riachuello	Presidente diocesana

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 4 – Imagem da Lista de Funções dentro do Núcleo Noelista (1932)

Registro

Nº	Nomes	Residências	Endereços	Funções	Atividade	Outros	Outros	Outros	Outros	Outros
1	Admiral Gomes	Rua das Linhas 36	"Laco Iris"	Presidente	Atividade					
2	Comunidade	" "	"Laco Iris"	Vice-Presidente	Atividade					
3	Andaluzia Gomes	Rua das Linhas 25	"Laco Iris"	Secretaria	Atividade					
4	Marista Gomes	" "	"Laco Iris"	Tesoureira	Atividade					
5	Marista Gomes	Rua das Linhas 13	"Laco Iris"	Bibliotecária	Atividade					
6	Francisca Gomes	Rua das Linhas 11	"Laco Iris"	Arquivista	Atividade					
7	Francisca Gomes	" "	"Laco Iris"	Contabilista	Atividade					
8	Francisca Gomes	" "	"Laco Iris"	" "	Atividade					
9	Francisca Gomes	Rua das Linhas 150	"Laco Iris"	" "	Atividade					
10	Francisca Gomes	Rua das Linhas 15	"Laco Iris"	" "	Atividade					
11	Francisca Gomes	Rua das Linhas 15	"Laco Iris"	" "	Atividade					
12	Francisca Gomes	Rua das Linhas 15	"Laco Iris"	" "	Atividade					
13	Francisca Gomes	" "	"Laco Iris"	" "	Atividade					
14	Francisca Gomes	" "	"Laco Iris"	" "	Atividade					
15	Francisca Gomes	Rua das Linhas 150	"Laco Iris"	" "	Atividade					
16	Francisca Gomes	" "	"Laco Iris"	" "	Atividade					
17	Francisca Gomes	Rua das Linhas 15	"Laco Iris"	" "	Atividade					

Fonte: Acervo das Noelistas – Arquivo Arquidiocesano da Paraíba.

Através da seção “Cultura feminina”, do jornal *A Imprensa*, as práticas sociais das noelistas eram informadas e difundidas ao grande público. O Noelismo formou gerações de mães e/ou donas de casa de acordo com o pensamento conservador cristão: “Lembrando a cada uma, o dever de adesão é tão nobre que causa elevação a dignidade da mulher, em meio dos excessos de modernismo anticristão. Venha nos ajudar nesta luta, venha ser uma noelista”. (*A Imprensa*, 18 de outubro de 1934, p. 08).

O uso dos pseudônimos pelas noelistas começou através do Padre Claude Allez que utilizou o pseudônimo de “Nouvellet”, e a partir daquele momento suas seguidoras passaram a utilizar também, tanto no que se refere ao Noel na França como em outras nações e os outros grupos espalhados pelo Brasil.

Uma das hipóteses levantadas sobre o uso dos pseudônimos está relacionada a humildade, reserva e/ou resguardo dos nomes e sobrenomes, pois todas pertenciam a elite paraibana e talvez tentassem diminuir a exposição aos leigos. Como também pode ter sido uma forma de proteção aos nomes de “ataques” e insultos pelas matérias que circulavam no jornal e/ou pela descrição, já que sua família não seria associada a uma mulher que estava “fora” de casa.

Entre as matérias analisadas nesta pesquisa ficou perceptível a constância de debates acerca da modernidade. Nos anos iniciais do noelismo na Paraíba ficou evidenciado que as noelistas eram totalmente contra a modernidade e combatiam fervorosamente qualquer ação ou pessoa que tivesse teor moderno. “Não deixais os filhos serem corrompidos por estes modelos expostos em vitrines e revistas, guardai-vos deste vírus da modernidade, o mal é contagiante, mas através da oração conseguimos a preservação” (*A Imprensa*, 18 de abril de 1932, p. 13). Entretanto, a partir de 1933 ocorreu uma leve mudança de discursos em relação à modernidade nos textos publicados pelas noelistas. A sociedade de um modo geral, inclusive elas, naquele momento recebiam influências e desejavam modernizar-se através dos modelos importados, mas concomitantemente conflitavam com os padrões tradicionais. Era considerado “chique” ter determinados objetos em suas casas como sinônimo de modernidade.

A mudança de perspectiva em relação à modernidade neste trabalho é entendida também a partir da sucessão de Bispos que ocorreu na Paraíba, algo que será analisado no segundo capítulo. Não obstante, mesmo diante de um novo pensamento em relação à modernidade, as noelistas tentaram conciliar um modelo de vida baseada entre o *moderno-tradicional*.

Não é por acaso as investidas das noelistas em resguardar a família da *frivolidade que ludibriava as moças ingênuas do seu real papel social* (*A imprensa*, 1933). As noelistas consideravam que o alvo fácil da modernidade eram os jovens. E que era o papel da matriarca evitar que seus filhos fossem levados para o *mal caminho*. Para elas os jovens estavam mais propensos justamente pela falta de experiência e por isto era preciso encaminhá-los para o

trabalho da fé cristã. As crianças deveriam ter os ensinamentos em Cristo desde cedo iniciado para quando chegar à vida adulta não ser corrompido pelos males que assolam a vida.

Entre os principais assuntos debatidos na “Cultura feminina”, destaca-se: a modernidade, as Igrejas Maçônicas e protestantes, padrões de estética e beleza, a moralidade, entre outros a favor da família e dos princípios católicos⁴⁶. Ou seja, utilizavam desses temas para mostrar o que é uma verdadeira prática cristã através de ensinamentos práticos e religiosos. Portanto, as noelistas possibilitavam a formação prática e espiritual.

Ao tecer e analisar o cruzamento entre os assuntos debatidos pelas noelistas é necessário da ajuda de outras ciências com a finalidade de compreender como estes temas interferiram no processo de desenvolvimento da sociedade do século XX. A pulverização das fronteiras do saber possibilitaram justamente compreender os mais variados mecanismos e relações de poder existente na sociedade, neste sentido, tornou-se de suma importância compreender como a organização Estatal e Clerical processavam as mudanças que ocorria na Paraíba, no Brasil e no mundo.

É evidente que nos dias hoje diante destas mudanças que alteram a nossa vida é necessário que nos unamos com aqueles que protegem a nossa sociedade e trazem benfeitoria para ela. O nosso atual líder político (José Américo) é um representante de benfeitorias para nosso estado, para nossa cidade e para nosso grupo com suas inúmeras doações. O nosso arcebispo é outro exemplo de generosidade e cuidado com seu rebanho. A frente do seu povo procura ajudar os mais necessitados e estimula a prática da doação. A Paraíba vive hoje melhores momentos do que os passados, temos melhores condições de viver. (*A Imprensa*, 22 de fevereiro de 1931).

A partir de matérias como a supracitada ficou evidente que a Paraíba passou por processos de transformações tanto, no que se refere no cultural como no econômico. Estas transformações alteraram decisivamente as condições de vida mulher noelista, afinal foi dentro do contexto da República Nova⁴⁷ que o Noel surgiu na Paraíba como um núcleo de prestígio junto ao governo do Estado.

No Brasil nas últimas décadas, em especial a partir dos anos 1980, tem ocorrido uma crescente demanda de trabalhos acadêmicos que investem o olhar na historiografia da história das religiões. Porém essa escala de trabalho ainda é modesta diante da vastidão desse campo do saber. O meio acadêmico tem possibilitado uma vivência mais plural com outras áreas do

⁴⁶ As matérias serão analisadas e discutidas no terceiro capítulo deste trabalho.

⁴⁷ Este assunto será discutido no capítulo a seguir. O termo “República Nova” faz referência a instauração do governo iniciada em 1930 com a presidência de Getúlio Vargas e as mudanças oriundas deste no cenário político paraibano.

conhecimento e pesquisadores tem se debruçado sobre esse campo que tem grande parte dos arquivos conservados devido à organização adotada pela funcionalidade das instituições religiosas e abertura de incentivos por parte do governo e de Organizações Não Governamentais (ONGs).

É válido lembrar também que o interesse renovado na cultura religiosa do país ocorre devido às políticas de respeito à diversidade através de órgãos, como a Secretaria de Direitos Humanos (SDH), que investem pesquisas e trabalhos na prática da laicidade e na valorização das religiões cristãs e não-cristãs, ou seja, aquelas instituições religiosas que não são consideradas tradicionais no Brasil (religiões Afro-brasileiras, Espiritismo, Orientais)⁴⁸. Porém, mesmo diante desse panorama que tende a mudar o conhecimento acerca da história das religiões no Brasil é indispensável pensar como essa área tem desenvolvido seus trabalhos e que tipo de trabalhos tem sido produzido.

Diante de uma diversidade abrangente como é a brasileira, pesquisadores e curiosos podem encontrar dificuldades em trilhar sua pesquisa. Segundo Nunes (2009, p. 19) a história das religiões no Brasil tem como prioridade, na contemporaneidade, definir seus conceitos e métodos de pesquisa. Noutro sentido, Da Mata (2010, p. 16) alega que é objetivo da história das religiões é compreender e explicar a religiosidade nas suas relações contínuas com a cultura e com a sociedade. Agnolin (2013, p. 87) destaca que é importante a operação de historicizar o conceito para a compreensão da pluralidade histórica.

Segundo Maduro (1983, p. 31), o próprio termo religião é uma tarefa complicada: devemos defini-lo em virtude de seu caráter polissêmico. Para ele este termo tem um “sentido rico, mas, no fundo, um sentido complexo, variável, multívoco e confuso”, por isso Joachim Wach (1990, p. 56) preferiu não definir religião devido a este caráter amplo. Weber, em seu livro *Sociologia das Religiões* (2006, p. 117), concebeu a ideia de que a religião é um fenômeno do ser humano, que foi “inventado” para que a humanidade conseguisse responder a questionamentos acerca da sua existência. Portanto as religiões teriam se originado das sociedades humanas e seriam uma das causadoras das transformações da sociedade. É a partir de conceitos como o de Certeau (2003, p. 56) que compreendo o *Núcleo Noelista* como resultado do seu lugar social e do seu tempo.

⁴⁸ Ver *Projeto História* da Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981).

Neste sentido, adoto o conceito de religião a partir das ideias de Da Mata (2010, p. 16), como um termo plural e flexível, pois compreendo a sociedade a partir dos signos da diversidade e da pluralidade e penso meu objeto de estudo a partir do cruzamento de ideias demasiadamente conservadoras cristãs com valores considerados “liberais”. O historiador na historiografia das religiões tem de trilhar caminhos pouco palpáveis pela natureza do objeto de estudo. As discussões em torno da formação da sociedade e a concepção das hierofanias compõem juntas uma constituição cultural complexa. A religião tenta um sentido para a vida, pois: “Para poder viver, o homem, orientado pela compreensão não pode senão transformar a experiência da história em algo com sentido, ou, em outras palavras, assimilá-la hermeneuticamente”. (KOSELLECK, 1997, p. 69).

Neste sentido, a compreensão do noelismo como difusor da religião católica na Paraíba é de suma importância, dado que ele faz parte de um projeto social, cultural e religioso que abrange a vivência de inúmeras famílias modificando as condições de vida, as ideologias e as práticas culturais imbricadas. Portanto, este trabalho parte do objeto que a é religião crista que foi difundida por um grupo criado dentro do processo de romanização, que instaurou não apenas modelos de vida e conduta, mas também modelos de fé. Logo, procuro entender o Noel não apenas como um projeto ideológico, mas também como sinônimo de lutas progressivas e individuais de mulheres que acreditaram no projeto de mudança da sociedade, pois o Noel foi trazido por alguém que não pertencia ao clero brasileiro; contudo foi bem recebido devido às aberturas que ocorreram para barrar os avanços da modernidade.

Logo, acredito que essas mulheres perceberam, adotaram e consagram o Noel na Paraíba como objeto de luta constante contra as mudanças que mudavam a estrutura social, ou seja, compreendo o noelismo como o movimento das mentalidades conservadoras da época baseadas na própria fé individual na humanidade.



CAPÍTULO II – A IGREJA E O ESTADO JUNTOS NO CONSERVADORISMO CATÓLICO

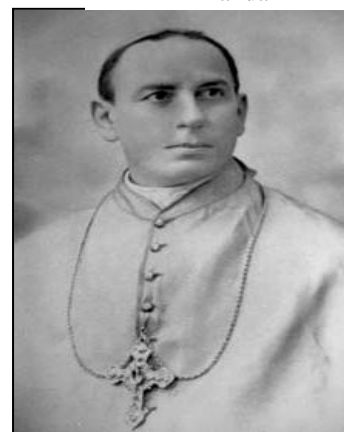
2.1 A IGREJA CATÓLICA NO CONTEXTO DO INÍCIO DO SÉCULO VINTE

*A Parahyba conserva a moral*⁴⁹

“Terra de grande fervor religioso e moralidade intacta que preza pela boa conduta e adota como principal valor da vida o amor a Cristo. A nossa terra mais uma vez mostra para todos que o mal aqui não terá vez, pois estaremos unidas contra (...)” (A *Imprensa*, 14 de abril de 1931), a Paraíba a partir de 27 abril de 1892 tornou-se efetivamente compromissada com o dever da moralidade cristã com a fundação de sua Diocese⁵⁰ através da Bula *Ad Universas Orbis Ecclesias* emitida pelo Papa Leão XIII⁵¹, porém apenas teve suas instalações devidamente configuradas canonicamente a partir da chegada do primeiro Bispo Dom Aducto Aurélio de Miranda Henriques em 1894⁵².

O final do século XIX e XX foi um período marcado por intensas transformações e transição⁵³ política e administrativa no Brasil. Naquele momento de mudanças entre o Brasil (Império – República⁵⁴) ocorreram grandes instabilidades, tanto no que se refere ao contexto social, cultural,

Figura 5 – Dom Aducto
Miranda



Fonte: Acervo das Noelistas –
Arquivo Arquidiocesano da
Paraíba.

⁴⁹ Título de uma manchete no jornal *A Imprensa* de 08 de novembro de 1921, p. 06.

⁵⁰ Apenas em 06 de fevereiro de 1914 através da Bula *Maius Catholicae Religionis Incrementum* que o Papa Pio X – Giuseppe Melchiorre Sarto (1903-1914) – que a diocese da Paraíba foi elevada a função de Arquidiocese e Sede Metropolitana como também resultado do processo de romanização. Nesta bula também ocorreu a criação da diocese de Cajazeiras e de outros estados brasileiros. De acordo com Dias (2008, p. 152) a nomeação de Arquidiocese foi a constatação das boas políticas adotadas por Dom Aducto ao que se refere a romanização.

⁵¹ Italianno o Gicchino Raffaele Luigi Pecci Prosperi Buzzi (1810-1903), mais conhecido como Leão XIII, foi nomeado Papa no ano de 1878 e exerceu o papado até o ano de sua morte.

⁵² A diocese da Paraíba foi originalmente destinada ao Monsenhor José Basílio Pereira que era padre na Bahia, contudo o mesmo alegou motivos de saúde como impedimento para nomeação do cargo. Segundo Dias (2008, p. 98) Dom Aducto já tinha sido convidado para ser bispo de Curitiba, mas havia negado o convite. Por outro lado, ao receber o convite para a Paraíba, ele o recebeu com bastante entusiasmo.

⁵³ “O povo assistiu aquilo bestializado”, a utilização da citação é para ressaltar como o movimento de proclamação, foi uma ação de uma pequena parcela da população, mais especificamente os mais abastados.

⁵⁴ Durante o Império a Igreja Católica no Brasil era submetida aos ideais do Estado, no entanto em determinados momentos ocorreram enfrentamentos e discordâncias como, por exemplo, acerca dos maçons. O Imperador apoiava os ideários maçons o que levou a determinados conflitos e rompimento das relações do Estado com a Igreja. É válido ressaltar que o Estado já estava enfraquecido pelas condições sociais e econômicas configuradas naquele momento e com o rompimento com a Igreja tornou-se cada vez mais frágil.

econômico e religioso. Neste contexto a diocese da Paraíba não foi pensada por acaso, mas sim dentro dos planos episcopais de rever o declínio que vinha ocorrendo desde o período imperial (FERREIRA, 1994, p. 59).

Com o advento da proclamação da República em 15 de novembro de 1889 a Igreja Católica adotou características e posicionamentos distintos com relação ao novo tipo de governo engendrado. A elaboração da Constituição Federal (1891) republicana estabeleceu o Estado laico⁵⁵ no Brasil⁵⁶, deixando a Igreja Católica em posição desfavorável desde a fundação do Brasil. A partir disto “A Igreja buscará uma estruturação diferente e condizente com a sua nova condição, separada do Estado” (DIAS, 2008, p. 57). É válido ressaltar que a partir deste momento todas as constituições elaboradas no país respeitaram esta decisão e continuaram a evidenciar uma neutralidade religiosa na política, ou seja, os decretos seguintes que foram outorgados concretizaram o processo de laicidade⁵⁷ no Estado. Porém, mesmo com a separação total entre o Estado e a Igreja, era a Constituição Federal de 1891 que garantia a liberdade de culto no Brasil, desde que a religião não contrariasse a ordem pública (e as decisões políticas) e os *bons costumes*. Segundo Dias (2008, p. 37) o principal articulador deste novo modelo de catolicismo no Brasil foi Dom Marcelo Costa que buscou reorganizar e reestruturar de acordo com os parâmetros propostos pela Santa Sé, a qual procurou uniformizar e unificar os vários tipos de catolicismo existentes no Brasil (FERREIRA, 1994, p 10-12).

Em 1889, havia apenas uma arquidiocese e onze dioceses no país. Em 1893, Leão XIII criou uma segunda província eclesiástica com sede no Rio de Janeiro, acrescentando mais quatro novas dioceses (...). Ou seja, a partir de 189, com a República (1889), o processo de criação de dioceses foi acelerado, passando de doze dioceses para uma soma de oitenta nas diversas regiões do Brasil. Um aumento real de sessenta em oito dioceses. A Diocese da Paraíba foi criada em 1892, em pleno movimento de romanização e afirmação da Igreja na República laica e caminho a modernidade. (DIAS, 2008, p. 92).

Portanto, o estranhamento entre o Estado e a Igreja é perceptível em algumas ações desenvolvidas no período não apenas na Paraíba, mas em outros estados brasileiros (DIAS,

⁵⁵ Laico significa tanto o que independe de qualquer confissão religiosa, quanto o relativo ao mundo da vida civil, portanto, o Estado Laico é a total separação entre a Igreja e o Estado, impossibilitando qualquer tipo de aliança. Logo, as religiões têm direito de apresentar conselhos e ideários a partir de suas divindades a seus fieis, contudo não podem comandar a sociedade.

⁵⁶ O decreto de nº 119-A de autoria de Ruy Barbosa tornou o Brasil oficialmente laico.

⁵⁷ Laicidade é a doutrina ou forma de organização que possibilita a separação entre o domínio público (o exercício da cidadania) do domínio privado (a liberdade das ideologias e crenças). Portanto, a laicidade garante o direito individual e coletivo que prioriza o respeito à existência de posicionamentos ideológicos ou não.

2008, p. 14). Deste modo, compreende-se que além das mudanças em relação ao surgimento e/ou avanço da indústria que afetou os ideários pregados pelo discurso religioso, a separação com Estado também marcou profundamente a Igreja Católica do século XX causando espanto, medo e principalmente revolta.

Faz dez annos se iniciou o movimento transformador da nossa urbs, acentuado nestes últimos tempos de modo notável. A cidade esta mudando sensivelmente de aspecto. Perde sua feição colonial para vestir a mascara uniforme da civilização. Há quem se rebujile com isto e deseje que a mudança seja completa e radical. Não deve ficar pedra sobre pedra. Todos os prédios antigos devem ser demolidos, ou pelo menos transformados, vestidos à moderna, hediondez para qual a esthetica já não tem qualitativo. Para essa nevrose de modernismo não há remédio. Ella tem causas profundas, complexas e variadas. Ao entrar na modernidade viramos um povo sem raízes, sem tradições, sem história. (BEZERRA, Alcides. *A Imprensa*. 03 de março de 1930, p. 08-09).

As noções e alterações promovidas a partir modernidade (compreendida como as mudanças de cunho estético), da industrialização e da laicização possibilitaram grandes transformações no contexto participativo da Igreja Católica no Brasil em relação às atividades com os fieis. Logo, ficou implícito no decorrer desta pesquisa que ocorreu um choque de realidade da Igreja e da própria afirmação do lugar social que ela exercia em relação à produção de conhecimento no período.

Apesar do contínuo posicionamento benéfico da Igreja Católica no contexto nacional no que diz respeito à população, a mesma não gozava de perspectivas muito favoráveis em relação ao seu crescimento e fortalecimento, pois cada vez mais perdeu seus poderes em relação às atividades deferidas pelo Estado, o que prontamente foram analisadas pelo poder papal, pois consideravelmente foi perdendo prestígio e influência.

Logo, a partir deste panorama de instabilidade a Igreja Católica, desde o final do século XIX providenciou perspectivas ideológicas marcadas pelo movimento de romanização inserido pela Igreja Católica. Neste sentido, compreendo a partir de Certeau (2005, p. 78-103) que a Igreja passou a utilizar de *táticas e estratégias* para continuar com o seu poder perante a população e o governo. Diante disso compreendo o processo de romanização como uma estratégia engendrada pela Igreja para alterar a estrutura vigente, ou seja, ao fazer uso de elementos de combate ao laicismo e ao modernismo o clero católico se revestiu das *artes de fazer* para alterar ou permanecer aquilo que a Igreja discordava.

A postura do Estado com uma política liberal que possibilitava a população e a nação um caráter laico desapontou o segmento religioso que se revestiu de ações e movimentos para

reprimir este processo que era considerado *desmoralizante*. Os posicionamentos ideológicos do Estado e da Igreja Católica entraram em choque devido às circunstâncias que ambos adotaram. Neste sentido, o grande responsável pela reestruturação da Igreja no Brasil foi o Papa Leão XIII que foram balizadas a partir de estratégias administrativas (cabido episcopal e a Cúria), estratégias na formação do clero e estratégias de divulgação através dos periódicos⁵⁸.

Neste sentido, ao buscar se revestir no processo de romanização a Igreja utilizou estratégias para moldar as próprias regras e elaborar novas que fossem aceitas pela população, seja de forma consciente, ou seja, de forma inconsciente, pois ao utilizar destas atividades a romanização possibilitou uma formulação cultural nova que passou a ser aceita pelos seus seguidores como um processo ‘natural’ dentro da Igreja. Certeau (1994, p. 42) considera que tudo pode ser cultura, porém estabelece que cultura seja aquilo que tenha significância para aqueles que realizam, sendo assim a romanização é resultado direto da Igreja em acreditar que eram responsáveis em guardar a *moral e os bons costumes*, ou seja, é uma maneira de *resistir* às ‘ameaças’ de uma nova ordem que começou a se estabelecer no mundo e ameaçava destruir os pilares da Igreja Católica como difusora e protetora da ordem social.

Dentro deste contexto de perdas a Igreja buscou fortalecer sua posição através da romanização⁵⁹ na sociedade brasileira. Segundo Beozzo (1977, p. 745) “Já se tornou clássico chamar-se de ‘romanização’ o processo a que foi submetida à Igreja do Brasil entre os anos de 1880 a 1820”, ou seja, todas as ações desse período foram consideradas como consequência direta da romanização⁶⁰. Deste modo, entendo que Noel Francês também como resultado da cultura instaurada dentro da Igreja Católica como forma de barrar as mudanças que originaram a partir da modernização.

O objetivo central dessa perspectiva era posicionar a Igreja latino-americana mais próxima às decisões e intervenções papais, portanto os ideários da Igreja Católica. Neste

⁵⁸ Dom Adauto além do jornal *A Imprensa*, fundou o periódico “Voz da Mocidade” e “Oito de Setembro” (FERREIRA, 1994, p.74). De acordo com Dias entre os anos de 1870 a 1930 foram criados inúmeros periódicos católicos que tinham como principal objetivo difundir o catolicismo e levar os dogmas católicos até os lugares mais longínquos, estabelecendo assim uma hierarquia com sua *boa imprensa* contra os *maus periódicos* (2008, p. 84).

⁵⁹ Compreendo como romanização (FERREIRA, 1994, p. 18) o processo pastoral e pedagógico proposto na Igreja Católica no Brasil na segunda metade do século XIX.

⁶⁰ O termo romanização foi criado pelo padre e historiador alemão Joham Joseph Ignatz Von Dollinger (1799-1890), o autor tinha um posicionamento contra as atividades de expansão do poder centralizador da Cúria Romana e também era contra o dogma de infalibilidade papal. De acordo com Bastide (1950) romanização foi afirmação de uma autoridade da Igreja Institucional e hierárquica (episcopal), que se estendeu sobre todas as variações populares de catolicismo e que busco resguardar e proteger os dogmas do catolicismo romano e conservador.

período, era motivar e sensibilizar a população através de suas práticas, possibilitando a remoção das leis do Padroado⁶¹ que submetia decisões da Igreja aos poderes políticos administrativos. É importante destacar que apesar dos entraves e das diversas conquistas adquiridas pela Igreja, o padroado foi um sistema em certa medida benéfico para o crescimento da estrutural da cidade.

Neste contexto de disputas sociais Beozzo (1986, p.52) destaca que “A Igreja não é mais vista como uma fonte possível de legitimação do poder do Estado, mas como força política contrária aos seus interesses e o da sociedade. (...) A tendência é de rejeitar a Igreja como instituição social”.

Portanto, as ações da Igreja Católica no período são combater os ideários liberais, o laicismo e o comunismo, no entanto essas ações para Beozzo aumentaram a crise entre a Igreja Católica e a ordem liberal no Brasil e fez com que a Instituição clerical perdesse poder, dado que a elite brasileira passou a encontrar respostas para o cotidiano nos signos como: protestantismo, positivismo e liberalismos.

Para Beozzo (1977, p. 742) o processo de romanização ocorreu dentro do contexto do segundo pacto colonial que tinha como principal objetivo a europeização do catolicismo brasileiro que utilizou uma nova repressão aos movimentos populares. Dentro dessa busca de e suas características, penso o Noel o brasileiro como resultado direto, dado que o noelismo corresponde com ações ultraconservadoras ao que se refere à ideia de infalibilidade papal e aos segmentos dos dogmas da Igreja. É válido ressaltar que ao fazer o estudo sobre as noelistas me apoio na teoria de Burke (1992, p. 13) em seu livro *A Escrita da História*, pois considero estar fazendo uma “história vista de baixo”, a história da Igreja Católica a partir de pequenos grupos que modificaram, calaram ou exaltaram estruturas sociais que condiziam ou não com o modelo de conduta vigente. Afinal, o Noel é um grupo de “baixo”, pois era formado por mulheres que não tinham lugar de destaque nas ações clericais da Igreja, mas que transformaram a sociedade em seu tempo.

A partir das discussões acerca do que foi a romanização e dos vários autores como Barbosa (1877), Mommsen (2003), Azzi (1977), Beozzo (1977) e Lustosa (1990), que utilizaram o conceito para designar as ações engendradas pela Igreja Católica no final do

⁶¹ O padroado foi um sistema inserido nos reinos de Portugal e Espanha a partir de um tratado deferido por parte dos Reis com o Papa Calisto III – Alfonso de Borja (1378-1458) – em que instituía como dever do governo a construção e manutenção das igrejas e em troca a Igreja possibilitava concessões e autonomia para certas decisões da Igreja. O padroado ao longo dos anos foi alterado diversas vezes e apenas teve seu fim definitivo com o Concílio do Vaticano II (1962 -1965).

século XIX e início do XX, entendo que romanizar é um termo que foi criado e é ligado ao setor “liberal” da Igreja que o nomeou os “ultramontanos” a parte conservadora devidos suas práticas e pretensões teológicas e políticas com relação ao controle da sociedade. Neste sentido, me apoio em Koseleck (1992, p. 136) ao afirmar que é de suma importância na prática historiográfica à utilização dos conceitos, pois “todo conceito é não apenas efetivo enquanto fenômeno linguístico; ele é também imediatamente indicativo de algo que se situa para além da língua”, ou seja, o termo romanização representa não apenas uma ação, mas toda uma conjuntura referente ao lugar social da Igreja que foi constantemente interpelada na sociedade do século XX.

Segundo Richard (1978, p.73) os liberais compreenderam a Igreja como uma instituição retrógrada que é anticientífica e que não possibilitava o progresso e a modernização, sendo, portanto uma instituição irracional para os tempos que viviam. Segundo Azzi:

Durante os séculos XVIII e XIX os católicos da Europa se cindiam em dois grupos: os chamados católicos regalistas, galicanos ou jansenistas, que defendiam os interesses de uma igreja mais vinculada à sua nação, sob certa dependência do poder civil e com um cunho de ação marcadamente político, e os designados como católicos “romanos ou ultramontanos” que apregoavam uma adesão incondicional ao papa, dentro de uma Igreja de caráter universal, mas sob a orientação exclusiva da Santa Sé. No Brasil, a vinculação com Roma fora muito débil no período colonial, pela forma que a Igreja assumiu dentro do regime de Padroado. Mas a partir do século passado, especialmente por influência do novo espírito trazido pelos lazaristas, a Igreja do Brasil passa a proclamar sua adesão total ao Papa, tentando desvincular-se das poderosas malhas do padroado imperial. Esse cunho romanista que marca a renovação católica, representa uma opção consciente dos bispos reformadores. (AZZI, 1974, p. 649)

Porém, mesmo diante das próprias rupturas de ideários dentro da comunidade clerical, inclusive posta por bulas papais como a *Rerum Novarum*, a Igreja adotou novas posturas ainda mais conservadoras e protecionistas com o catolicismo romanizado.

A romanização constituiu-se numa política elaborada pelo Vaticano e posta em prática em todos os países católicos, numa tentativa de retomar os valores tridentinos – abrandados ou deturpados ao longo do tempo – para enfrentar as inovações do mundo moderno, especialmente fazer frente ao liberalismo. (FERREIRA, 1994, p.25-26).

A Igreja Católica passou a adotar uma prática voltada para a elite, tendo por finalidade reconquistar. Porém, em vários momentos este catolicismo romano entrou em choque com o

catolicismo popular⁶². Neste sentido, as pessoas que não se enquadravam neste “novo” catolicismo enfrentaram dificuldades de adaptação. Entre as medidas adotadas para fortalecer o processo de romanização e restabelecer o poder clerical brasileiro destaca-se: a vinda de grupos religiosos europeus, a abertura e reforma de seminários e conventos, congressos, a unidade e a prática/ação pastoral mais efetiva, a utilização de comunicações públicas através da imprensa como meio difusor de novos ideais e conferências de debate sobre os novos assuntos a serem barrados. Além da crescente difusão de dioceses pelo Brasil, pois segundo Dias:

Em 1889, havia apenas uma arquidiocese e onze dioceses no país. Em 1893, Leão XIII criou uma segunda província eclesiástica com sede no Rio de Janeiro, acrescentando mais quatro novas dioceses. Daí por diante o número de dioceses foi crescendo progressivamente: em 1900 havia 17, em 1910 havia 30, em 1920 havia 58 e, em 1930, as dioceses do Brasil já chegavam a 80. Ou seja, a partir de 1890, com a República (1889), o processo de criação de dioceses foi acelerado, passando de doze dioceses para uma soma de oitenta nas diversas regiões do Brasil. Um aumento real de sessenta e oito dioceses. (DIAS, 2008, p. 92).

A bula papal *Ad Universas Orbis Ecclesias* que fundou a diocese da Paraíba é um exemplo da difusão de novas dioceses, pois além desta foi criada as dioceses de Niterói, Curitiba e Amazonas. Esta nova versão da Igreja tinha como objetivo central estreitar vínculos com as Igrejas nacionais, reforçar e aplicar hierarquias internas da Igreja e reafirmar os sacramentos. Portanto, a Igreja Católica desenvolveu no Brasil o processo de romanização, na tentativa de recuperar a hegemonia abalada a partir da separação entre Igreja e Estado, ocorrida logo após a proclamação da República. O processo de reestruturação da Igreja diante dos *sinais do tempo* foi responsabilidade do Papa Leão XIII, cujo objetivo era combater o avanço da secularização.

O movimento noelista que foi trazido para o Brasil pode ser compreendido dentro deste processo de romanização da Igreja, pois o mesmo tinha como intuito resgatar a população de seus “pecados”, ou seja, a ideia central era possibilitar práticas “Para o bem viver” (*A Imprensa*, 18 de abril 1914, p. 06) em Cristo. A romanização neste sentido possibilitou não apenas o noelismo instalar-se no Brasil, como também novas dioceses – como a da Paraíba – centros missionários, paróquias e obras de assistências a população mais pobre, portanto, instalou-se no Brasil uma prática de “reconquista” e alento ao povo. Estas

⁶² A Igreja romana considerava o catolicismo popular desviante devido alguns tipos de práticas, como o fanatismo religioso aos santos, um desvirtuamento do real sentido da Igreja Católica Romana.

ações de cristianização e movimento interno e externo com Estado foram pautadas a partir de orientações do Vaticano.

Logo, Lustosa (1977, p. 265) compreende que a romanização representou uma orientação mais rígida para o clero, em especial para os bispos, de forma que ocorreu um estilo e/ou modelo de vida menos secularizada, portanto essa vertente do catolicismo se opunha decisivamente contra o catolicismo popular. Confluindo com as ideias de Lustosa, Beozzo (1977, p. 743-745) afirmou que ocorreram tensões internas na Igreja e alegou existir duas correntes dentro do catolicismo brasileiro: o catolicismo luso-brasileiro e o catolicismo romanizado e ainda afirmou que o processo de romanização se estendeu até 1950, devido às consequências das concepções teológicas originadas no período que legitimaram ou não modelos de catolicismo de região para região. Portanto, a partir das discussões acerca do catolicismo no Brasil é válido ressaltar que o mesmo é compreendido a partir de diferentes concepções, porém todas convergem para a mesma ideia de que foi uma reorganização interna da Igreja para combater e moldar determinadas situações oriundas do *mundo moderno*.

Neste sentido, a visão que a Igreja Católica detinha do governo era que o Estado com todo o seu aparato governamental havia abandonado as forças divinas e seguiam um modelo liberal, uma *modernização desenfreada*. Sendo assim, a Igreja no período se revestiu da armadura de protetora e defensora dos direitos e deveres divinos e passou a utilizar o discurso de *recristianização* da nação. Entre as ações criadas na fundação da diocese da Paraíba para o combate do ensino laicizado foi à criação de colégios (FERREIRA, 1994, p. 70-72), porém é válido ressaltar que a criação de colégios não foi algo vinculado apenas a diocese da Paraíba, mas algo que se repercutiu em vários outros estados, visto que era a orientação episcopal dirigida aos bispos a formação de colégios e conventos justamente para barrar o avanço do movimento e/ou formação laicizada.

Segundo Ferreira (1994, p. 70-72) como nos mostra a tabela⁶³ abaixo, o objetivo era combater o ensino laico e diminuir o avanço da modernidade que para a Igreja deteriorava a estrutura social, danificando o seio familiar. Desta forma os bispos paraibanos assim como outros reformadores do processo romanização engendraram de ações para seguir as normas e viabilizar uma formação intelectual orientada a partir da fé. A utilização da tabela de Ferreira tornou-se importante para compreender como a romanização agiu no seio da sociedade paraibana e repercutiu até os anos de pesquisa deste trabalho, pois ficou explícito que a

⁶³ A tabela é fruto das pesquisas oriundas da dissertação de Ferreira (1994).

romanização chegou até a década de trinta na Paraíba e formou várias famílias através de uma orientação espiritual mais rígida e calcada principalmente na “subjugação ao Santo Padre, na subjugação a Igreja, na subjugação aos pais, na subjugação a família e ao esposo” (*A Imprensa*, 12 de maio de 1936). A partir da citação supramencionada ficou compreendida a formação ideológica e familiar das mulheres noelistas. Formadas dentro de uma cultura patriarcal em que o domínio feminino diz respeito apenas à espera particular, as mulheres noelistas apesar de serem consideradas mulheres a frente do seu tempo, são resultados diretos de uma cultura de dominação masculina sobre o feminino e que principalmente desvela uma formação de submissão.

É importante destacar também que a orientação intelectual e eclesiástica é dedicada principalmente aos homens. Para cada três escolas e/ou conventos direcionadas ao público masculino, uma era direcionada a formação feminina, portanto ficou perceptível que a formação intelectual feminina estava em um segundo plano entre as metas da romanização, o principal alvo eram os homens, visto que estes eram compreendidos como a maior força de trabalho da sociedade, desta forma mereciam maior atenção. A formação feminina era algo posto apenas para a “vida privada, ou seja, para as atividades necessárias para uma boa mãe e esposa” (*A Imprensa*. 02 de março de 1930).

É necessário destacar que as noelistas foram de encontro e/ou contra a este pensamento, pois para a ideologia do Noel “toda mulher noelista é necessário ter uma formação intelectual aprovada, saiba ler, contar, escrever e interpretar para compreender os sinais da vida e do tempo, assim como nosso fundador aconselhou.” (*A Imprensa*, 08 de abril de 1932). Neste sentido, compreendo duas ideias dentro da romanização: sendo a primeira a romanização, que tinha como principal atenção e público alvo as pessoas de classe média e alta, pois representavam a maior formação ideológica e a economia necessária para sustentação das dioceses, por isso as mulheres noelistas receberam uma atenção especial tanto no que se refere ao Noel francês como o Noel no Brasil, em especial na Paraíba, pois elas pertenciam à classe alta da sociedade; bem como a educação por ser compreendida como algo importante para os bispos reformadores, uma vez que esses se apoiavam no princípio de proteção a família e desta forma quanto menos a mulher pobre soubesse mais ela estará submissa ao universo patriarcalista e não procuraria trabalho ou sustentação fora de casa.

Tabela 2 – Tabela de colégios criados entre os anos 1984 e 1909

Nome do colégio	Cidade	Público-Alvo	Ano
Colégio Diocesano Pio X	Parahyba do Norte	Jovens - Masculino	1894
Colégio Nossa Senhora das Neves	Parahyba do Norte	Jovens - Feminino	1895
Colégio Santa Luzia	Mossoró	Crianças-Masculinos	1901
Colégio Imaculada Conceição	Natal	Jovens-Feminino	1902
Colégio Santo Antônio	Natal	Crianças-Masculinos	1903
Colégio Padre Rolim	Cajazeiras	Masculino	1903
Colégio São José	Parahyba do Norte	Meninos Pobres	1905
Seção no Colégio Nossa Senhora das Neves	Parahyba do Norte	Meninas Pobres	1909

Fonte: adaptado de Ferreira (1994)

Logo, ficou perceptível que as ações engendradas pela Igreja tinham a finalidade de estabelecer e sancionar o projeto da romanização para que existisse a necessidade do povo brasileiro de conhecer e se dedicar a palavra de Cristo e assim, afasta-los dos discursos liberais. Neste sentido, a Igreja Católica utilizou também da ajuda da imprensa para legitimar suas práticas e alegá-las como um sinal do tempo divino.

A Igreja não deve temer diante das mudanças, mas sim unir-se e se resguardar para proteger os verdadeiros valores da sociedade. A escolarização deve ser mediada através da palavra de Deus, através de uma educação que ensine a melhor postura que o homem deve ter diante dos problemas que a sociedade oferece. Irmãos, uni-vos contra estes males que assolam nosso Estado e que nossos governantes não percebem. (*A Imprensa*, 05 de maio de 1903).

Dom Adauto é um grande reformador na Paraíba, todas as suas ações são resultados direto de sua formação, as orientações que recebeu através da romanização foram postas com muita ação e devoção na Paraíba. Neste sentido, ficou evidente que não apenas o primeiro bispo da Paraíba recebeu estas orientações, mas sim todos os bispos brasileiros, pois estes começaram a investir na educação e em grupos religiosos como forma de combater a laicização.

Neste sentido, percebe-se que as ações dos bispos reformadores estão em união contra a modernidade. Vários periódicos foram lançados no período da romanização, inclusive o

jornal analisado nesta pesquisa *A Imprensa*⁶⁴, com o objetivo de professar a *fé cristã* e publicar os modelos de conduta para manter os *bons e aceitáveis costumes*. Logo, o jornal no período foi um grande aliado com difusor das ideias do processo de romanização como também importante para o fortalecimento da Igreja perante a opinião pública, ou seja, a utilização de meios de comunicação de ideias católicas tornou-se um agente inerente ao processo de romanização. O noelismo na Paraíba difundiu suas ideias neste jornal a partir da abertura de ideias oriundas da romanização. Os reformadores paraibanos consideravam a imprensa um agente formador de ideias e por isso passou a utilização dos periódicos. Porém, é válido ressaltar que a conduta de associar a utilização de recursos da imprensa na formação da sociedade não foi algo apenas utilizado na Paraíba. No Recife e no Rio de Janeiro as práticas das noelistas foram divulgadas constantemente em jornais (COSTA, 2007, p. 68).

Dentro do contexto de utilização dos periódicos como forma de inculcação das ideias cristãs, ocorreu o decreto de liberdade religiosa em janeiro de 1890 que provocou outra onda de reação dentro da Igreja. Os bispos de todo o Brasil passaram a criticar abertamente a laicização e publicou a primeira *Pastoral Coletiva dos Bispos do Brasil* (1890). A partir daquele momento ocorreram repetidas matérias que vinculavam e associavam as mudanças no governo como o *mal trazido pela modernidade*. Neste sentido, as matérias nos jornais foram utilizadas como palco de críticas contra a maçonaria, o comunismo e os *males* que estes grupos traziam para a sociedade.

Assim, como a maçonaria, o protestantismo e o espiritismo também foram alvo constante de críticas e debates. Segundo Ferreira (1994, p. 211) os segmentos espíritas e protestantes na Paraíba não ofereciam perigo algum ao catolicismo, pois a representação (número de participantes) desse grupo era pequeno em relação ao grupo de católico e mesmo aqueles que seguiam a orientação diferente da Igreja Católica viviam sofrendo perseguição e agressões verbais e corporais.

A Igreja paraibana considerava o Liberalismo uma agressão à sociedade, pois detinha a visão que o liberalismo tinha possibilitado o anarquismo social, ou seja, os embates que ocorriam no mundo. Esse pensamento é resultado direto dos movimentos sociais que ocorreram na Paraíba no período pesquisado neste trabalho, visto que para a Igreja o trabalhador deveria aceitar o seu lugar social e não buscar brigas com a *ordem natural da*

⁶⁴ No terceiro capítulo deterei a melhor análise do Jornal *A Imprensa*.

vida. Logo, qualquer movimento de ordem social que procurasse estabelecer novos ditames sociais eram considerados como errado.

Neste sentido, se verificou uma constante crítica ao positivismo, devido a este caráter de incentivar a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida, crítica também ao laicismo, à maçonaria, ao ceticismo, ao protestantismo e ao espiritismo, pois compreendiam que estes corrompiam a sociedade e era consequência da modernidade.

Para Dias (2008, p. 131) apesar do posicionamento forte de Dom Adauto quanto os aspectos da instauração da República, na Paraíba não ocorreram muitos conflitos entre o Estado e a Igreja, pois é possível perceber uma relação tranquila entre os governos instaurados no período de fundação da diocese até a década de trinta. Para Dias essa relação tranquila ocorreu principalmente por causa da origem social e familiar dos grupos políticos com o bispo da Paraíba e também pela relação de troca de favores entre as duas instituições.

Neste sentido, é possível também remeter essa relação harmoniosa com a instauração do noelismo na Paraíba em 1931, visto que durante a celebração de abertura do núcleo que ocorreu na missa de Nossa Senhora das Neves, estavam presente o governador do estado e vários representantes da política local em apoio ao bispo e ao noelismo que era um grupo pertencente à elite.

É válido ressaltar que grande parte das mulheres participantes do noelismo paraibano já eram comprometidas nas atividades clericais antes do Noel, seja através da missa, seja por meio de ações da catequese, ou seja, pela caridade. Logo, tinham um posicionamento constante ‘dentro’ da Igreja. Compreendo a partir disso que elas não foram para o Noel por questão de modismo, elas receberam e adotaram as ideias do núcleo como consequência do lugar social que pertenciam, pois estas já tinham uma função perante a sociedade e em sua maioria eram filhas ou casadas com representantes da política, ou seja, eram compreendidas ou tidas como a *madrinha* de várias pessoas menos favorecidas, além da grande maioria serem professoras na Escola Normal.

É importante destacar que o Noel tinha como requisito básico para as mulheres uma boa formação intelectual, além de ter um lugar de destaque na sociedade e ser formadora de opinião através dos círculos que participava, dado que as mulheres que não tinham acesso a bons livros e estudos jamais participariam do movimento, pois uma “boa noelista é aquela que sabe ler e escrever para poder interpretar os sinais divinos, para poder guiar sua família para o bem” (*Ata de reunião*. 04 de dezembro de 1932. Livro I, s/p). Neste sentido, ficou evidente

que o noelismo na Paraíba nasceu com as “bênçãos” da Igreja e do Estado, pois estes estavam próximos devido ao lugar de pertencimento dessas mulheres e ambos ajudaram para a formação econômica e social do grupo quando foram solicitados.

Diante das transformações de cunho social, moral, cultural e político ficou evidente que as décadas iniciais do século XX no Brasil foram intensas e marcaram decisivamente a cultura da família paraibana. Em um plano estadual, a Paraíba vivenciou seus próprios problemas, que ora foram resultados das perspectivas nacionais e outras não, mas que em ambos os casos afetaram as condições de vivência familiar. Porém, dentro do panorama da Igreja, ocorreu uma postura consideravelmente harmoniosa de ação e de supervisão para que a sociedade entendesse o lugar central da Igreja e que respeitasse o poder clerical como centro da salvação.

2.2 O NÚCLEO NOELISTA E SEUS BISPOS NA PARAÍBA

2.2.1 Dom Adaauto

Em 27 de abril de 1892 o Papa Leão XIII, instaurou pela bula *Ad Universas Orbis Ecclesias*, a constituição de uma nova sede diocese na capital Paraibana, desmembrando do Rio Grande do Norte. A partir desse momento a Paraíba ganhou autonomia quanto as suas funções eclesiásticas e recebeu como seu primeiro bispo.

Dom Adaucto Aurélio de Miranda Henrique nasceu em 30 de agosto de 1855, natural da cidade de Areia no brejo paraibano, pertencia a uma família luso-brasileira. Neto e filho de coronel, seus pais eram Idelfonsinano de Miranda Henriques e Laurinda Esmeralda de Sá Miranda Henriques. A sua alfabetização nos anos iniciais ocorreu através de sua mãe e durante a infância estudou em sua cidade natal. Segundo Costa (2011, p.56) quando tinha dez anos foi despertado para a vida sacerdotal e aos dezessete anos começou estudo de latim visando o sacerdócio⁶⁵.

Na fase adulta passou a estudar em Olinda. Posteriormente partiu para a Europa e cursou filosofia e o curso de humanidades no Seminário de São Suplício (1875-1876), além de teologia na Pontifícia Universidade gregoriana em Roma e doutorado em Direito Canônico

⁶⁵ Durante os anos de estudos em sua cidade Natal/RN, estudou com várias personalidades que anos mais tardes seriam representantes da política estadual e nacional, possibilitando boas relações entre o poder clerical e o poder estadual. Entre as os líderes políticos que estudou destacam-se: Álvaro Machado (1857-1912) e João Machado (1861-1939).

no colégio Pio Latino-americano em Roma (1877-1882). De acordo com Ferreira (1994, p. 64) pelo fato dos estudos de Dom Adauto terem sido efetivados na Europa a sua formação compactuou fortemente para a sua prática romanizadora de acordo com os moldes europeus.

Em 1880 foi ordenado sacerdote na Itália. Na volta ao Brasil, em 1882, foi nomeado professor de retórica, filosofia, direito canônico e espiritual do Seminário de Olinda. Recebeu honrarias de Dom Pedro II (tornou-se cônego, diretor e posteriormente capelão) e foi o primeiro bispo da Paraíba, ordenado pelo Papa Leão XIII em 1892 (FERREIRA, 1994, p. 65-64).

Durante seu período como bispo Dom Adauto dirigiu a arquidiocese com punho firme, considerado severo e austero. Envolveu-se em polêmicas devido aos assuntos que condenava. Dom Adauto, assim como outros reformadores da romanização brasileira em dioceses espalhadas no Brasil procurou fortalecer as ações de cunho conservador a partir das orientações que recebeu na bula de ordenamento.

Neste sentido, buscou reafirmar ações de comunhão com governo do Estado na tentativa de minimizar os problemas com advento da República e aproximar a Igreja do poder público. Segundo Dias (2008, p 102) Dom Adauto combateu severamente os erros incididos com a modernidade, procurando conscientizar a população acerca da necessidade de confluir ideias em comunhão com os projetos de Roma, como sinônimo de proteção a sociedade. Buscou também estruturar as paróquias e o trabalho pastoral com projetos de conscientização e reflexão acerca da moralidade cristã desde em comunidade e paróquias de pequeno e grande porte. Como também investiu em parceria com outros bispados para confluência de práticas e discursos cristãos, valorizando uma homogeneidade dentro da Igreja que pregava um modelo ideal de católico que se baseava na resignação, na humildade, na fé, na centralidade e na aceitação da palavra divina.

É válido ressaltar que todas as medidas adotadas por Dom Adauto foram consequência do projeto de romanização, baseado nos documentos episcopais do Brasil e também como resultado das orientações do Concílio Plenário Latino Americano de 1889. Portanto, todas as ações são fruto do próprio momento que a Igreja Católica vivenciada e da formação ideológica e intelectual de Dom Adauto.

Apesar de seu posicionamento severo em relação à separação entre a Igreja e o Estado, o Arcebispo da Paraíba continuava tendo uma postura calma em relação a modernidade, porém com a chegada de Antenor Navarro ao poder, em 1930, começou a existir um certo

desentendimentos devido as ações programadas pelo advento da República terem sido postas em prática na Paraíba (SANTOS NETO, 2007, 48-49). Neste sentido, até aquele momento a Paraíba não tinha vivenciado a separação total entre Estado e Igreja; visto que com a chegada da interventoria de Navarro começou a ser instituído o ensino laicizado, a secularização dos cemitérios, a reorganização dos registros de nascimento e civil, entre outras medidas que contrariavam o poder clerical no estado da Paraíba. Não obstante, mesmo diante dessa ruptura causada pelo modernismo de Navarro, que era um acompanhante dos ideários de João Pessoa, a relação entre o arcebispo e o interventor se tornou amistosa.

Segundo Dias (2008, p. 78) a relação se tornou amistosa entre o governo do estado e o poder religioso na Paraíba devido às teias familiares que cercavam a sociedade paraibana, ou seja, alguns representantes da política tinham nascido e educado na mesma cidade natal que o arcebispo, possibilitando assim uma relação menos acirrada e mais benfeitora para ambos os lados.

Neste sentido, compreendo Dom Adauto como um bispo de muitas ações e que principalmente modificou e barrou bastante o posicionamento da sociedade paraibana diante das mudanças originadas pela Revolução Industrial. Através dos seus discursos condenava determinadas condutas como resposta do *mal que assolava a terra*. Com sua opinião incisiva discursou e evangelizou contra aspectos que ele considerava como o *mal do mundo moderno*, pregando valores e preceitos morais que deveriam fazer parte constantemente da família paraibana. Entre as ações e pastorais engendradas e combatidas por ele, destacam-se: o liberalismo, o ateísmo, o socialismo, a maçonaria, a emancipação da mulher, o comunismo e os relaxamentos de doutrina e costumes devido ao processo de urbanização e industrialização.

2.2.2 Dom Adauto e o noelismo

O movimento noelista chegou ao Brasil em 1914, na cidade do Recife, trazido pela Felipa Brandão Uchoa Cavalcanti. Felipa passou a utilizar o pseudônimo de “Brasil”. O noelismo tinha como característica os signos religiosos, culturais e sociais. No Brasil as noelistas praticavam ações como: catequização, obras assistenciais, momentos de orações e vocações sacerdotais.

Envolto em práticas conservadoras católicas, o *Núcleo Noelista* foi criado e condicionado por uma cultura elitista e cristã de uma sociedade que estava entrando em contato com a modernidade. O núcleo foi objeto das respostas da Igreja ao seu tempo, isto é,

foi condicionado como objeto da fé na intenção de programá-lo e instaurá-lo como um elemento legitimador de práticas consideradas sagradas. Assim, como nos mostra Weber (2006, p. 117) a religião estabelece respostas que se tornam parte da cultura e influenciam decisivamente nas práticas sociais dos sujeitos em relação à vida diária.

Dentro deste liame que ocorre entre o sujeito, o sagrado e a sociedade se estabelece aquilo que compreendo como uma análise cultural e social que compreende a religião. A corroboração das ideias que legitimam o certo e o errado está dentro de um processo de disciplinarização e normatização (ELIAS, 1993, p. 67).

O noelismo encontra-se em um momento chave, valioso para a história das religiões. Na história enquanto passado histórico, ele ocorreu no processo de recusa a “modernização” e “racionalização” do mundo por parte da Igreja Católica. Ali, no início do século XX, o papado e a Cúria Romana estão em pleno combate contra os novos formatos de sociabilidade nascidos da ilustração iluminista e consolidados no século XIX, portanto é a partir desse pensamento que Dom Adauto busca formular práticas de orientação a partir dos postulados que recebeu durante sua ordenação.

As estratégias do clero cristão para impedir a secularização e a laicização das sociedades e dos estados nacionais foram basicamente pedagógicas. Nelas, um dos fatores essenciais seria – e foi! – o esforço por (re)educar as mulheres para o casamento convencional, com papel claro enquanto mãe e esposa, além de vida sexual regrada através de valores como virgindade, monogamia e recusa ao prazer sexual.

Durante os anos de 1930 a 1932, Dom Adauto publicou semanalmente cartas que foram intituladas de *Propagação da Fé e Instrução Religiosa* com a finalidade de mostrar as famílias os problemas oriundos de um ensino leigo que era resultado da separação entre o Estado e a Igreja. Para o arcebispo era necessário fomentar na formação do sujeito o ensino religioso em todos os âmbitos escolares, portanto, era necessário que ocorresse a relação entre a formação dos jovens e a vida religiosa, portanto a Igreja não admitia que ocorresse um ensino regular sem a constituição religiosa e a sociedade deveria compreender o lugar central da Igreja dentro do contexto dessa formação.

É a partir desse entendimento de formação e inculcação das ideias que a ação das noelistas na catequese foi de suma importância, pois estas por serem em sua maioria professoras da Escola Normal utilizavam da formação intelectual e religiosa conservadora

para assegurar a educação⁶⁶ baseada nos princípios cristãos. Para Dom Adauto a Igreja tinha função *natural de educadora da nação*, pois apenas a ela cabia à formação dos sujeitos. Logo, ao fazer uso do noelismo, o arcebispo da Paraíba comungou de ideários de união entre a nação e a Igreja para formar uma sociedade contida e organizada de acordo com a moralidade na vivência em Cristo.

(...) temos várias funções sociais. A mulher noelista vive para ajudar o próximo de acordo com os mandamentos da Santíssima Igreja, por isto todas as nossas ações são orientadas pelo nosso Arcebispo. Iremos nos reunir dia 03 de maio do presente ano para elegermos as escolas que visitaremos durante os próximos dois meses. É importante lembrar que não deixemos de lado nossas funções da catequese e da assistencialidade, cada uma realize suas tarefas cotidianas junto ao nosso protetor e se organize para realizar as discussões do dia 03 na Igreja de Nossa Senhora das Neves, às 03 horas da tarde. Levem seus cadernos e os livros (para aquelas que ensinam) para apresentar ideias de como será ministrado às aulas. (*Ata de reunião*. 23 de fevereiro de 1932. Livro I, s/p).

A partir da citação acima compreendo que em todos os momentos Dom Adauto utilizou de estratégias para combater uma postura laicizante. E que fez do Noel paraibano uma escola de ação. Porém, é válido ressaltar que as noelistas paraibanas não tiveram suas atividades apenas destinadas para a assistencialidade, apesar de ter sido o grande diferencial para as noelistas de outros estados. (COSTA, 2007, p. 87). Elas também agiram como grupo de perpetuação dos ideários da romanização enquanto agente formador de opiniões, ou seja, as noelistas também tinham a missão de formadoras de opiniões a partir dos modelos cristãos. “(...) Somos exemplos, e como exemplos devemos seguir tudo aquilo que orientamos aos outros. Portanto, é uma norma seguir retamente tudo aquilo que nos é posto. (...) Com uma vida regrada orientamos a todos através da fala, mas também de nossas ações.” (*A Imprensa*, 14 de novembro de 1932).

Portanto, o noelismo paraibano buscou seguir corretamente os ensinamentos do seu arcebispo que tinha como intenção central fazer com que a sociedade paraibana seguisse os preceitos de Cristo e tivesse uma postura harmoniosa com a Igreja e com o Estado. Dom Adauto é um defensor desta aliança como sinônimo de ordem social.

⁶⁶ O I Congresso Nacional das Noelistas ocorreu no Recife em 1933 e teve como tema principal discutir a contribuição do Noel na Educação. Segundo Costa (2007, p. 91-92) neste congresso foi debatido que era de suma importância na constituição da Mulher que ela tivesse uma educação boa para que posteriormente orientasse seus filhos de acordo com os modelos corretos, ou seja, a mulher noelista deveria estar preparada e munida de aparatos intelectuais para combater e subverter os desvios de conduta. Neste congresso apenas 12 paraibanas participaram.

Dentro deste contexto de estratégias para combater os males vindos da modernidade e a separação do Estado com a Igreja, Dom Adauto recebeu o núcleo noelista na Paraíba com todas as pompas e benefícios que um grupo poderia ter. Mesmo sendo um grupo feminino Dom Adauto considerou positiva a formação do núcleo na Paraíba, pois este tinha um caráter conservador e confluía com os preceitos que ele pregava como moralmente aceito para as mulheres. Após a fundação do núcleo Dom Adauto coordenou e observou pessoalmente as ações noelistas e entrevistou quando achou necessário. O núcleo noelista durante o arcebispado dele era mais rígido quanto às ações e as práticas sociais e culturais. Acredito que seja justamente pelo seu posicionamento com a sociedade e com a Igreja.

(...) Devemos ter em nossa mente e em nossos corações que o Santo Bispo representa a força máxima da Igreja no nosso Estado e que ele tem a força de santidade. Dom Adauto mostra para todas as noelistas como deve ser a mulher nos dias hoje, a mulher de valor, a mulher abençoada por Santa Maria, a mulher que se reserva e se resigna ao seu pai, filho e esposo. Devemos estar atentas para perceber que ele assim como nosso fundador nos mostra e orienta o caminho de melhor condição da pastoral. Devemos seguir unidas sob a proteção de Dom Adauto que é sujeito divino e que nos orienta ao caminho para o bem. Felicidades Dom Adauto. (*A Imprensa*, 30 de agosto de 1932).

Apesar de seu temperamento forte e principalmente de sua formação baseada na *rigidez de valores morais*, Dom Adauto soube ser amistoso quanto aos próprios desvios de condutas que ocorreram no núcleo noelista paraibano. Em algumas atas de reunião ficou explícito que algumas mulheres ou pessoas pertencentes à família das noelistas que cometeram algum *deslize moral* deveriam se afastar de suas funções no núcleo como sinal de penitência, mas que deveria continuar participando dos rituais da Igreja. Dom Adauto, assim como o fundador do Noel, acreditava que as noelistas eram exemplos e por isto não poderiam apresentar nenhum desvio de conduta.

(...) É sabido por todas que a filha da senhora “...” usou dos pecados da carne antes do casamento e por isto sua mãe deve se afastar de sua função no núcleo de acordo com as orientações do nosso bispo Dom Adauto. É importante encontrarmos alguém que ocupe suas tarefas enquanto “...” estiver afastada. Nosso bispo alertou mais uma vez que é necessário estarmos atentas para os problemas do mundo, contudo é necessário também que não esqueçermos nossas obrigações com a nossa família, quando estamos atentas para os nossos filhos, sobrinhos, netos e esposos não ocorrem estes desvios. Nossa função é resguardar a sociedade, mas antes de tudo resguardar nossa família, por isto não esqueçamos dos nossos familiares, pois eles também podem ser alvo dos males que assolam a terra, dos males que acabam com a família, dos males que destroem a pureza, dos males que destroem o bem. Em apoio a nossa companheira que passa por um

momento de problema, mas que será superado em nome do coração de Maria nos unamos cada vez mais. (*Ata de reunião*. 13 de março de 1932. Livro I, s/p).

A partir da citação supramencionada compreendo que Dom Adauto apesar de ser considerado um home austero, soube em muitos momentos retirar sua “mão pesada, sua conduta rígida, sua severidade” (*Ata de reunião*. 13 de março de 1932. Livro I, s/p) das ações destinadas as noelistas. Assim como soube ser amistoso com relação à política local, com as noelistas ele além de orientar utilizou de uma harmonia para conduzir os *pecados* e, principalmente, foi sábio para conduzir as pessoas que cometeram algum pecado para retornar as ações pastorais e servir de exemplo para não ocorrer pecados futuros. De acordo com as atas de reuniões e com as notas e anúncios das noelistas durante seu arcebispado foi muito presente de forma benéfica e elas o consideravam como seu principal *protetor*.

Nos últimos anos de seu arcebispado Dom Adauto entrou em diversos momentos em choque com o governador da Paraíba, que até 1930 que era João Pessoa, devido às políticas de modernização engendradas por ele. A partir da entrada do vice de João Pessoa e posteriormente dos interventores ocorreu uma melhor relação entre a Igreja e o Estado. Pelo avançar da idade faleceu em 15 de agosto de 1935 e foi enterrado na capital da Paraíba, na capela de Nossa Senhora das Neves, a véspera de completar 80 anos deixando Dom Moisés Sizenando Coelho como Arcebispo da Paraíba, que já era seu ajudante no comando da arquidiocese.

Ontem no fim da tarde deixou nosso maior representante da Igreja Paraibana. É com grande tristeza e pesar que falamos em nome do Noel Paraíba que Dom Adauto de Aurélio Miranda Henrique partiu hoje deixando um legado de amor, justiça, verdade aprendizado. Sua perda é sentida por todos, pois um homem de coragem e destreza como Dom Adauto deixou marcas profundas em todos nós. Façamos como ele e devotou a sua vida a Cristo e a busca pela santidade (...). (*A Imprensa*, 16 de agosto de 1935, p. 08).

O sentimento é de dor. O sentimento que se tem nesta primeira reunião é de severa dor. Mas, a dor da lugar para a calma quando entendemos que o nosso arcebispo esta ao lado do Nosso Senhor. Ele se encontra no calmo e profundo amor de Deus, abençoando e cuidando de todos que estão aqui na terra. (...) Que tenhamos nosso arcebispo como exemplo de homem e dignidade. Homem postura correta e olhar certo, que guiou o Noel e todos aqui neste Estado com destreza e eficiência. Com seu modelo de conduta, buscou inflamar a todos com os sinais divinos e mostrar que a vida terrena é apenas passagem. Sigamos seu modelo correto e nos será reservado o reino do céu. (...) Todas as noelistas sentem a dor deste momento, mas recebe com

todo o amor e respeito o novo Arcebispo da Paraíba Dom Moisés (*A Imprensa*, 23 de agosto de 1935, p. 09).

As noelistas durante o bispado de Dom Adauto tinham uma postura mais severa, suas ações eram mais rígidas e isso pode ser demonstrado na imagem abaixo. A maioria das noelistas seguiam todos os ensinamentos e orientações propostas pelo bispo, entre elas a “(...) seriedade como sinônimo de respeito e moralidade. Toda mulher deve ser recatada, evitar os risos soltos e olhares fortuitos, pois isso pode lhe parecer como sinônimo de mulher solta, sem raiz. Preservemos nossa moral para que todos nos respeitem” (*A Imprensa*, 04 de janeiro de 1932).

Figura 6 – O Protetor Dom Moisés Coelho e as noelistas



Fonte: Acervo das Noelistas – Arquivo Arquidiocesano da Paraíba.

É a partir do olhar sério dessas mulheres que compreendo os principais ensinamentos de Dom Adauto acerca da família. Em suas cartas e de acordo com as orientações encontradas nas atas de reuniões o arcebispo buscou instaurar e mostrar para a sociedade paraibana que a família era o centro de onde nasce o saber e é dentro da família que a Igreja deve estar presente, ou seja, para o religioso existia uma relação “natural da vida” entre a Igreja e a Família e ambos deveriam comungar dos mesmos ideais.

Para ele (Dom Adauto) a “família é o local que nasce o bem” (*Ata de reunião*. Agosto de 1932. Livro I, s/p), deste modo é dentro da família que deve ser retirado qualquer desvirtuamento existente, pois a família é o berço da pátria (nação) e a Pátria é o conjunto de lares que devem ser protegidos dos “maus dias e dos maus ventos que sopram as cabeças levianas” (*Ata de reunião*. Agosto de 1932. Livro I, s/p). Uma pátria correta é aquela que

comunga com os valores cristãos e que perpetuam estes alicerces como valores inquestionáveis.

Logo, é a partir de orientações como as supracitadas que compreendo que o Noel paraibano foi resultado também do seu primeiro arcebispo em sua busca severa por manter a família em “ordem” de acordo com os modelos admissíveis para uma sociedade baseada nos valores cristãos. Portanto, o noelismo conseguiu seguir as orientações do seu fundador e alcançou lugares ainda mais distantes quando fez o resguardo da família e dos valores da Sagrada Família.

De acordo com Saraiva (1950, p. 146) este espírito de proteção à família é resguardado, pois o noel “é um espírito que gera um ambiente, estrutura uma maneira de ser e de sentir, dá o tom a uma vida, a uma comunidade”. Logo, a experiência noelista é baseada na preocupação em cultivar um estilo de convivência caracterizado pelo ‘espírito da família’, em que os formalismos tem lugar de orientação de vida, a exigência se transforma em um fardo leve a ser compreendido como consequência, pois as *boas vindas* esperam ao final da vida. Por isso é retirado tudo aquilo que é banal, supérfluo e individual, pois existe uma procura constante da valorização da fé e da espiritualidade pessoal como sinônimo de entendimento acerca da transitoriedade que a vida tem.

Logo, ao se dedicar a catequese, a seminários, a paramentaria, obras sociais, serviços voluntários nos hospitais e abrigos, as noelistas estão buscando mostrar para todas a positividade da relação com Cristo. Com isso ocorre uma recristianização através das ações e uma busca constante pelo autoconhecimento. Este conhecimento em particular é a busca incessante pelo contato com o universo místico, ou seja, o contato ou a busca com representação da Sagrada Família como sinônimo de busca pela remissão dos pecados e pela salvação. Portanto, a espiritualidade noelista comunga e conflui perfeitamente com os ensinamentos do arcebispo Dom Adauto que enxergou através da família com os ensinamentos de Cristo o encontro com Deus, pois para as noelistas participar do Noel significava

O dever de adesão é tão nobre que eleva a dignidade da mulher dos excessos modernismo anti-cristão que retira a pureza e a delicadeza da boa mulher de seu ambiente saudável e em paz. (...) A adesão ao Noel possibilita o engrandecimento da alma que tem sua família muito abençoada pelo espírito da Sagrada Família. (*A Imprensa*, 13 de Outubro de 1940).

Apresentando como característica a assistencialidade as noelistas paraibanas buscaram a todo o momento chamar para o trabalho as mulheres da elite com o intuito de fortalecer as práticas sociais junto com os mais necessitados. A doação e a caridade eram marcas desse grupo, por conseguinte uma das atividades desenvolvidas pelas noelistas foi atenção às empregadas domésticas e os detentos.

Entre os detentos as ações das noelistas eram da catequese, ou seja, da cristianização através de encontros de aulas de catecismo e eventos como a *Páscoa dos Detentos* e o *Natal dos detentos* (COSTA, 2007, p. 155). É importante destacar que todas as ações das noelistas eram divulgadas no jornal *A Imprensa* com a finalidade angariar produtos para o evento.

No dia 16 de março nos reuniremos casa de Ricieira juntamente com o nosso protetor para juntar todas as doações para levarmos a cadeira na Pascoa dos detentos. Quem puder nos ajudar com comidas, lençóis e roupas estamos recebendo doações na nossa paróquia central até o dia 16. Ajude-nos nesta grande festa. (*A Imprensa*, 10 de março de 1934).

Em 18 de julho de 1934 as noelistas além de providenciarem em suas ações o caráter religioso e assistencialista, buscou através do cunho social a instalação da Sociedade Santa Zita. Santa Zita era uma Santa da Igreja Católica na Itália considerada como a defensora das empregadas. Segundo Costa (2007, p. 153-154) a Casa Zita tinha a finalidade de orientar as empregadas domésticas dentro dos princípios cristãos e a ter um bom relacionamento com as patroas.

Esta instituição orientava as empregadas em reuniões mensais tanto no que se refere ao apoio espiritual, como o intelectual, pois nesta casa tinham livros e suprimentos necessários para uma boa formação social e cultural de acordo com o modelo difundido pelas noelistas.

Neste sentido, durante o período em que Dom Adaauto ficou responsável pelas medidas eclesiais na Paraíba, as noelistas foram um exemplo de contínuo trabalho social de ajuda aos mais necessitados. Portanto, mesmo sendo um grupo leigo o Núcleo Noelista possibilitou um dos grandes objetivos da romanização que era o fortalecimento e crescimento dos ensinamentos de Cristo através da Igreja Católica Romana.

2.2.3 Dom Moisés

Dom Moisés Sizenando Coelho⁶⁷ nasceu no sítio Riachuelo, natural de Cajazeiras do estado da Paraíba. Filho do capitão Raimundo Coelho e de Maria Circuncisão Coelho (SANTOS, 2010, p. 23). De acordo com Tavares (1994, p. 26) Dom Moisés sentiu-se chamado para o sacerdócio ainda criança, talvez por influência do seu irmão que fazia parte do clero de Pernambuco e do padre de sua cidade natal através de quem foi ensinado nos primeiros anos de sua vida. Aos dezesseis anos foi estudar latim com seu irmão o padre Sabino Coelho em Pernambuco. Em 1894 ingressou no Seminário de Olinda, mudando dois anos mais tarde para o Seminário da Paraíba que era administrado por Dom Adauto.

Figura 7 – Dom Moisés

Portanto, fez seus estudos eclesiásticos no Seminário Arquidiocesano da Paraíba, sendo ordenado presbítero em 1901 pelo bispo Dom Adauto a quem iria suceder anos mais tarde no arcebispado da Paraíba. Foi nomeado bispo de Cajazeiras, em 1914, pelo Papa Bento XV. Seu lema de trabalho foi *Dominus illuminatio mea*, que quer dizer “Senhor e minha luz”, foi transferido para a capital em 12 de fevereiro de 1932 como coadjutor do arcebispo de João Pessoa e o auxiliou até a sua morte.

Dom Moisés seguiu o modelo de vida e prática social e espiritual de seu antecessor. Porém, com características menos severas e consideravelmente menos hierárquica em relação à estrutura do clero paraibano. É perceptível a partir da análise dos discursos nas atas de reuniões do núcleo pesquisado e do jornal *A Imprensa* determinado ‘afrouxamento’ em relação a alguns discursos, como a modernização e a emancipação da mulher.



Fonte: Acervo das Noelistas – Arquivo Arquidiocesano da Paraíba.

(...) É necessário que compreendamos que estamos em novos tempos. Não temos mais como olhar para o passado e trazê-lo para os dias de hoje, nossa atitude deve ser busca constante pela fé, por um engrandecimento dos trabalhos espirituais para barrar as frivolidades que assolam nossos dias, mas

⁶⁷ O conhecimento da vida de Dom Moisés não foi de fácil acesso devido à falta de documentos em relação a sua vida antes do noviciado e mesmo posteriormente ter ingressado no sacerdócio encontrei pouquíssimos documentos em relação ao mesmo.

hoje compreendemos nosso lugar de mulher na sociedade. Uma mulher cristã é aquela que esta atenta aos sinais do tempo, que percebe a modernidade, mas que utiliza o que tem de moderno para preservar a palavra da Santíssima Trindade. Protejamos nossas famílias do mal moderno, utilizemos apenas aquilo que é bom. Se tiveres roupas e deseja algo mais moderno e usual, faça-te a caridade. Faça a doação, pois assim utiliza o que é novo sem deixar de agradar a Cristo, pois esta ajudando os mais necessitados. Não devemos nos encher com materiais que não usamos, isto se chama cobiça e deve ser banido do nosso olhar. O desprendimento de bens materiais deve ser algo que cerca a mulher Crista, ela usa o moderno para seguir os modelos e agradar os olhos seus e de todos, afinal quem não gosta do novo? Porém, ela carregue em si o sinal da piedade, da caridade. Não compre aquilo que não precisa. Não gaste o dinheiro do teu esposo com besteiras, a boa mulher usa o dinheiro sabiamente e vive da doação (...). (A *Imprensa*, 10 de novembro de 1938).

A partir de citações como a supramencionada ficou evidente os *novos tempos* que caminhou o Noel paraibano. A entrada de Dom Moisés é considerada neste trabalho como fator chave para adaptação de um Noel mais severo, para um modelo de Noel mais brando e até mesmo mais compreensível em relação ao uso da modernidade como elemento de união das mulheres e sua família cristã. Neste sentido, apesar de Dom Moisés ter sido educado diretamente pelas mãos de Dom Adauto, seu posicionamento menos contundente quanto à modernidade pode ser resultado inclusive do seu lugar social enquanto filho de representante político e também do distanciamento dos ensinamentos romanos que Dom Adauto recebeu. É importante destacar também que Dom Moisés assume o arcebispado posteriormente ao período que a romanização ocorreu no Brasil, porém é compreendido através de Beozzo (1977) que as consequências e algumas ações da romanização do catolicismo no Brasil perpetuam até 1950.

Outro fator importante a salientar é o período do arcebispado; apesar dos resultados (bens de consumo) da II Guerra Mundial demorar a chegar ao Brasil neste período, ocorreu neste tempo uma intensificação de produtos e novos modelos de civilidade que interpelam a sociedade com o que tem mais sofisticado e que representavam *status quo* (CHAGAS, 2010), portanto não tinha como Dom Moisés barrar esse avanço que alterou os sentidos e as sensibilidades de toda a sociedade. Logo, é de suma importância compreender que a modernização do noelismo ocorreu como resultado do tempo e também como resultado direto da política de Dom Moisés.

Vivemos em uma sociedade com os anseios do moderno, a todo o momento nos é posto o que tem de mais bonito e belo. A luz elétrica hoje não nos falha, temos novos carros, novas lojas, novos modelos de vestuário, tudo o que representa de mais bonito vindo do sul do país e em alguns casos de fora

do Brasil. Mas, é importante falarmos sobre algo que corrompe nossa sociedade. Não usemos da modernidade para sacrificar o altar de Deus, ao vivermos o moderno podemos deixar a escrituras sagradas de lado. (...) Vivemos um período de grandes problemas nos matrimônios, mulheres unidos para proteger aquilo que é essencial para nossa vida e para nossa nação. Devemos usar aquilo que é bom e belo para nossos maridos, para a nossa casa ficar mais cheia de vida, porém não se deixe ludibriar por falsas promessas que o moderno traz. (...) Já nos alertava nosso fundador, cuidemos do nosso coração para proteger dos males do tempo, por isto cuidemos de nossas famílias, somos exemplos para os nossos filhos. Uma boa mãe não sai sozinha por determinadas ruas para procurar o moderno, uma boa mãe é acompanhada para que sua vida seja resguardada, usemos o moderno a nosso favor e não para destruir nossa família. (*A Imprensa*, 13 de maio de 1939).

No que tange as ações consideradas livres do grupo, o noelismo paraibano foi beneficiado por Dom Moisés, pois o mesmo enxergava o núcleo como uma ligação mais íntima entre a Igreja e a sociedade paraibana e dava uma maior liberdade para as noelistas procurarem por si só as melhores ações para o grupo e para a sociedade, “Dom Moisés confiou a nós a obra de assistencialidade da casa Zita, temos de unir para mostrar nossa capacidade diante das tarefas incumbidas” (*Ata de reunião*. 23 de novembro de 1936. Livro I).

Mas, é válido ressaltar que mesmo diante desta “liberdade” Dom Moisés em nenhum momento deixou as noelistas sem a orientação e cuidado do seu *protetor*, o mesmo apenas não intervinha tão fortemente como Dom Adauto que tinha uma postura incisiva sobre as mulheres devido sua formação, porém em qualquer problema ou situação que o chamava atenção Dom Moisés fazia-se presente. Em algumas atas de reuniões é possível compreender a presença integral ou parcial do bispo nas reuniões e nas ações engendradas pelas noelistas. “O nosso Arcebispo se faz presente sempre na colaboração de nossas práticas diárias, tanto no que se refere à prática espiritual como a ação” (*Ata de reunião*. 19 de maio de 1936. Livro II.).

É importante compreender que os desvios de conduta não serão aceitos em nosso núcleo. Estamos unidas há bastante tempo para deixarmos cair na tentação do mundo. Somos mães, mulheres, filhas e devemos dar exemplo. Nosso arcebispo em reclamação direta orienta que as duas pessoas que cometeram os determinados desvios devem se afastar imediatamente de suas funções e procura-lo para confessar seus pecados e marcar as formas de penitência espiritual. Somos exemplos e devemos mostrar para todos que apesar de seguirmos uma vida dedicada a Cristo podemos cair em pecado, porém também podemos nos redimir. (...) (*Ata de reunião*. 25 de fevereiro de 1937. Livro II.).

2.3 AS TRANSFORMAÇÕES NA PARAÍBA: A INFLUÊNCIA DA REVOLUÇÃO DE 30 NA ESTRUTURA DA FAMÍLIA CATÓLICA PARAIBANA

As primeiras décadas do século XX foram de intensas transformações no Brasil, tanto no plano econômico, como cultural e o social. A partir da década de vinte essas transformações ficaram mais evidentes devido à efervescência de movimentos sociais em várias camadas da sociedade. Neste sentido, para compreender os discursos das noelistas é preciso compreendê-las também como resultado direto ou indireto de influências da política e da cultura brasileira.

A partir de 1922 uma sucessão de acontecimentos alterou a estrutura social vigente. Entre os eventos deste período destaco a Semana de Arte Moderna⁶⁸, a criação do Partido Comunista⁶⁹ e o Movimento Tenentista⁷⁰. Além da fundação de inúmeros jornais e periódicos de cunho liberal e normativo, que alteraram a estrutura de pensamento cultural e social das classes sociais, principalmente a classe média que se encontrava em crescimento. Portanto, foi um período de intensa modificação tanto no cenário internacional (HOBBSAWM, 2003) como no nacional (FAUSTO, 1975).

Em relação ao panorama econômico este período é marcado por altos e baixos até os anos de 1929 quando ocorreu a Grande Depressão⁷¹. No Brasil, a principal economia nos anos

⁶⁸ A Semana de Arte Moderna ocorreu em São Paulo entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922. Teve como participantes nomes consagrados do modernismo brasileiro como Oswaldo de Andrade, Mario de Andrade, Heitor Villa-Lobos, entre outros. O objetivo da semana era o desvencilhamento dos padrões/modelos europeus, desta forma pretendia-se mostrar e criar a autêntica identidade brasileira. Portanto a semana de arte moderna teve como característica principal a exaltação do nacionalismo, através das artes procuraram difundir um caráter nacional.

⁶⁹ Fundado em 25 de março de 1922, detinha uma cultura socialista que baseava-se na experiência partidária anticapitalista. Durante os anos iniciais suas atividades foram realizadas clandestinamente. Lançaram inúmeros manifestos para as classes mais baixas (o operariado), divulgando os ideários de Marx e Engels no jornal que fundaram *A Classe Operária*; Um dos principais líderes do movimento foi Luiz Carlos Prestes (1898-1990).

⁷⁰ Movimento Tenentista era formado por políticos-militares de média e baixa patente (em especial tenentes). Iniciado na década de vinte no período da República Velha, a tendência ideológica do movimento era a compreensão da política republicana liberal. Um dos maiores líderes foi o Luís Carlos Prestes que inaugurou a *Coluna Prestes* que apoiava-se na concepção comunista. É válido ressaltar que apesar do movimento ser contra a República o movimento era heterogêneo em relação a ideologia, muitos não aderiram a ideia de comunismo difundida por Prestes.

⁷¹ A Grande Depressão em 1929 ocorreu a partir da quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque que afetou o mundo todo. Entre os motivos da crise destacam-se a superprodução industrial após a I Guerra Mundial e a especulação financeira e imobiliária iniciada nos anos vinte em resultado da euforia econômica. A crise influenciou o Brasil na medida em que o EUA passou a fazer pressões e cobrar dos países credores empréstimos e investimentos financeiros, como também com a quebra do mercado industrial. Dessa forma, países como Brasil que tinham como característica principal econômica a agricultura, sofreram pela falta de produtos e bens de consumo.

vinde era relacionada à produção de café que vivia um momento de expansionismo, por conseguinte as outras produções também confluem para uma economia agrária. Dentro desse contexto econômico é válido ressaltar que ocorreu o crescimento da classe média (em especial a classe trabalhadora) através do crescimento urbano e de centros comerciais propiciados pela entrada de novos bens de consumo que originou uma “corrida” na ideia de estética e status quo social. O moderno e o novo tornaram sinônimos de boa condição financeira, sendo assim as famílias procuraram adaptar-se aos novos modelos importados do mundo pós-guerra. A respeito disso, destaco a seguir as “Notas” produzidas respectivamente por Ótica, Aroldo e Gomes, que foram publicadas no mesmo jornal, *A União*: “Garanta que aqueles que têm problema de visão na sua família o melhor e mais belo picinez. Com modelo moderno, é atractivo (sic) para aqueles que desejam ter facilidade em seus momentos de trabalho e lazer” (*A União*, 23 de abril de 1923); “Venha conhecer a nova loja de tecido do Aroldo. Tudo que você precisa para sua casa ficar mais moderna e bela. Rua Duque de Caxias”. (*A União*, 23 de abril de 1923); “Os melhores artigos você encontra nas casas Zé Gomes. Venha conferir o que a de mais moderno para sua casa. Temos cama, mesa e banho para melhor lhe oferecer. Tudo vindo do sul do Brasil feito por mãos delicadas e finas para o melhor da sua família”. (*A União*, 23 de abril de 1923).

A partir dos anúncios acima é compreendido que ocorreu em todas as classes sociais a busca constante de bens de consumo, com isto acarretou um crescimento urbano com característica de valorização de novas estéticas quanto à arquitetura, o alargamento de ruas, a pavimentação, o aparecimento de praças de encontros e passeios, o surgimento de lojas e conveniências especializadas em produtos distintamente modernos (CHAGAS, 2010, p. 29). Neste sentido, apesar do relativo atraso em relação a outros estados brasileiros, a Paraíba vivenciou chegada desses novos bens que são atrelados à modernidade a partir dos anos vinte e isto representou intensas transformações no plano cultural, social, econômico e político. As noelistas destacaram essa modernidade iniciada nos anos vinte em seus discursos como o período de chegada do *mal* que descaracterizou o mais precioso da sociedade que era a moralidade, visto que ocorreram mudanças na forma de pensar, portar, vestir, andar e uma ânsia desenfreada por tudo que era considerado moderno.

Mesmo diante desse contexto de modernização social a política nacional e regional continuava com suas bases ainda no modelo iniciado desde o final da República da Espanha. Este período denominado de República Oligárquica ou República Velha passou a ter seus dias

contados com a inserção dos movimentos sociais supracitados. O cenário político passou a ser questionado devido principalmente a “política dos governadores”⁷² que ficou conhecida como a progenitora da “política do café com leite”⁷³. Desta forma até os anos trinta a política dominante se baseava na “troca de favores” e nas “lideranças dos coronéis” (LEAL, 1948, p. 37), porém no ano de 1922 a política oligárquica sofreu inúmeros conflitos.

Disputas políticas e acordos de sucessão presidencial desfeitos colocaram em oposição à “política dos governadores” a “Reação Republicana”⁷⁴ que lançou a campanha de Nilo Peçanha contra Arthur Bernades. A partir desta eleição foram colocadas em pauta de discussão as fraudes eleitorais. Os militares passaram a ter uma postura mais incisiva sobre os acontecimentos gerando ainda mais tumulto no governo e na sociedade. Para os militares as oligarquias deveriam ser destruídas. Os anos seguintes foram de choques constantes entre os militares e o governo até os anos trinta quando estou à revolução.

Em 1929 começou uma nova corrida eleitoral, até aquele momento tudo levava a entender que ocorreria a reprodução da república oligárquica dominante (o revezamento de São Paulo e Minas Gerais), porém em um ato que cessou a “paz” entre as oligarquias iniciou a *Revolução de trinta*. Washington Luís indicou para ser seu sucessor na presidência Júlio Prestes que era paulista, através desta indicação ele rompeu o acordo com Minas Gerais que esperava ser o próximo governante.

A partir da quebra de acordo e o apoio de Minas Gerais foi lançada a candidatura de Getúlio Vargas⁷⁵ (governador do Rio Grande do Sul) para presidente e João Pessoa (governador da Paraíba) para vice-presidente. A partir desta união de oposição a Washington

⁷² Ficou conhecido como “Política dos governadores”, o acordo político criado por Campos Sales. Este acordo baseava-se em pactos feitos entre o presidente e os governadores dos estados. No caso, o presidente apoiava os governadores (com favores econômicos e prestígio) e em troca os governadores garantiam a vitória nas eleições para presidente através do “coronelismo – voto de cabresto”. Desta forma elegiam bancadas pró-governo Federal na Assembleia Legislativa, garantido assim relações amigáveis e estabilidade entre o Poder Federal e os poderes regionais (governadores.)

⁷³ Revezamento de poder na presidência entre os estados de São Paulo e Minas Gerais.

⁷⁴ Chapa feita entre os estados de Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Distrito Federal contra o candidato situacionista lançado por Minas Gerais e São Paulo. Esta oposição mostrou que a política do café com leite começou a ficar em declínio diante da insatisfação dos outros estados devido ao papel secundário na política nacional.

⁷⁵ Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) nasceu em São Borja no interior do Rio Grande do Sul, cidade que faz divisa de fronteira entre o Brasil e Argentina. Formou-se em direito pela Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre, onde advogou e foi promotor público. Entrou para carreira militar aos dezesseis anos como soldado. Na carreira política foi deputado estadual e federal, senador, ministro da fazenda e presidente do Brasil até o ano de sua morte.

Luís formou-se a *Aliança Liberal*⁷⁶ que apoiava Vargas a presidente e tinha como lema da eleição *Representação e Justiça*; a proposta desse grupo baseava-se na reforma política.

Mesmo diante da instabilidade econômica causada pela crise mundial de 1929 e o grande número de desempregados Júlio Prestes ganhou a eleição, mantendo o poder central restrito a São Paulo. Insatisfeitos com a derrota a Aliança Liberal uniu-se ao Movimento Tenentista apesar das divergências ideológicas quanto às ideias dos seus líderes. O estopim para a revolução foi à morte de João Pessoa⁷⁷ em 26 de julho de 1930 (por razões passionais e não políticas), porém este foi utilizado como mártir e motivo de revolta. Nos meses seguintes os revoltosos com o cenário da política foram se agitando e clamando junto à população por melhorias e mudanças na política. No dia 03 de outubro de 1930 estourou a conspiração e não aguentando as investidas e a instabilidade Júlio Prestes foi retirado da presidência.

Em novembro Vargas foi empossado como presidente da República, com a chegada do novo presidente ao poder com ajuda dos militares ocorreu o deslocamento de velhas tradições políticas-oligárquicas. De acordo com Boris Fausto (1970) no livro *A Revolução de 30: história e historiografia* a revolução de 1930 deve ser compreendida como consequência de divergências intra-oligárquicas que teve como base os movimentos militares dissidentes, que alteraram e formularam novas formas de política através de golpes contra a hegemonia cafeeira que permanecia no poder. Com isso a incapacidade do governo vigente, a economia defasada ocorreu o que Fausto nomeou de *Estado de compromisso*. De acordo com o historiador conceito de *Estado de Compromisso* seria a forma de governo adotada no pós-trinta, pois segundo o autor o Estado se abre a todas as pressões e desejos políticos sem se subordinar a nenhum deles, ou seja, manteve diálogos com todos, porém a força estava localizada única e exclusivamente no Poder Central.

De acordo com Fausto (1970, p. 109-110) a forma política adotada no período tem como característica a centralização no Poder Central (presidente), retirando das oligarquias

⁷⁶ A Aliança Liberal foi uma coligação formada em oposição ao governo vigente formado pelos estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul nas eleições de 01 de março de 1930. Ideologicamente este grupo entrava em conflito devido à multiplicidade e/ou heterogeneidade dos participantes de várias classes políticas e intelectuais que almejavam seus próprios interesses na política. É válido ressaltar que a Aliança é formada por pessoas da elite que buscavam conter principalmente o avanço da classe média que já vinha dando sinais claros de insatisfação desde os anos vinte, portanto era um pacto formado por oligarquias regionais que tinham objetivos não muito diferenciados da oligarquia vigente.

⁷⁷ João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (1878-1930), nascido na cidade de Umbuzeiro na Paraíba, sobrinho de Epiácio Pessoa, formou-se em direito pela Faculdade de Direito de Recife. Foi, portanto, advogado bem como político brasileiro. Na carreira pública foi auditor geral da Marinha do Brasil, ministro da junta militar, ministro do superior tribunal militar, governador da Paraíba e candidato a presidência, sendo vice de Getúlio Vargas.

cafeeiras o privilégio. Entre as medidas adotadas o intervencionismo quanto à área da produção de café, a elaboração de plano de racionalização quanto aos investimentos no capitalismo internacional.

Neste sentido, ocorre o abandono de fórmulas liberais quanto a economia e uma aproximação progressiva com ideais fascistas, marcando um governo autoritário e repressor. Logo, o governo Vargas é compreendido como *Estado forte, centralizador e repressor*.

Criou-se uma máquina burocrática que escapava ao controle direto das oligarquias regionais centralizando o poder. Todavia esta centralização foi viável, na medida em que resguardou os fundamentos do poder local e a sobrevivência das oligarquias, contudo a relação entre estas e o poder central é reordenado (GURJÃO, 1994, p.106).

No contexto da Paraíba a política que se seguia era o mesmo modelo instaurado nas outras regiões do país. Após a entrada de Vargas ao poder ocorreram inúmeras disputas inter-oligárquicas entre as lideranças vencedoras para estabelecer quem ficaria no poder, contudo todos os governos estavam submissos ao Poder Central. Vargas conseguiu controlar os estados através de mecanismo jurídico-político, criou os interventores nos estados com a finalidade de controlar e organizar as políticas locais de acordo com os planos federais.

O papel dos interventores foi portanto, fundamental na tarefa da centralização, sua condição de elemento de confiança do Governo federal, por ele nomeado conferia-lhe certa independência em relação as oligarquias locais, uma vez que não lhes devia sua permanência no cargo e que até certo ponto enfraquecia as prerrogativas oligárquicas. Por outro lado, naturalmente identificado com coronéis e oligarquias, estes interventores tinham facilidade de promover a convivência entre as facções dominantes e o governo central (GURJÃO, 1994, p.107).

A partir deste contexto de governo centralizador, intervencionista e nacionalista a Paraíba foi algo constante do olhar astucioso de Vargas. Suas intervenções sempre confluíam com os grupos que ofereciam melhores condições político-partidárias, ou seja, a política de Vargas também foi baseada na troca de favores que propiciasse futuras benesses para seu governo, porém resguardou a sua palavra e/ou intervenção como decisão final para qualquer problema oriundo na esfera pública. Neste sentido, é perceptível assim como em outros estados que na Paraíba ocorreu a reorganização das famílias na máquina estatal, porém continuava a configurar o coronelismo como marca legítima da política brasileira:

A cisão inter-oligárquica que então se processava, e que iria originar os dois principais partidos políticos do pós-30 na Paraíba, pode ser apresentada a partir da política administrativa de João Pessoa, reformista, legalista e

difusamente populista – Esta, por sua vez, contrapunha-se aos epitacistas da velha guarda, conservadores, arbitrários e elitistas, contrariando seus interesses e culminando com a revolta de Princesa, no embate entre poder público e poder Privado. (FALCÃO, 2000, p. 66).

É válido ressaltar que o resultado desta política adotada pós Vargas é resultado direto das políticas que foram iniciadas ainda na década de vinte na Paraíba, pois o cenário político paraibano estava em constantes debates e acirramentos. Durante o governo de Epitácio Pessoa⁷⁸ em 1915 a crise iniciou, no entanto foi no governo de João Pessoa que ocorreu a culminância de vários fatores.

As medidas epitacistas não eram mais aceitas por algumas oligarquias. Em 1928 João Suassuna que era governador da época decide ignorar os pedidos de Epitácio Pessoa e lança sua candidatura. Em oposição a esta chapa Epitácio decide lançar à candidatura de João Pessoa que na época morava na cidade do Rio de Janeiro e era ministro. Ao chegar ao poder como governador do estado da Paraíba, João Pessoa, adotou medidas como a perseguição do cangaço na região, o desarmamento, perseguiu opositores, interferiu na polícia e no poder judiciário causando inúmeras transformações e rompendo assim, com pactos que seu tio Epitácio tinha feito ao longo de treze anos.

No governo ele reformulou suas bases de apoio local através de acordos com líderes urbanos e seguiu seu plano de revitalização da Paraíba por meio de criações de ministérios, escola e centros. No plano econômico passou a utilizar de grande fiscalização na entrada e saída de produtos do estado, buscando fiscalizar todas as arrecadações tributárias e cobrar os impostos necessários pelos produtos do Estado.

As benesses instituídas por João Pessoa foram perceptíveis, afinal ele conseguiu revitalizar a economia paraibana que estava praticamente falida, além das inúmeras construções que beneficiaram os centros urbanos, portanto as mudanças agradavam a maior parcela da população urbana e liberal que encontravam através de alterações uma sociedade mais moderna seguindo o modelo do resto do país.

Não obstante, a política adotada pelo governador desagradou às antigas oligarquias dominantes que encontravam através da fiscalização tributária problemas em relação à venda e compra de produtos. Dentro deste contexto de conflitos econômicos e ideológicos surgiu José Pereira de Lima como chefe político mais influente do sertão da Paraíba (MARIANO,

⁷⁸ Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa (1865-1942), natural da cidade de Umbuzeiro na Paraíba, tio de João Pessoa, formou-se advogado pela Faculdade de Direito do Recife. Foi professor, deputado federal, senador, ministro da justiça, procurador geral República e presidente do Brasil.

2005) contra João Pessoa e suas decisões políticas administrativas. A partir dos conflitos entre os dois surgiu a *Revolta de Princesa*⁷⁹ que desembocou numa revolta armada contra o governo vigente. A revolta tinha o apoio dos coronéis locais que eram contra as medidas adotadas pelo governador e sofriam com as cobranças tributárias.

Dentro deste contexto de revolta interna o governo e a candidatura de João Pessoa a vice-presidente estava ameaçada; o desfecho de inúmeras crises e batalhas com José Pereira através do exército no sertão paraibano apenas teve “fim” com a sua morte no Recife pelo seu rival João Dantas⁸⁰. A Paraíba que já estava em crise entrou em colapso total, aqueles que apoiavam João Pessoa perseguiram e depredaram os opositores, após a morte quem assumiu foi seu vice-governador Álvaro de Carvalho. Crises desse tipo perduraram até a entrada de Vargas no poder instaurando as políticas intervencionistas.

Desta revolução de trinta emergiu dois grupos políticos que lutaram juntos com a Aliança Liberal e o Levante de Princesa. De um lado estava o grupo encabeçado por José Américo e do outro os irmãos de João Pessoa que lutavam pela continuação na política como resultado da condição natural devido à morte do irmão. Porém, Vargas através do seu intervencionismo, passou o governo para José Américo. A partir deste momento começa o governo provisório de José Américo que era considerado pela população um bom governante. Através de seu prestígio como governante junto a Vargas devido às políticas adotadas no estado de melhoria na infraestrutura (obras contra a seca), na cultura, e que possibilitaram uma visão benéfica do presidente como *pai dos pobres*, a Paraíba entrou no circuito de atenção do projeto político federal.

Entre os interventores postos por Vargas na Paraíba são: José Américo de Almeida que governou de 04 de outubro de 1930 a 25 de novembro do mesmo ano; Antenor Navarro que governou entre os anos de 1930 até 1932; Gratuliano de Brito, governou entre os anos de 1932 a 1934; Argemiro de Figueiredo que foi eleito pela Assembleia Legislativa do estado governando entre os anos de 1937 até 1940 e o último interventor foi Ruy Carneiro entre os anos de 1940 a 1945. De acordo com Santos Neto (2007, p. 49) os interventores tinham como principal finalidade durante sua governança a estruturação e centralização do Estado de

⁷⁹ O levante e/ou Insurreição de Princesa foi o nome dado pela proclamação da região de Princesa no sertão da Paraíba como território livre do governo. O evento ocorreu através de coronéis, sendo o líder José Pereira que estava contra o governador da Paraíba, João Pessoa. Localizado na microrregião da Serra de Teixeira, faz divisa com o estado de Pernambuco e em função desta proximidade e de relações comerciais por esta região João Pessoa passou a perseguir os líderes locais com cobranças tributárias.

⁸⁰ João Duarte Dantas (1888-1930) nascido no Recife no estado de Pernambuco foi advogado e jornalista brasileiro, opositor de João Pessoa e aliado político de José Pereira.

acordo com os modelos exigidos pelo governante do Brasil, isto é, deveria existir uma boa relação entre o poder oligárquico e concomitantemente estabelecer o poder nas mãos do Governo Central.

Mesmo diante das mudanças no governo de Vargas através das intervenções a economia na Paraíba entre as décadas de 30 e 40 foi baseada na agro exportação principalmente do algodão e seus derivados. Em consequência desta economia o número de miserabilidade tornou-se demasiada estabelecendo assim um crescimento de mortalidade infantil, a defasagem do sistema urbano (bancário, hospitalar, locomotor), como também um alto número de analfabetos.



CAPITULO III – FAMÍLIA OU FAMÍLIAS? AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS DA CÉLULA DA NAÇÃO

3.1 APRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA: CONCEITOS E DISCURSOS DAS NOELISTAS SOBRE A FAMÍLIA

As várias tendências sobre a família coexistem e se alimentam reciprocamente através de diálogos ora amistosos, ora antagônicos, posicionando os pesquisadores em debates que confrontam teoria/ empiria, análises econômicas/análises culturais, estudos diacrônicos/ estudos sincrônicos e abordagens "quantitativas"/ abordagens "qualitativas". Estes debates polêmicos, longe de levarem a uma 'auto- destruição' do campo, têm proporcionado um crescimento ainda maior de todas as áreas envolvidas, ao rejeitarem modelos simplistas de análise (TERUYA, 2000, p 01).

A instituição familiar é algo que tem sido inquirida a partir de variados enfoques que possibilitam perceber que se trata de um campo em constante crescimento e debate devido ao seu posicionamento central nas tessituras sociais. Neste sentido, é perceptível a sobremaneira como este tema é tocante às sensibilidades individuais e coletivas. “A família é a base, quem seríamos sem ela? Família é tudo que o ser humano tem nas horas que mais precisa. É na família que se institui o amor, a educação, a boa civilidade e principalmente os bons homens da nação” (*A Imprensa*, 16 de junho de 1935).

Neste sentido, a partir da compreensão da importância da família para o núcleo noelista, pergunto: Será que a instituição familiar atinge esta proporção na vida dos indivíduos? Segundo Ariés no seu livro *A história social da criança e da família* (2006, p. 48) as construções culturais em torno da família foram resultados das modificações históricas, ou seja, a partir de transformações no seio da sociedade. A noção de criança, família, amor e outros adjetivos que cercam a instituição familiar alteraram-se de acordo com os contextos e adaptaram-se as novas realidades.

Estas transformações ocorreram devido às alterações na sociedade, pois, a vivência e as práticas sancionadas como pertencentes ao público e ou ao privado foram mescladas. Assim, como o lugar de pertencimento social do homem, da mulher e da criança também transitaram para responder ao tempo e as novas inquietações. Neste sentido, é perceptível que os esquemas de distribuição e organização familiar foram alterados de acordo com as mudanças que a sociedade passou.

Logo, ficou de suma importância destacar que estou fazendo uma discussão sobre uma instituição que está em constante transformação, portanto qualquer conceito utilizado acerca do tema “família” deve ser constantemente analisado e questionado. É válido ressaltar também que a família nesta pesquisa também passou por alterações em curto prazo (1931-1945) e que estas vivenciaram a transformação em estado de medo, mas também de euforia:

(...) temos mulheres hoje que tem trabalho fora de casa que não é associado a vida da catequese, como também não é a educação. Vivemos novos tempos, hoje temos mulheres que estão deixando de cuidar dos seus filhos para agenciar tarefas em comércios e negócios. Minha pergunta é: Até que ponto isto é saudável para a criação dos nossos filhos? Que exemplo eles estão recebendo se a mãe não está em casa ou trazendo eles para a Igreja? Como estamos cuidando dos nossos casamentos. Devemos ter sempre em mente que nosso objetivo é guardar nossa família e filhos do mal, mas se estamos ocupadas como o faremos? Como os nossos maridos vão se sentir quando perceberem que estamos tomando o lugar dele na tarefa de trazer o “pão” para casa (*A Imprensa*, 16 de dezembro de 1938).

Hoje nos é permitido o que antes foi tirado, hoje somos mulheres atentas e temos funções que antes não nos cabia. Mulheres a ti é dado o direito do trabalho, o direito do casamento, o direito da maternidade, o direito de viver uma vida muito próxima de uma igualdade e não da subjugação, por isto valorize o teu lugar de mulher, valoriza-te, respeita-te e mostra para todos que a mulher hoje pode fazer muitas funções, mas que exerce todas com mão de ferro e exemplo de moralidade (...). (*A Imprensa*, 02 de março de 1939, p. 09).

Portanto, ao pensar o conceito de família é de suma importância compreender que abrange vários tipos de famílias, percebendo isso esclareço que este trabalho inquiriu sobre um tipo específico, que é o modelo da família cristã noelista que buscou dar significado prático e teológico a respeito do discurso cristão sobre a Sagrada Família para “reviver” as mesmas características e modelos, dado que de acordo com Saraiva (1950, p.117) viver o noelismo é compreende-lo a partir de sua mítica que é a família e o mistério da encarnação.

A família noelista foi formada a partir de um modelo específico de conduta e normas que deveriam ser seguidas por todas, tendo em vista as regras e postulados que deveriam orientar e construir um ‘tipo de ideal’ familiar baseado no exemplo máximo que é a Sagrada Família. Neste sentido, utilizo o conceito de tipo ideal de Weber (1974, p. 345) para esclarecer que as mulheres noelistas buscavam vivenciar o modelo de entidade divina que é *Maria*, um exemplo vivido no ‘tempo bíblico’, isto é, não existe comprovação real da pureza e das ações de *Maria*.

Desta forma me apoio no conceito de Weberiano para esclarecer que o “tipo ideal” é algo inexistente, portanto é um modelo que serve como referência e/ou parâmetro para

compreender as tipologias verdadeiramente existentes. Neste sentido, através da ideia de “tipo ideal” é possível entender as singularidades do modelo proposto pelas noelistas e diferenciá-las das demais. Por conseguinte, o “tipo ideal” é importante para buscar orientações úteis que permitam ver as várias tipologias existentes e analisar as problemáticas através de um exemplo gerador. Este modelo ideal é um exemplo catalizador que serve como princípio norteador para compreender as singularidades do pensamento de um grupo ou pessoa. Logo, ao fazer o uso das noelistas como uma “família ideal” compreendo-as dentro de um contexto de busca constante por um modelo inexistente ou irreal, mas que motivou-as a acreditar na existência devido o mito fundante do grupo e a espiritualidade que as cerca.

É válido ressaltar também que as noelistas acreditam no tempo como uma construção histórica-teológica, de modo que acreditavam que elas viviam em um tempo transitório e que acabaria com o *juízo final*, e que todas as suas ações seriam ‘analisadas’ para permitirem sua passagem para o divino.

(...) estamos vivendo o tempo da graça, Deus permitiu a humanidade estar aqui para se redimir de seus pecados, pois só os escolhidos estarão em seu reino, aqueles que não tem uma vida dedicada a Deus, aqueles que não comungam do princípios de Cristo não farão parte dos eleitos. Por isto vos digo, levemos uma vida regrada e temente, copiemos o exemplo da Sagrada Família para que quando chegemos diante do Senhor nossa alma seja aceita e nosso destino a glória divina, afinal aquele que se embebedada da palavra divina na terra, terá garantido o reino do céu (...), por isto vós digo, não leveis uma vida profana em desacordo com mandamentos, protegeis os teus para que estes não caia em tentação, cuidai do teu corpo e do espírito para que ambos comuniquem da fé divina. (...) (*A Imprensa*, 13 de maio de 1934, p. 07).

Ao pensar o tempo como histórico-teológico as noelistas compreendiam que ele tem um “fim” a ser atingido, de forma que enquanto este tempo final não era alcançado, elas estariam vivendo o “tempo de Deus” e que este tempo era uma nova oportunidade dada à humanidade para se redimir dos pecados, por isto a necessidade de viver em comunhão de Deus e seguir o exemplo da Sagrada Família. “Não ofenda teu corpo, com as luxúrias cada carne, guardo-o, desvela-o somente diante do altar do amor, diante da força divina que a união entre o homem e a mulher para a criação” (*Ata de reunião*. 23 de novembro de 1931. Livro I, s/p). Logo, é de suma importância compreender que as atividades do Noel estavam diretamente vinculadas a sua própria formação mitológica e teológica, dado que o pensamento das Noelista mais uma vez é compreendido a partir do Mistério da Encarnação que é nascimento de Cristo, pois elas acreditavam estar vivendo o “tempo de Deus” que era o tempo

em que se esperava a volta do Divino para levar os escolhidos e neste tempo de espera “não poderia acontecer mais nada de novo, pois o mundo se encontrava sob a perspectiva do Juízo Final” (KOSELLECK, 2006, p.128), logo, o milagre da vida já tinha vindo a terra e dado exemplo maior que era o *Menino Jesus e sua família*.

Portanto, todas as ações deveriam ser guiadas a partir deste modelo; a doação, a caridade, a subserviência, o amor, o perdão, são características que prevaleceram nas ações das noelistas, uma vez que elas se basearam neles para compreender o que era de melhor e mais bonito nos ensinamentos de Cristo.

Todos os dias nos são postos inúmeras situações que devemos ser fortes como Maria e Jose, para sabermos aceitar os desígnios divinos e compreende-los como obra do senhor em nossa vida. O menino Jesus passou por inúmeras provações no calvário e não desistiu da humanidade, por isto é importante que estejamos atentas para vivenciar os problemas e releva-los com paciência e sabedoria. (*A Imprensa*, 30 de setembro de 1934, p. 08).

As famílias pertencentes ao noelismo na Paraíba podiam ser compreendidas como família nuclear – pai, mãe e filhos –, porém ainda apresentavam determinadas características de “subalternidade” ao poderio dos avós como fio condutor para a adequação e organização social. A educação social da família noelista era baseada na figura da mãe que deve ser a imagem da mulher pura e delicada, a representação da postura de *Maria* diante de José (seu esposo) e de Jesus, ou seja, a representação da subserviência.

Nós mulheres temos como exemplo máximo Santa Maria. A mãe das mães nos mostra cotidianamente através dos seus olhos misericordiosos tudo o que devemos ter para ser uma boa mãe, mulher e esposa. A boa mulher esta sempre ao lado do seu marido lhe afagando nos momentos de problemas, lhe acalmando quando a paz não se faz, lhe cedendo quando este se toma nervoso. A boa mãe tem o olhar terno e sério de Maria, para mostrar aos filhos seu lugar de aprendiz, para mostrar o lugar de boa menina e bom menino que ele deve ocupar e entender que através dos pais e da família que ele encontra o caminho para o melhor, o caminho para Deus. (*A Imprensa*, 1939, s/p).

Neste sentido o século XX é o tempo das transformações e mudanças em relação a esta estrutura social, uma vez que nesse tempo ocorreu um rompimento gradual com o discurso de naturalização do lugar feminino em detrimento do masculino com o advento da modernidade e os trabalhos oriundos deste processo. As novas formas de vivência, através das propagandas e a profissionalização feminina, anunciavam um novo modelo familiar que não era baseado apenas na estrutura patriarcal.

Porém, mesmo as noelistas sendo mulheres letradas e formadas como Eudésia Vieira, que foi professora e a primeira médica na Paraíba, incidia um estigma na cultura noelista de valorização e afirmação da masculinidade como lugar central na orientação da família. Neste sentido para a família cristã, apesar desse contínuo rompimento, o lugar central da família é destinado para os homens e sua força de trabalho enquanto que para as mulheres deveria existir a contínua subserviência ao poder masculino, pois é dentro da família que ocorre a inculcação de ideias de acordo com os princípios cristão, que, por conseguinte é baseado na superioridade masculina que tem sua vida destinada ao ambiente público e a submissão da mulher ao doméstico (privado).

Neste sentido, as mulheres que seguiam uma orientação diferente das inferidas pelas noelistas eram chamadas de *sufragistas*⁸¹. Estas eram concebidas como o oposto idealizado para as mulheres, haja vista que lutavam e buscavam por direitos iguais. Em contramão as noelistas afirmavam

Menina moça não te anima com esses modelos pregados por mulheres de cabeças desmioladas. Estas mulheres não sabem o que procuram, estão jogando o próprio nome no chão. Uma boa mulher é letrada e culta para orientar seus filhos contra os males que o cercam. (...) Para a mulher foi destinado o ambiente doméstico e as funções de boa mãe e boa esposa. Se queres realizar trabalhos que edifiquem a alma, procure estudar para ser normalista, procure se orientar nos trabalhos da caridade, da fé e garanto que serás bem presenteada um noivinho lindo para abençoar e guardar o jardim lindo que plantarás com ele. (*A Imprensa*, 1935, p. 08).

Dessa forma, durante as décadas analisadas neste trabalho é possível ver vários desdobramentos e estranhamentos entre a mulher cristã conservadora e a sufragista. A sufragista, segundo Costa (2007, p. 67), corrompe a ordem natural da vida da mulher, uma vez que esta vive em busca de novos horizontes que não estão no casamento e na maternidade. Neste sentido, as noelistas procuram subverter e trazer essas mulheres para o entendimento cristão, entendimento que as levariam a uma união familiar em que existia a dominação masculina como sinal divino da relação com Deus.

Teu maridinho rosa-flor é presente de Deus, pois o que seria de uma mulher neste mundo sozinha? Com seu príncipe uma mulher tem sua vida resguardada, têm em seu jardim os mais lindos botões que desabrocharão com os cuidados de você. Rosa-flor cuida do teu príncipe, ama-o, pois **ele é a bênção do céu em tua vida**. (...) Uma mulher deve agradecer todos os dias pelas escolhas do pai em proteja-la sob os cuidados do marido, pois ele é quem vai fazer dela uma mulher de luz (...) Cuida do teu coração e do teu corpo de acordo com os ensinamentos do teu pai, ele jamais vai lhe reservar

⁸¹ Ver Costa (2007).

um príncipe ruim, ele sempre vai te guardar (...) (*A Imprensa*, 12 de maio de 1934, p. 09) (grifo meu).

Logo, pensar esta família noelista é algo que parte da perspectiva de pensar as subjetividades destas mulheres; mulheres que foram incutidas com valores que perpassam o social, religioso e cultural. Neste sentido, apesar de ser um lugar “naturalizado” pelos discursos intelectuais ou leigos, pesquisar a família não é algo simples, pois envolve discussões que perpassam o lugar de pertencimento de cada indivíduo (CERTEAU, 2003, p. 34). As mulheres noelistas em todos os seus discursos defendem o casamento e a família como algo ideal para toda a mulher, como algo necessário para a manutenção e ordenação necessária da sociedade, por conseguinte compreende-se que estas mulheres tiveram uma formação rígida, baseada em valores do *patriarcalismo* e que levaram ao longo de sua vida mesmo diante dos modelos de família terem se adaptado.

O conceito de “Família” pode ser compreendido a partir de vários pressupostos e interferem decisivamente na formação de cada sujeito, visto que “sem a família não seríamos nada, sem a família só existe sujeitos errantes, sem fio condutor, sem raiz. Na família encontramos a vida e o amor” (*A Imprensa*, 12 de novembro de 1936). Portanto, é relevante compreender a constituição e os discursos que formaram essa família ao longo dos anos, pois foi a união dos variados modelos que formaram a família noelista.

3.2 HISTORIOGRAFIAS DA FAMÍLIA NO BRASIL: CONCEITOS EM DEBATE

(...) Hoje temos mais direitos, **a nossas avós foram negado às ruas, as festas, a escola.** Hoje a mulher tem muita liberdade e deve ser digna deste direito. Uma boa mulher não deve sair sozinha, não deve gastar desnecessariamente, não deve se deixar levar pelo vírus da frivolidade. (...) Hoje muitos casamentos são feitos por decisões das moças que se apaixonam por seus maridinhos, para nossas avós isto foi negado, era casada por escolha do seu pai. (...) Hoje o casamento é concebido a partir da decisão de ambos, por isto preserva a tua família e a tua própria alma do mal da modernidade que corrompe e ludibria cabeças vazias. (*A Imprensa*, 23 de novembro de 1932, p. 08-09) (grifo meu).

Na contemporaneidade o IBGE (2010) define o termo família com um conjunto de pessoas conectadas por vínculos de parentesco, sujeição doméstica ou convivência. Este conceito não diferencia muito de autores que analisaram a instituição familiar no período colonial.

Freyre, por exemplo (1951 e 1980), concluiu a família brasileira como sendo *família extensa e patriarcal*. Este modelo da família colonial detinha o regime patriarcal e a

miscigenação das três raças⁸², sendo função do *senhor* prover e defender a honra de todos os envolvidos em sua esfera de poder. A *Casa grande* é o lugar de proteção e socialização dos sujeitos. O senhor é o provedor do lar, enquanto sua senhora a provedora, porém submissa a suas decisões, pois segundo Vasconcelos (2005, p. 76) as mulheres ficavam reclusas ao ambiente doméstico, isto é, não tinha direito algum à participação da sociedade. Neste sentido, a função da mulher era destinada exclusivamente ao matrimônio, serviços domésticos e a criação dos filhos. Dentro desse modelo estruturante a mulher é vista apenas como um instrumento de procriação, de força de trabalho privado e que tem sua identidade e vida submissa às decisões masculinas.

Diferindo de Freyre, para Samara (2000, p. 86) a família brasileira foi o resultado do transplante e adaptação da família portuguesa às peculiaridades do Brasil – colônia. Logo o que seguiu foi uma família patriarcal e conservadora. Samara ainda afirmou que a estrutura Freyriana não se aplica a outras áreas do Brasil que não seja o Nordeste, a exemplo de São Paulo que diferiu da estrutura supracitada⁸³. É válido ressaltar que ambos estão falando de uma estrutura social no período da colônia, porém como neste trabalho me detenho ao nordeste, os conceitos de Freyre e da Samara se aplicam, visto que em grande medida as famílias no período da República ainda apresentavam como característica elementar grande número de pessoas sujeitas a uma mesma pessoa, como também apresentavam grupos sociais que diferenciavam deste modelo.

Vainfas (2010) alegou que Freyre, ao fazer o estudo da família colonial, não generalizou a família patriarcal como pertencente a todos os lugares do Brasil, mas sim a força econômica, social e cultural que o patriarca alcançava, especificamente no Recife.

Neste sentido, de acordo com Costa (1983, p. 42) as redes familiares eram criadas de acordo com o patriarcalismo durante todo o século XIX e XX em várias localidades do Brasil. Sendo assim, os casamentos eram postos de acordo com interesses que circundavam a família. Esse tipo de relação era compreendida como uma grande rede de benefícios mútuos, ou também conhecido como ‘troca de favores’ entre as pessoas da elite, pois buscavam dentro dessa estrutura manter-se no poder, viabilizar comércios e/ou ordenar as cidades de acordo com os interesses das famílias importantes. Neste sentido, os casamentos eram um “consórcio” que deveria ser preservado para a manutenção segura de uma estrutura social que

⁸²Ver Gilberto Freyre (1980)

⁸³ A autora defendeu que este modelo aplicava-se a uma parte da população “o casamento era uma opção para apenas uma parcela da população”, ou seja, nem todos tinham acesso aos padrões pregados por Freyre.

beneficiava a todos os envolvidos, por isso esse período tem como característica os arranjos familiares de acordo com a vontade dos pais (em especial do pai).

Apesar de ser um exemplo distinto dessa relação de benefícios mútuos, compreendo a relação amistosa entre Dom Adauto e o governo do Estado como resultado destas trocas familiares, pois o primeiro arcebispo conseguiu resolver problemas inerentes à ordem pública em acordos baseados principalmente com pessoas que eram de sua terra natal. Logo, demonstra-se desta forma como as “raízes” familiares influenciavam na aceitação ou não de determinados estruturas sociais. As noelistas também são um exemplo fecundo de arranjos familiares, uma vez que várias das noelistas casaram de acordo com os interesses dos pais.

Portanto, os grupos familiares das noelistas seguiam em grande medida o modelo citado acima. A força central da figura paterna é inerente a todas as ações adotadas pela família, a partir do pai as práticas são desenvolvidas, como também os arranjos secundários⁸⁴ que são desenrolados na sociedade, ou seja, não é por acaso que as mulheres noelistas defendiam o poder masculino, dado que para elas é através desta força que a mulher conhece e ganha bons resultados. Sem o poder e a influência masculina a mulher estaria destinada a uma vivência sem rumo, *perdida*, pois o homem tem o poder natural de conectá-las as melhores situações que a sociedade pode oferecer.

Se vocês passarem por dificuldades na tua casa, **recorra aos teus pais** para ajudá-los, porém não seja direta com o teu marido, pois ele pode se sentir ofendido em necessitar de ajuda. Um homem não pode ter seu orgulho ferido, pois ele perde o freio e cabe a vocês mulheres guiarem seu marido. Sejam sábias, procurem ouvir os conselhos de tua mãe, e das mulheres mais experientes. Um homem gosta de ter sua casa protegida, ele investe todas as forças para a família ter boa representação, porém o mal acontece, as vendas não acontece, as colheitas queimam, trazendo desgraça para nossa casa. Por isto em momento de aflição **recorra àqueles que têm mais experiência, busca no conforto da Igreja** os sinais divinos e encontrarás a melhor saída para tua casa. (*Ata de reunião*. Novembro de 1932). (grifo meu)

Essas atitudes propostas pelas noelistas estão relacionadas diretamente com o modelo social que elas viviam, ou seja, as mulheres noelistas acreditavam que a força social estava na família e é através dela que qualquer problema pode ser superado. Neste sentido, a união familiar é a base para organização social e é através dela que existe o contato com o divino, visto que na maioria dos textos analisados as noelistas explicitam como a relação com o divino é importante para a consagração da família como ideal.

⁸⁴ Compreendo arranjos secundários como aqueles que são formados a partir do olhar dos pais.

Diante da compreensão Freiriana sobre o modelo de família patriarcal é entendido que a família noelista se enquadrava a partir de seus pressupostos, pois pertenciam a uma elite, tinham em sua maioria (para as noelistas mais velhas) feito casamento através de arranjos familiares, e a economia era baseada em produtos da agricultura, portanto toda a família estava diretamente vinculada à produção e ao trabalho em cima de um produto agroexportador. Logo, as uniões familiares eram feitas através do interesse de manter a economia preservada ou de aumentar esta economia de acordo os interesses sociais.

Dentro desta perspectiva familiar de submissão ao poder patriarcal existiam outras tipos de arranjos familiares que derivavam totalmente do modelo ideal para as noelistas. Segundo Samara (1993) existia nessa mesma sociedade outros tipos de famílias que confluíram entre si ou com as familiares patriarcais sem alterar a estrutura social da *família cristã conservadora*. Os arranjos familiares variavam do modelo patriarcal, o nuclear – pai, mãe, filhos – como também famílias comandadas por um único cônjuge, porém este último exemplo se aplicava em maior proporção a casas que tinham renda menor.

As noelistas compreendiam mulheres que moravam sozinhas com seus filhos como mulheres que corromperam a “ordem natural” e tinham cometido de desvios moralizantes, para estas mulheres que mesmo desquitada tinham uma postura de resignação e tinha sua vida destinada aos filhos, as mulheres noelistas faziam a caridade e até lhe possibilitavam trabalhos como doméstica. “Foi gasto a quantia do balaio para o pagamento de Margarida que é a responsável pela limpeza da salinha.”, em outras atas elas voltam a falar de Margarida como exemplo de mulher humilde e que tinha pecado, mas que através do trabalho e do cuidado com as filhas tinha se redimido diante de Deus. “A nossa Margarida que é mulher humilde e cria sua filha sozinha é um exemplo de como uma mulher sozinha pode se valorizar e se respeitar. – Pauta para a próxima reunião – A mãe solteira⁸⁵” (*Ata de reunião*. 13 de maio de 1944, Livro II). Neste sentido, mesmo para aquelas mulheres que tinham destinado a sua vida de forma *trágica ou difícil*, ainda existia a esperança de viver de acordo com os modelos cristãos para ser “aceita” na sociedade como uma mulher responsável.

Dessa forma, mesmo diante dos discursos de preservação do matrimônio de acordo com os princípios cristão, perante as propostas do Estado de uniões nucleares a partir dos

⁸⁵ Nas atas posteriores não foi encontrado nenhum registro sobre a discussão da “mãe solteira”, como também só ocorreram registros sobre “Margarida” a respeito do salário. É válido ressaltar que a quantia do salário de Margarida não foi apresentado em nenhum momento, de acordo com as leitura das atas elas utilizavam de arrecadações que variavam a quantia para fazer o pagamento de Margarida.

modelos higienistas (COSTA, 1983) apresentadas como o ideal para uma família moderna em combate a prostituição, o modelo de família nuclear que foi predominante do século XX em determinadas situações também mudou, adaptou-se ou coexistiu com o modelo patriarcal e também possibilitou novos modelos familiares como as “famílias bastardas”.

Enquanto a estrutura familiar foi se adaptando a nova realidade outros arranjos familiares também foram se moldando ou ganhando destaque na sociedade. Entre eles, a família espúria, ou seja, a segunda família conquistada pelo homem. De acordo com as orientações cristãs a bigamia e o adultério eram pecado que deveriam ser combatidos severamente, apesar de na Bíblia não constar nenhuma orientação sobre a monogamia, no entanto qualquer união ilegítima era considerada uma ofensa tanto no que se refere à união civil, pois o adultério e bigamia eram crimes previstos em lei, visto que eram considerados como um dano social de acordo com código penal 204 instituído desde a legislação no Império e consolidou-se na República (LUMEN, 2004).

Dentro desse contexto, para as noelistas, existiam grandes diferenças entre as *mulheres da vida* e as *ilegítimas* em um grau de hierarquia com relação aos valores sociais, uma vez que as *da vida* tinham a função de resguardar a moralidade das moças virgens e das mulheres casadas que eram recatadas quanto ao sexo. Portanto, as mulheres que corrompiam os casamentos, *as amantes*, a estas o desejo da noelistas era “o inferno”, pois elas acreditavam que uma mulher que ‘acaba’ com o casamento de outra não é digna nem de piedade, pois esta como a “serpente que tentou Eva e Adão”, ou seja, as amantes ainda estavam em um grau menor que as *mulheres da vida*, pois as *mulheres fáceis* serviam como ordenação da estrutura social, era através destas mulheres dos cabarés que as virgens e mulheres casadas tinham seu corpo preservado para o ato mais bonito que era a *Criação*. Portanto, a prostituta é compreendida como um mal necessário para a organização da vida, a *amante* não, pois ela destrói e retira tudo que era para esposa e os filhos e leva para si.

Uma mulher que acaba com o casamento de outra tirando o seu marido não é digna de nada, não digna de piedade, de compaixão ou perdão, pois esta mulher tentou e retirou alguém que estava vinculado pela união sagrada que é o matrimônio. Esta mulher rompeu com um sacramento que é o casamento, portanto para esta mulher o inferno é o seu lugar. Acabar com um sacramento é como acabar com a vida, é retirar as palavras divinas de Deus e joga-las ao chão. Uma mulher que separa um casal deve pagar por seus pecados em terra, pois ela não teve piedade e nem respeito a Deus. A esta mulher o desígnio é viver na sarjeta, sendo pisada e tendo seu corpo envolto em vermes e ratos, pois este corpo é um corpo amaldiçoado. Se caíres em desonras jamais acabai com um sacramento, pois ele é uma ligação sem fim, pois aquilo que Deus uniu não existe mulher que separe. O casamento é a

instituição indissolúvel que deve ser respeitada por todos, a união familiar é o sinal deixado na terra para que procriássemos e respeitássemos uns aos outros. (*A Imprensa*, 12 de janeiro de 1941, p. 08).

A partir desta concepção de casamento indissolúvel, baseado na união em Deus as noelistas pregavam que é melhor “uma mulher honesta que foi abandonada seguir trabalhando em trabalhos pesados, do que esta mulher se corromper totalmente e buscar o marido de outra” (*Ata de reunião*. 04 de dezembro de 1940). Compreendo que o termo “corromper totalmente” é compreendido dentro uma perspectiva em que a culpa pelo fim do casamento seja da mulher, uma vez que segundo os ensinamentos das noelistas “as mulheres que deixam seus maridos felizes tem um lar em perfeita harmonia, propicia ao seu marido bons sorrisos com comidas bem feitas e com a delicadeza de boa mãe, o olhar do seu marido se encanta de alegria” (*A Imprensa*, 12 de novembro de 1936). Portanto, se a mulher seguir com as orientações propostas pelas noelistas e com ensinamentos bíblicos seu casamento não sofrerá danos por *qualquer leviana* que vai oferecer melhores dotes e carinhos ao *seu esposo*.

Em todo o discurso noelista o homem é visto como o responsável em gerir a ordem e a estabilidade financeira para a família, como também manter os indivíduos que estão sujeitos ao seu poder bem apresentados, ou seja, o homem tem função de guardar e projetar status quo para família, deste modo tornava-se de suma importância para a noelista o bem estar masculino, pois

(...) Um homem bem cuidado, com sua roupa e cabelo alinhado representa que tem uma boa esposa ao seu lado, uma mulher que cuida para que ele saia para o trabalho e volte para casa desejando voltar para o abraço de sua esposa, para aquela que lhe dá momentos maravilhosos de ternura e paixão. Uma esposa sábia, jamais perde o seu marido, pois ela faz de tudo para fazer seu maridinho feliz. Por isto menina rosa, aprende a cuidar bem do teu noivinho, para que tua sogra confie o filho dela em tuas mãos. (...) Aprende a cozer, passar, cozinhar, bordar e não esqueça de aprender também a leitura, pois um homem gosta de ter em casa uma mulher que entenda sobre os assuntos, porém não tente tomar a palavra dele, pois se assim fizeste ele ficará ofendido e não terá vontade de voltar para casa. (...) (*A Imprensa*, 13 de janeiro de 1939).

Portanto, a principal função da mulher é organizar o lar para que o marido encontre no ambiente familiar toda a perfeição que não encontra na rua, “(...) a rua é o lugar do barulho, da baderna, dos vícios, proteja seu lar para que seu noivinho encontre em casa toda a paz necessária para acalmar os ânimos que ele não encontra na rua” (*A Imprensa*, 13 de janeiro de 1939). Neste sentido, a mulher tem que sempre estar disposta e preparada para satisfazer as

necessidades do esposo em todos os aspectos, pois se as necessidades masculinas não forem supridas, o matrimônio *corre riscos* e a mulher não está fazendo tudo corretamente.

Quando fores receber teus sogros trata-os bem, pois eles serão tua segunda família. O teu marido vai gostar de receber os pais numa casa arrumada e com uma boa mulher sempre a espera de servi-lo. Cuida do jantar de acordo com os gostos deles, assim deixarás teu maridinho feliz e ele não vai sentir necessidade de procurar outro lar para descansar. (A *Imprensa*, 03 abril de 1933).

A partir desta problematização acerca das atividades femininas no matrimônio, compreendo que a mulher noelista entende e concebe a infidelidade masculina como algo natural a existência do homem, é associada a algo que não é notado como pecado, pois as noelista aconselhavam as mais jovens: “não esquente a cabeça com estes desvios perfumados, pois no fim da noite é para tua cama que ele volta. Acolhe-o e recebe-o como uma boa esposa. O homem sente necessidade de liberdade e se faz necessário que ele saia um pouco” (A *Imprensa*, 13 de novembro de 1935, p. 07) logo, a mulher tem como dever saciar seu marido para que ele não sinta necessidade de estar na rua, nem de procurar outras mulheres, mas se caso ocorra estes *desvios*, a esposa deve entender como normal a experiência masculina.

Dentro deste contexto de discussão acerca do casamento é válido relembrar que a Paraíba e a intuição familiar estava se modernizando, com isso as mulheres voltam sua atenção para as mocinhas que sonham em seguir alguma carreira profissional, viajar, ou simplesmente não casar (considerado uma ofensa para a família ter filha *solteirona*).

Nos últimos anos as mocinhas têm passado a ir para escola, diferente de nossa época que estudávamos em casa com a proteção e olhar atento de nossas mães. Estas mocinhas devem agradecer ao moderno que possibilitou estudar e conhecer novas (sic) coisas, porém muitas destas estão esquecendo-se dos verdadeiros ensinamentos feminino. Mocinha, sejam ajuizadas! Te é permitido estudar para que estejas preparada para a vida doméstica, para que sejas uma melhor mãe e uma melhor esposa. Estas meninas vivem em devaneio, sonhando com trabalhos e viagens que na verdade só atrapalharia teu futuro. O teu futuro bonito é casar-te com um lindo noivinho que e dará muitos filhos e que reconhecerá em ti o que tem de mais belo e bonito, pois você se preservou para ele. Estudar é maravilhoso e se queres trabalhar procura se orientar com as escolas para mulheres, pois assim tua integridade estará garantida e tua honra não será questionada. Moça que muito viaja pode ser reconhecida como aventureira, é como um botão de flor que se solta e não consegue mais ficar presa em terra firme e acaba murchando. É este o futuro que quer par você? Trabalhar, viajar e murchar sem dar novas rosas? (A *Imprensa*, 09 de maio de 1938).

A partir do que é proposto nos textos analisados compreendo que a Paraíba estava em um período de transição de mentalidade acerca da família, pois pensamentos “renovadores” já

eram praticados por alguns, porém os valores patriarcais e extensos ainda eram utilizados. Portanto, ficou evidente que os textos ao longo do tempo foram demonstrando as mudanças de perspectiva feminina que as mulheres noelistas em alguns momentos buscaram barrar ou adaptar-se.

3.2 O JORNAL A IMPRENSA A REPRESENTAÇÃO DOS “NOVOS” IDEÁRIOS NA SEÇÃO CULTURA FEMININA

Para fazer a história da família na Paraíba no século vinte dispomos de algumas fontes⁸⁶. Entre elas, podemos destacar: as estatísticas com os registros paroquiais, civis e o censo; as literárias que podem ser periódicos, livros, diários e cartas; as normativas como regras familiares e modelos de etiquetas e modelos religiosos. Utilizamos nesta pesquisa os periódicos⁸⁷.

No que tange esta pesquisa os arquivos são utilizados, pois estes enveredam através da escrita a códigos, condutas e práticas que revestiram a família paraibana de preceitos. A representatividade da imprensa torna o jornal potencialmente importante, pois guarda as memórias e as legitimam como verdade. Portanto, ocorreu seleção de periódicos que estiveram em consonância com o acervo sobre o movimento pesquisado e os discursos liberais e modernizadores que “afastava-se” da moral vigente.

Segundo Mouillaud (2002, p. 165) ao analisar os periódicos é importante compreender as estratégias que ele foi editado, pois este foi escrito a partir de um propósito. A imprensa trata-se de um exercício político-ideológico que é influenciada pelo seu meio social e histórico. Logo, é possível que não exista imparcialidade, mediante que essa prática é substancialmente influenciável por fatores externos.

Através dos periódicos é possível encontrar vestígios e estigmas do tempo e lugares sociais relevantes à pesquisa. É importante destacar que não considero as fontes literárias como cópia fiel daquele passado, contudo avalio e analiso como algo que possibilita a compreensão e a representação de um ideário de família.

Neste sentido, as duas principais fontes de pesquisa neste trabalho são os jornais e as atas de reuniões⁸⁸ do grupo que analiso entre os anos de 1931 a 1945 e que possibilitaram

⁸⁶ Ver Carneiro (2000).

⁸⁷ Representam um vasto campo de pesquisa que em sua maioria continuam intactos.

⁸⁸ As atas podem ser localizadas no arquivo da Arquidiocese da Paraíba.

compreender como as noelistas agiram de acordo com seus objetivos na prática assistencialista. Entretanto o local que mais encontro discussões sobre a família e que são assinados como pertencentes às noelistas é no jornal *A Imprensa* que era um periódico católico que foi fundado como consequência do processo de Romanização (DIAS, 2008, p. 14); (COSTA, 2011, p. 62). Ou seja, a sua intenção era munir a Igreja Católica de aparelhos que permitisse a divulgação de projetos, acontecimentos e principalmente difundir os princípios da moralidade baseadas em Cristo, pregando contra os *males da modernidade*. Neste sentido, o jornal foi utilizado como constante ferramenta de restauração da fé cristã e de recristianização dos princípios orientados pelo catolicismo romano.

O jornal *A Imprensa* foi fundado no final do século XIX e marcou a sua época por ser um dos primeiros a circular no cenário paraibano. Criado pelo I bispo e Arcebispo da Paraíba Dom Aduino Aurélio de Miranda Henrique no dia 27 de maio de 1897, este impresso teve como subtítulo denominado Órgão Hebdomadário Doutrinário e Noticioso. Este jornal noticioso/político trazia ideários e preceitos da vida católica, do cotidiano na sociedade paraibana e da política local e nacional (e em casos extraordinários notícias internacionais).

Neste sentido, o jornal *A Imprensa*, de publicação católica, apresentava caráter noticioso e informativo, além de dar um maior espaço para o núcleo pesquisado⁸⁹. A escrita demonstra a confluência existente e as intenções do mesmo em fomentar os ideários propostos pelas *Noelistas*. A vendagem não se limitava a capital paraibana, alcançando algumas cidades de médio e grande porte deste estado⁹⁰.

Os colunistas em sua maioria eram pessoas da elite como: religiosos, padres, professores, políticos e escritores que escreviam neste órgão com a intenção de informar e formar a sociedade paraibana de acordo com sua época. O jornal ao longo de seus anos de atividade enfrentou inúmeros fechamentos (ora, por falta de verbas para manutenção e em último episódio por atritos políticos). A manutenção do jornal ocorria através da arrecadação das verbas e de pedidos em massas de ajuda da sociedade paraibana. Segundo o primeiro arcebispo da Paraíba:

É dever de todos os catholicos sustentar, conforme suas posses, a boa imprensa, avigora, na medida de suas forças, o jornalismo catholico. A cruzada moderna não é já como a da meia idade, mas doutra espécie: é o apostolado da Imprensa (HENRIQUES, 1918, p. 07).

⁸⁹ Este jornal passou a ser diário, no mesmo ano em que o *Núcleo Noelista* consolidou apresentação quinzenal na seção “Cultura Feminina” no ano de 1931

⁹⁰ Entre as cidades podemos destacar: Campina Grande, Alagoa Grande, Santa Rita, Cabedelo, Patos.

Portanto, todos deveriam ajudar na manutenção do jornal, pois a boa imprensa católica possibilitava o indivíduo compreender os bons valores, como também assegurar também a proteção da pátria no sentido de que as instituições católicas buscavam gerar o bem e a proteção contra a imprensa de má qualidade e os mal que ela imprime (HENRIQUES, 1918, p. 4-8). Logo, o jornal *A Imprensa* é compreendido como uma estratégia para a difusão do bom conhecimento e dos valores aceitáveis para a sociedade paraibana.

O primeiro encerramento ocorreu no ano de 1903 voltando a ser editados dez anos depois no dia 05 de agosto de 1912. Entre os nomes em destaque está primeiro redator chefe do jornal que foi o padre José Gomes da Silva e tinha ajuda do religioso Manoel Antonio Paiva, além de colaboradores e vigários que tinham a obrigação de assinar o jornal e fazer a divulgação da paróquia. (FERREIRA, 1994, p. 45).

O jornal contava com correspondentes (coronéis, professores, padres, cônegos, majores, capitães e promotores) em cerca de quinze municípios do estado da Paraíba relatando os principais acontecimentos. Esse espaço no jornal era chamado de “Interior da Paraíba” e continha caráter político, literário, recreativo ou noticioso. Ao longo do jornal é impossível não perceber os inúmeros anúncios/propagandas que convidam o leitor para o comparecimento daqueles estabelecimentos e esclarecimentos oportunos para o dia-a-dia. Pode-se destacar entre os anúncios presentes no jornal: propagandas de advogados, médicos, hotéis, casas de costura, tabelas da cesta básica, dos horários dos ônibus e trens, do preço da moeda, remédios milagrosos, óculos, entre outros.

Neste sentido ao inquirir os jornais e as atas o olhar está voltado para a compreensão de seu poder na sociedade, bem como averiguar os sujeitos envolvidos nessa produção. Portanto, existe em consonância com a análise das fontes a compreensão das relações de poder na Paraíba no início do século vinte.

Ao analisar os discursos proposto por esse jornal procurei compreender, a partir da reflexão sobre Teoria dos Conceitos e a Hermenêutica histórica, como constituem um caminho para construir interação entre as palavras e os contextos históricos. Afinal, segundo Reis (2001, p. 94) e Dilthey (1999, p. 84) é tarefa do historiador a compreensão das subjetividades e objetividades da vida, pois Reis enfatiza que

o mundo histórico é um mundo de expressões, de sinais, símbolos, mensagens, gestos, ações, criações, artes, cores, formas, posturas, produzidas por sujeitos vivos e agentes. Por se expressarem de forma tão eloquente, os homens se dão a conhecer uns aos outros. (REIS, 2001, p. 124).

Neste sentido, o tempo histórico é o produto final de trocas e diálogos entre o historiador e os homens do passado. A prática e a vivência do historiador possibilitam a compreensão das tessituras dos homens no tempo. Sendo assim, ao trabalhar com os textos produzidos pelas noelistas compreendo que jamais vou esgotar os emaranhados de poder presentes em seus discursos, porém utilizo os métodos da pesquisa histórica para alcançar algumas das verdades do grupo.

Dessa forma, compreendo que a renovação historiográfica⁹¹ desencadeada no século vinte possibilitou novas formas de apreciação do tempo histórico a partir da versatilidade sobre as fontes e os métodos. Neste sentido, permitiu-se entender as múltiplas formações culturais e sociais existente. Para Bloch (2001, p. 89) a sociedade é dinâmica de acordo com seu tempo e suas especificidades; existindo possibilidades múltiplas de análise. Segundo Chartier (2002, p. 8) a utilização de novos objetos e/ou fontes nas problemáticas históricas, representou uma gama de novos territórios ao historiador.

É válido ressaltar que alguns textos analisados não apresentavam a autoria específica, apenas estavam localizados na seção denominada “Cultura Feminina” que era destinada as noelistas, por isto em alguns momentos compreendo que os textos podem ter sido escritos pelo “pároco ou protetor” (que era o padre responsável por orientar as noelistas) ou algum dos homens que participavam da edição do jornal. Afinal como alerta Abrantes (2010, p 65), na Paraíba não ocorreu a formação de uma imprensa feminina como em outros estados, ou seja, é possível que matérias sejam oriundas dos núcleo, mas também é possível que muitos dos escritos sejam totalmente feito pelas mãos hábeis de homens do jornal (que em sua maioria tinham vínculo com a Igreja) e da Igreja que buscavam sancionar e legitimar o lugar social das mulheres através de uma narrativa que colocava a mulher em situação de subjugação ao homem.

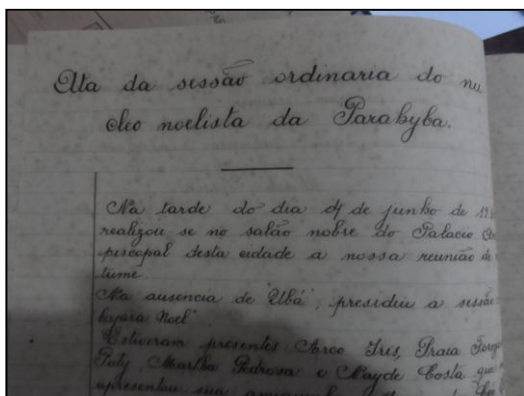
A forma encantadora como os textos nessa seção são postos diferem totalmente da escrita do jornal, notadamente isso demonstra a intenção de chamar a atenção para as mulheres, para que elas se tornassem leitoras assíduas. Neste sentido, percebe-se o caráter moderno em relação ao periódico, dado que o incentivo à leitura feminina é algo que ganha destaque no final do século XIX, pois segundo Moraes (2003, p. 498) a instrução feminina passou a ser requisito para a formação de uma boa mãe, visto que “Para que a filha fosse

⁹¹ Segundo Boaventura (2003) o campo da história não mais contava com paradigmas definidos, essa ciência se lançava a um lugar de suspeita onde tudo é posto em interrogação, refletindo acerca das várias versões dos tempos, autores e lugares sobre o vivido, o real.

obediente, a esposa fiel, a esposa fiel, a mulher exemplar, cumpre desenvolver a sua inteligência para a instrução e formar o espírito da educação”. Portanto, a partir deste ideal a educação escolarizada ganhou conotação de ramificação da educação doméstica e maternal, pois se instruem as meninas para que elas possam formar a sociedade de acordo com os bons valores. Neste sentido, entendo que a seção “Cultura Feminina” foi utilizada como um mecanismo de formação e dominação do ideário patriarcal sobre as mulheres.

Dessa forma me apoio em Certeau no seu texto *a Operação historiográfica* (1982, p. 136) para compreender a produção no periódico como resultado de uma atividade pensada por um lugar social para atingir outro, isto é, a escrita no jornal foi feita com uma finalidade para atingir um público. De acordo com Certeau, (1982, p. 65) a escrita faz parte de uma prática

Figura 8 – Ata de reunião



Fonte: Acervo das Noelistas – Arquivo Arquidiocesano da Paraíba.

social, pois ela é fruto de diversos interesses oriundos

do lugar social do sujeito que a produziu. Portanto, a escrita tem valores, adquirindo um caráter didático. Sendo assim, a escrita “faz história” como também “conta história”, tudo depende da intencionalidade de quem a produziu. Logo, a possível compreensão da “Cultura Feminina” como uma produção masculina implica dizer que toda a liberdade feminina que é permitida no começo do século XX são resultados de forças postas fazer da mulher uma criatura culta dentro do conservadorismo católico.

Porém, mesmo diante dilema e/ou perspectiva sobre a escrita masculina por falta de documentos comprobatórios, acredito que a seção “Cultura Feminina” é resultado direto do Noel, pois várias matérias foram assinadas pelas noelistas paraibanas e em alguns momentos matérias vindas de outros núcleos noelistas dos variados estados brasileiros, em especial das noelistas do Recife (09 crônicas), e das noelistas do Rio Grande do Norte (06 crônicas, sendo 02 poemas)⁹².

É importante destacar também que mesmo a “Cultura Feminina” ser destinada ao público feminino, foram publicadas matérias destinadas aos homens. Entre os anos de 1931 e

⁹² É válido ressaltar que neste trabalho não fiz análise dos tipos específicos de escritos da língua portuguesa que as noelistas publicavam.

1942⁹³ somam-se treze matérias designadas ao público masculino, mais especificamente falando sobre o “bom esposo” e suas posturas. Entre os títulos de alguns textos destaco: “O marido perfeito” que era uma escrita com caráter de manual de conduta; “Respeitas a tua noivinha” que falava sobre o homem controlar seu corpo e desejo para não desvirtuar a mulher amada; “Um bom filho é um bom marido” que especificava como o homem deveria se portar diante dos aprendizados de sua mãe. Portanto, entre os mais de trezentos e vinte textos produzidos pelo noelismo paraibano, apenas um número ínfimo é destinado à prática masculina.

Neste sentido, a partir dos diversos métodos de compreensão percebo que o *núcleo noelista* na Paraíba pode ser compreendido a partir de diversos enfoques, já que este envolveu várias vertentes da sociedade. Ao ser inaugurado e/ou fundado em 05 de agosto de 1931 o núcleo foi apresentado aos pessoenses ilustres e teve como prerrogativa principal pensar a formação social cristã que se pautava em discursos conservadores de abrangência internacional (Resultado da romanização), assim como a obras assistencialistas, a caridade, a formação e espiritualidade da fé.

Dessa forma, a seção denominada “Cultura Feminina”, pode ser compreendida como um manual de conduta, devido ao seu caráter educacional, social e cultural, a qual era voltada especialmente para o segmento feminino, de modo que essa seção era apresentada no jornal *A Imprensa* quinzenalmente e detinha cerca de duas páginas (em alguns casos especiais três páginas).

A adição dessa página era composta de imagens que valorizavam a mulher ideal, ou seja, a mulher feita para a vida doméstica, temente a Deus e ao esposo e a família de ambos. Mas, que era alfabetizada e consciente dos seus direitos e deveres como mulher e mãe. Além das imagens outro aspecto forte dessa seção era a utilização de poemas. Os poemas variavam desde a ideia de amor romântico até a formulação, construção de modelos de conduta e receita de comidas. Portanto, ficou perceptível que os poemas tinham uma função dúbia, isto é, existia a intenção de entretenimento quanto também à função educacional. Uma mulher consciente fazia a leitura dos poemas e compreendia-os que ajudavam no seu dia-a-dia.

⁹³ Neste ano o jornal *A Imprensa* deixou de circular por questões financeiras e voltou a ser reeditado apenas na década de 50.

Com este caráter noticioso e formativo, a coluna ganhou seguidoras e/ou leitoras assíduas⁹⁴ rapidamente justamente pelo seu estilo de escrita “galanteadora” e sedutora para as mulheres e moças que queriam seus casamentos de acordo os padrões da época.

Na última matéria vocês apresentaram questões de como ser uma boa nora e como receber meus sogros. Li atentamente e segui cada conselho elaborado, porém continuo a sentir que minha sogra coloca meu lugar como esposa e mãe de família exemplar em dúvida. O que devo fazer para que ela tenha uma boa opinião sobre a mulher competente e amorosa que sou? (*A Imprensa*, 17 de fevereiro de 1936, p. 09).

É possível perceber o apego das mulheres a essa seção, pois estas a utilizavam para fortalecer fraquezas encontradas no seu dia-a-dia ou no seu casamento. Entre uma das hipóteses levantadas neste trabalho sobre o grande número de adeptas a leitura da seção é que na Paraíba eram escassos os manuais de condutas para as mulheres. O caráter moderno chegou com grande intensidade na Parahyba do Norte e este se dava principalmente através da leitura. Em 1920 circulou a revista *Era Nova*, porém chegou ao seu fim rapidamente, a magazine detinha um estilo modernizante e propiciava as mulheres uma nova visão de vida, porém ainda calcada no alicerce familiar. Neste jornal analisado também é possível encontrar na mesma época manuais de condutas através das cartas de “Alice”, “Eugênia”, entre outras. Em outras localidades do Brasil os manuais de condutas eram leituras diárias como o *Manual das noivas*. Portanto, fica evidente que a utilização de manual de conduta passou a ser algo recorrente para a formação das mulheres brasileiras na primeira e segunda república.

Durante os anos de transição da República “Oligárquica” para República “Nova” o Brasil de um modo geral entra em conflitos em todos os aspectos, desde o social, cultural, religioso e econômico. Os movimentos sociais possibilitaram uma nova forma de pensamento, pregando igualdade, justiça social e direitos que até aquele momento inexistiam na história do povo brasileiro.

É possível também compreender que a *Imprensa*, por ser um jornal com estilo religioso, utilizou a seção para que a modernidade chegasse, porém não alterasse significativamente os aspectos primordiais da família cristã, uma vez que a seção é recheada de lições de moral e a subserviência feminina aos pais, esposo e a família.

⁹⁴ É possível compreender o número crescente de leitoras através da seção de correspondência e também do acréscimo de páginas dedicadas à seção (Passou de 2 para 3 páginas). O jornal *A Imprensa* recebia uma média quinzenal de 8 a 12 perguntas e ideias sobre as matérias. É válido ressaltar que a seção era quinzenal e que esta média de debate com o leitor apenas era maior para as seções de economia (questões de preço do algodão, carne e outros materiais que eram vendidos em todo o estado) e tinha iguais adeptos de correspondência às colunas editadas pelos padres locais ou de estados circunvizinhos.

Neste sentido, essa seção ganhou espaço e destaque na agenda das mulheres que utilizavam essas leituras como um manual para resolução dos mais variados questionamentos, como o fazer de um bolo, a educação dos filhos, a conduta sexual, entre outros. Logo voltaremos nossa atenção para os discursos moralizantes que dotavam valores e práticas sociais referentes à família, normatizando e resguardando os sujeitos em locais pré-definidos⁹⁵ de acordo com a compreensão católica.

Entre os assuntos abordados destaco como maior ênfase os que se repetiam ao longo dos anos na seção como: virgindade, pureza, casamento, mulher ideal, mãe perfeita, mulher cristã, rainha do lar, a amiga, conselheira do marido, os dotes culinários, entre outros. Estes assuntos se repetiam, apenas mudando a forma de abordagem e conceituando as práticas que deveriam ser tomadas para a realização de uma vida e casamento bem feito.

Entre os temas elenquei um parâmetro das matérias de acordo com a assiduidade do assunto⁹⁶, tamanho (quantidade de linhas e colunas) e imagens em destaque. É válido ressaltar que a maioria dos textos, crônicas e reportagens abordadas não tinham assinatura dos(as) autores (as) e quando apresentava-se geralmente eram os pseudônimos das noelistas (locais ou de outros estados⁹⁷), padres vinculados a arquidiocese ou a paróquia e a influência corrente dos textos de Plínio Salgado.

Na primeira tabela que denominei “Temas abordados” é possível perceber que todos os assuntos decorrem a partir da ideia da mulher como a *dona do lar*⁹⁸, ou seja, por mais que a mulher exerça algum trabalho na esfera pública como era a situação das professoras, catequistas e das costureiras todos eles eram considerados como uma continuidade do trabalho doméstico, o prosseguimento da maternidade e principalmente uma sequência das *servas* de *Maria* com a moralidade inquestionável e a devoção a *Sagrada Família* e a Deus.

Através da tabela abaixo se tornou perceptível que é incumbido a mulher o papel administrativo do casamento e da casa:

⁹⁶ É válido ressaltar que existiam outros inúmeros assuntos não destacados nesta tabela como: a primeira vez feminina, a gravidez, a noite de núpcia, as relações sexuais, o comportamento dos filhos, a catequese, a profissionalização feminina (a professora), a vida religiosa, entre outros. É importante frisar que mesmo a seção ser destinada ao público feminino ocorria em momentos distintos à apresentação de matéria destinada ao público masculino.

⁹⁷ Comum ocorrer transferência de matérias e reportagens entre alguns núcleos de outros estados como Bahia, Belo Horizonte, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e em especial Pernambuco com o núcleo de Recife.

⁹⁸ Referência à matéria do dia 23 de agosto de 1935.

Tabela 3 – Temas abordados

Casamento	48 matérias (sendo três destinadas para os homens⁹⁹)
Virgindade	29 matérias (sendo uma destinada para os homens)
Mulher ideal	17 matérias (Não consta nada referindo ao público masculino)
Mãe perfeita	17 matérias (sendo uma explicitando a ajuda do homem no processo da maternidade)
Rainha do lar	16 matérias (Não consta nada referindo ao público masculino)
A amiga do marido	13 matérias (Sendo uma destinada ao público masculino)
O novo casal e sua relação com a família de ambos	12 matérias (Sendo oito destinadas exclusivamente para o feminino e quatro destinadas para ambos e as formas de tratamento que eles deveriam portar)
Castidade	5 matérias (Não consta nada referindo ao público masculino)

Fonte: Elaborada pela autora.

Entre as matérias é possível compreender que para as noelista e para o segmento religioso da Igreja Católica na Paraíba existia uma separação sólida dos objetivos considerados para os homens e para as mulheres. Enquanto para a mulher detinha a tarefa de organizadora do lar e mantenedora da paz, de modo que cabia a mulher funções de filha exemplar (virgem para casar ou a freira), esposa, mãe e dona de casa. Aquela que conduziria a família de encontro à pátria, ou seja, a responsável por um ambiente sadio e feliz. Ao homem o lugar de bom filho, esposo e pai que providenciasse que nada faltasse a sua família. Neste sentido, o principal objetivo era cuidar da esfera econômica e pública da família, os homens tinham uma preocupação em manter o status quo do nome familiar.

Segundo Rago (1985, p. 145), a partir da década de 30 do século XX ocorre o rompimento ou fragmentação de determinados tabus. A mulher começa a voltar sua atenção também para a esfera pública e inicia-se um processo significativo de inserção de mulheres no comércio e nas fábricas. É a partir deste cenário que as Noelistas produziram seus

⁹⁹ Não foi encontradas cartas de correspondência do leitor com destinatário masculino, todas eram femininas, porém como eram apresentadas algumas matérias (poucas) ao público masculino, acredito que ocorria algum tipo de interação com esta camada da sociedade paraibana.

trabalhos¹⁰⁰; ocorreram inúmeras campanhas¹⁰¹ e debates sobre a volta da mulher ao espaço doméstico.

No dia 3 do mês seguinte teremos nossa reunião quinzenal para discutir os assuntos referentes às atividades do mês mariano. O mês da mulher sagrada, nosso exemplo maior. Reuniremos na Igreja do Carmo às 03 horas da tarde. (...) Tragam suas ideias para pensar como valorar este exemplo de mulher e como mostrar para nossa Igreja o que devemos seguir. (*A Imprensa*, 23 de abril de 1936, p. 09).

3.3 OS SINAIS DO TEMPO

A partir desta perspectiva, ficou evidente que o tempo histórico desse grupo era de grandes enfrentamentos, cabendo a esta pesquisa compreender as nuances incutidas nesses embates ideológicos. Dom Adauto Miranda que na época era arcebispo da Paraíba alertou que o grupo deveria seguir com “fé e entusiasmo, pois a família precisava de atenção”. Abaixo segue na íntegra a Ata de inauguração do Núcleo Noelista em João Pessoa para melhor entender como este grupo formou-se tão forte diante da Igreja e do arcebispo da Paraíba.

Figura 9 – Transcrição da Ata de inauguração do Núcleo

Aos 5 de agosto de 1931, nesta cidade de João Pessoa, capital do Estado da Parahyba do Norte no salão de honra do palácio archiepiscopal, estando presente Sua Excellencia D. Adauto A. de Miranda Henriques, o Rerd. Mons. Anísio B. Dantão nosso assistente eclesiástico, as noelistas de Pernambuco: Brasil, Amaragy, Severina Wanderley e Receira, Cabajara Noel, Forte Velho, Estrela Dalva, Parnahyba, Cascatinha, Carmita Massa, Crysseleide Caldas, Hilda Netto, Lillivosa Ilva, Anésia Lombardi, Severina Lombardi, Analice Caldas, Laura Campelo, Deolinda Campelo donovo desta capital. Ave lugar a reunião de inauguração do primeiro comitê em João Pessoa. A seção começou pela eleição da direção que ficou assim constituída: Presidente- Ricieira, Vice-presidente-Tabajara Noel, Secretária-Marisa Cunha, Thesoureira: Forte Velho. Após a eleição Tabajara Noel leu um discurso fazendo um resumo histórico sobre os trabalhos meles, noel. Brasil leu alguns trabalhos litterareos das noelistas do núcleo de Recife, e uma graciosa saudação em versos duma caçula do mesmo núcleo. Terminando, S. Excellência o Arcebispo da Parahiba pronunciou um tocante elocução se

¹⁰⁰ A Igreja utilizou o noelismo justamente para esclarecer e fomentar que mesmo diante da modernidade características específicas devem ser preservadas a exemplo do casamento, da virgindade, da família. Os discursos produzidos pelo núcleo demonstravam e exigiam que a mulher detivesse uma postura moderna, porém cristã alegando que este é o lócus da “mulher virtuosa”, aquela que teria seu lugar legitimado pela Igreja e pelo Estado.

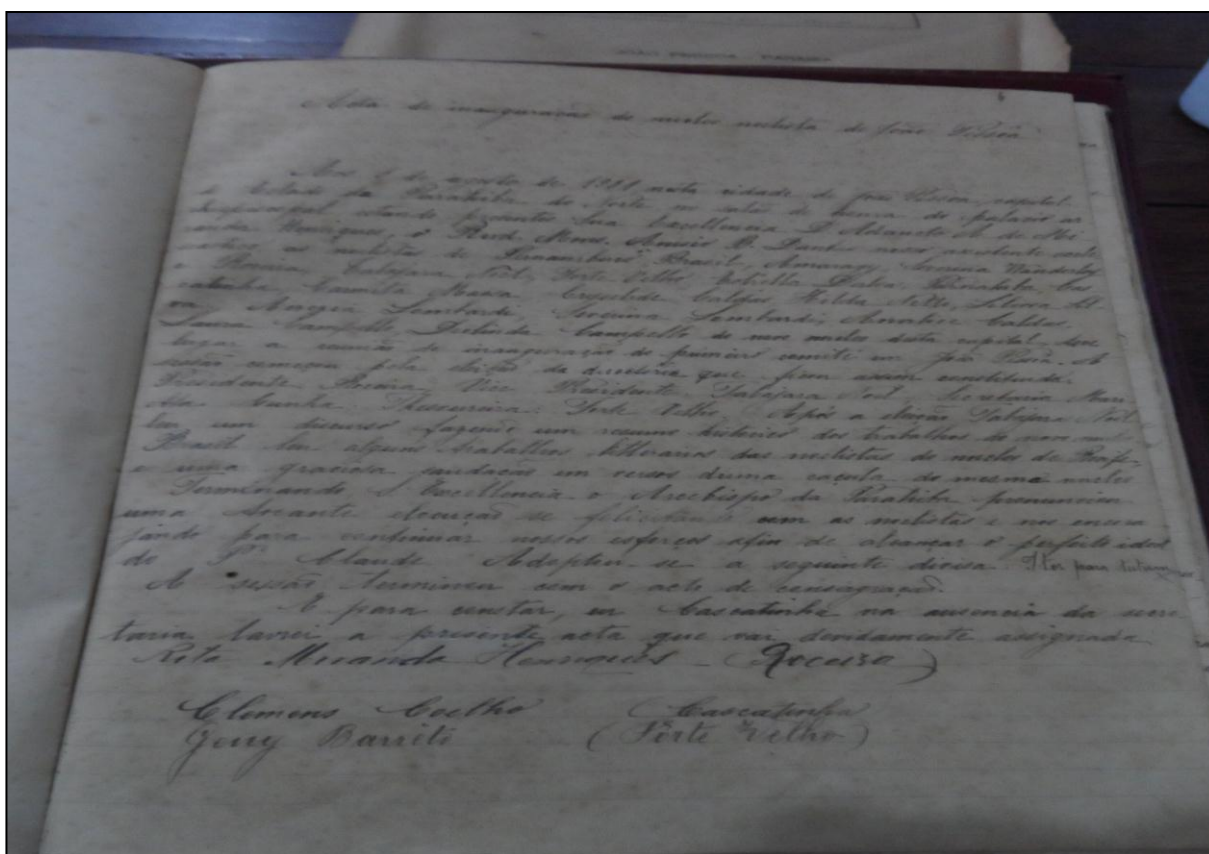
¹⁰¹ Festas, batizados, casamentos, caridades estas e outras ações de cunho moral foram elaboradas pelas noelistas. O Estado e as noelistas comungavam das mesmas nuances: o servir e a união. Estes projetavam o bem da família e da pátria.

felicitando com as noelistas, e nos encorajando para confirmar nossos esforços a fim de alcançar o perfeito ideal do Pº, Claude. A seção terminou com o ato de consagração.

Fonte: Acervo das Noelistas – Arquivo Arquidiocesano da Paraíba.

É válido ressaltar que o Noel foi constituído por senhoras da alta sociedade urbana da Paraíba e bem recebido tanto pelo lugar de prestígio que o Noel ocupava em outros estados e países, como também consequência dos problemas sociais que enfrentavam a sociedade paraibana em relação à miserabilidade, a pobreza e o grande número de desempregados que existia naquele momento. Portanto, é necessário compreender que o Noel foi instalado também para tentar reverter os problemas sociais que ocorriam na sociedade.

Figura 10 – Foto da Ata



Fonte: Acervo das Noelistas – Arquivo Arquidiocesano da Paraíba.

No período de instalação quem governava a Paraíba era o interventor Antenor Navarro, que tinha como principal objetivo de seu governo a modernização da cidade e deixou de lado os problemas sociais gerados pelos conflitos anteriores, as secas, o comércio defasado e as questões da produção do algodão. Logo, o que se tinha na cidade era vários pedintes, mulheres desabrigadas e crianças sem família. Neste sentido, o noelismo paraibano também foi aceito para tentar reverter esse quadro e evitar possíveis problemas de fé e políticos que poderiam se originar em grupos revoltosos. Portanto, é a partir deste cenário de certa instabilidade social que o Noel se tornou oportuno para a Igreja, haja vista que a doutrina do grupo que pregava a caridade poderia ajudar a controlar e diminuir os problemas sociais, de modo que para a Igreja o Noel tinha duas funções: a assistencialidade¹⁰² e a busca pela conservação da moralidade.

A sensibilidade com que as noelistas tratavam dos assuntos é de suma importância para compreender a complexidade das relações culturais e de poder na vida coletiva e individual dos sujeitos históricos participantes do núcleo. Os debates¹⁰³ e as questões levantadas no grupo possibilitam perceber como a ideologia da fé, da solidariedade era vital para os posicionamentos sociais desse espaço conservador e patriarcal.

De acordo com Albuquerque Júnior (2008, p. 97) “o passado não era o documento, nem os vestígios por ele deixado”, é necessário “a compreensão da trama histórica” para compreender os desdobramentos da história. Neste sentido é importante perceber os métodos de exploração das fontes utilizadas, pois a fonte não é a história em si e é tarefa do historiador vislumbrar resquícios de memórias ocultas pelo tempo.

Desta forma, conduzi por uma história problema¹⁰⁴ marcada por questionamentos de hipóteses e formulações pós-críticas para compreender o Noel não apenas como um produtor pedagógico eclesiástico, mas sim como o grupo formado de intencionalidades subjetivas. Por isso ao analisar as fontes busco orientar-me a partir de Le Goff (1994, p. 15) de que não existe documento-verdadeiro; é necessário analisá-lo a partir de sua produção, desmontá-lo, desmistificá-lo, demoli-lo sem esquecer-se da força inerente ao mesmo. Logo, recorro aos textos produzidos pelo *Núcleo Noelista* para “desmontá-lo” e examiná-lo em seu lócus e todas as reminiscências oriundas deste para adentrar a essência de sua produção, para compreender

¹⁰² O trabalho de Simone Costa intitulado *Mulheres em defesa da ordem* (2007) apresenta nitidamente as ações assistencialistas desenvolvidas entre os anos de 1931 a 1945 pelo noel paraibano.

¹⁰³ É possível encontrar os debates e os questionamentos nas atas do núcleo e no jornal *A Imprensa*.

¹⁰⁴ Ver José D’Assunção Barros (2004).

as subjetividades oriundas destas mulheres que se consideravam como “salvadoras de uma nação corrompida” pelos novos modelos.

(...) Quem diz pátria, diz tradição. O culto do passado e da pátria se confundem num só e mesmo culto. Aceitemos as criações modernas em todos os ramos da atividades, elas são as expressões naturais do nosso tempo e sem impõem tiranicamente. Não há força de vontade que nos subtraia do âmbito de sua influencia constante, geral, presente em tudo e toda a parte. Mas, não sacrifiquemos somente no altar do modernismo, os ídolos dos tempos correm. Reservemos um lugar nos arrabaldes de nosso affecto, às coisas idas. Syncretisemos o culto do novo o culto do antigo, alargando os horizontes do nosso espírito pela exata compreensão de todas as épocas (...). (*A Imprensa*, 14 de junho de 1936).

A partir do texto analisado ficou perceptível o posicionamento e a orientação recebida pelas noelistas. O protetor era um padre que as orientava durante as reuniões ações engendradas pelo grupo, ou seja, todas as reuniões tinham a presença de um protetor que era geralmente alguém vinculado à própria diocese e que tinha como objetivo principal analisar, orientar e conservar a organização feminina a partir dos pilares de proteção ao patriarcalismo e a fé cristã.

Neste sentido, as ideias propostas pelo grupo sempre estavam regimentadas a partir da cristandade, de modo que por mais que fossem mulheres autônomas, elas tinham suas funções controladas. A partir do trecho supramencionado ficou explícito as ideias de *anunciadoras do tempo e de salvadoras da nação*. As noelistas acreditam em sua essência que elas eram as responsáveis por sinalizar as famílias os problemas oriundos da modernidade e da falsa idolatria, ou seja, a modernidade a todo o momento estava atrelada a ideia de pecado, por isso não poderia ser consumida desenfreadamente. Conservar a moral cristã era conservar a alma para salvação, dado que através da conduta certa a mulher noelista e toda sua família conseguiria a salvação.

Para as noelistas a “salvação” ocorria através da subserviência a Deus que, por conseguinte, é a Igreja, a seu protetor que era a figura que representava o clero junto às decisões do grupo e a sua família que eram o pai e o esposo. As noelistas praticam a unidade da fé através de votos, por meio de retiros espirituais, dos congressos, da confissão e também da comunhão com a caridade e com o divino. Portanto, por mais que o Noel seja nomeado como um grupo leigo católico, o mesmo também pode ser compreendido a partir de sua postura efetivamente religiosa e da sua busca constante em assemelhar-se a “santidade”.

As famílias noelistas apresentam características tipicamente da família nordestina, em que colocam o amor a Deus em primeiro plano e que enxergavam o casamento como o liame

mais próximo daquilo que poderia ser bem visto por este Deus, de modo que alguém que não seguia os valores impostos por estas mulheres era considerado “impuro e indigno de viver a piedade cristã e que deveria ser banido das relações eclesiásticas e das relações sociais. Viver o Noel consiste em viver uma vida regrada, uma vida temente a Deus e dedicada ao amor e a caridade” (*Ata de reunião*. 13 de março de 1933. Livro I).

A subserviência a Igreja e ao patriarcalismo possibilitava as mulheres noelistas uma formação direcionada exclusivamente para a maternidade e ao “amor¹⁰⁵” matrimonial. Sendo assim, por mais que elas deveriam possuir uma formação intelectual, estas mulheres em nenhum momento poderiam exercer funções ou cargos públicos que não fossem professoras, pois a conduta social impecável, as práticas familiares de acordo com a etiqueta e a resignação a Deus caracterizava um modelo comportamental inerente ao Noel. Dessa forma, o núcleo noelista apesar de ser um grupo feminino, em sua essência, carrega em seus discursos marcas do machismo da época, destacando inclusive a superioridade masculina como lugar “natural” que deve ser respeitado por todas as mulheres.

(...) Respeita teu marido, pois ele é teu bem condutor. Sem ele estarias jogada nas ruas, afinal o que é uma mulher sem o seu marido, sem o seu bem querer? Cuida de teu marido como quem cuida de uma joia rara, pois foi ele que Deus destinou a ti. A mulher cabe o homem e ao homem cabe a mulher, uma união perfeita do enlace da vida, por isto Deus criou o homem e a mulher para que ambos fossem felizes juntos. **É função da mulher fazer feliz seu esposo**, é função da mulher zelar por seus filhos para que ele veja através das crianças que escolheu uma boa mulher, uma boa mãe. (...) (*A Imprensa*, 14 de novembro de 1935). (grifo meu).

“A função da mulher é fazer feliz seu esposo”, ou seja, segundo os ensinamentos das noelistas a obrigação da boa mulher era tornar o lar um ambiente sagrado onde o amor reine e a paz divina faça-se presente, pois foi através do homem e da mulher que ocorre a “aliança da vida”, portanto, não existe outro destino perfeito para as mulheres que não seja o matrimônio ou a vida religiosa. Através do bom matrimônio que a mulher realiza com suas ações de boa mãe e boa cristã a Família Cristã é feita.

As proposições acerca da vida cotidiana e da função assistencialista eram debatidas nos encontros das noelistas, sendo algumas reescritas e postas na coluna “Cultura Feminina” para que não apenas as mulheres e moças do grupo tivessem acesso e sim todas àquelas que

¹⁰⁵ Coloco a palavra amor entre aspas, pela forma como alguns casamentos ainda eram arranjados entre as famílias. A noção de amor que temos hoje difere da que era proposta no início do século vinte. Ocorria vários casos de moças que eram obrigadas a casar por decisão de seus pais.

não tinham o “direito” de participar do núcleo também tivessem acesso aos ensinamentos de Cristo.

Entre os assuntos debatidos nas reuniões do grupo destacam-se: passear sozinha, ler determinados livros, o desejo de trabalhar, a leitura de revistas que propagavam as performances do corpo, cabelos curtos, virgindade, casamento, relações com os sogros, estes entre outros eram alguns dos vários assuntos debatidos entre as noelistas, além das discussões sobre a assistencialidade e as obras da catequese. Existia, portanto uma política pedagógica de formação e inculcação de um modelo ideal de moça, mulher e mãe. As narrativas denotam como elas investiam um discurso formador para que as mulheres compreendessem os assuntos debatidos e os levasse para a vida cotidiana, uma vez que os assuntos debatidos serviam como base para a orientação das mulheres em suas relações com a família e com seus esposos.

Moça rosa, cuida de aprender como agradar teu futuro esposo. Cozer, passar, lavar, mimar é o que uma boa esposa deve saber, teu corpo é lugar sagrado, preserve-o. Moça rosa pergunta a tua mãe que deve ser um exemplo de mulher digna e pura como fazer, afinal teu noivinho botão merece toda a tua atenção. (...) Quando chegar o grande dia vocês vão deleitar no amor sublime e puro e você vai conduzir o seu esposo para casa de Deus e para o amor a teus filhos que serão o exemplo da mãe que é digna. (*A Imprensa*, 19 de agosto de 1932).

No texto *Moça Rosa* é possível compreender o discurso acerca da virgindade e da pureza. A mulher tinha que seguir um modelo ideal e este modelo iniciava-se com o recato do sexo.

Ao analisar os discursos da noelistas recorro a José D’assunção Barros (2004, p. 48), o autor questiona as práticas de elaboração das tessituras e o caráter fragmentário dos sujeitos produtores e de como ocorreu à formação das ideias. Certeau (2003, p. 67) também questiona o sistema de produção dos documentos “quem produziu, onde produziu e para quem produziu”. Ambos oferecem questionamentos acerca do olhar do historiador sobre a fonte, que faz enxergar o ofício como o de um garimpeiro que a partir de fragmentos materiais e discursivos constrói a narrativa histórica.

Neste sentido, a compreensão da historiografia do noelismo na Paraíba ocorre através de associações e levantamentos que possibilitam perceber a união entre a família e a Igreja. A mulher noelista pertence a um determinado espaço-tempo, vive os prazeres e as dores de uma época em transição e comungam de ideais e valores que começam a se deteriorar. “é uma

ameaça deixar nossas filhas e filhos conhecer esse mundo de sofrimento e de crueldade. Cuide dos teus filhos para que não se percam nestas facilidades” (*Ata de reunião*, março de 1932).

O Código Civil (1916) no artigo 233 outorgou o homem como chefe legítimo da família, guardião da segurança e da moralidade, exaltando e valorizando a imagem e poder masculino em detrimento do feminino, pois “O marido é o chefe da sociedade conjugal, função que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e do filho”. Portanto, cabia a figura feminina as responsabilidades dos espaços privados, como a educação dos filhos e os afazeres domésticos. Segundo Gomes (2008, p. 116) ao passo que a mulher detinha o “poder biológico” da reprodução, da prole, da esfera privada, o homem desenvolveu o “poder cultural”, o poder da sociabilidade, representando-o como centro da família. Neste sentido o casamento

[...]exigia um estilo particular de conduta, sobretudo na medida em que o homem casado era um chefe de família, um cidadão honrado ou um homem que pretendia exercer, sobre os outros, um poder ao mesmo tempo político e moral; e nessa arte de ser casado, era o necessário domínio de si que devia dar sua forma particular ao comportamento do homem sábio, moderado e justo. (FOCAULT, 1985, p. 149).

Logo, a imagem do casamento e da família brasileira no período é marcada principalmente como o homem responsável pelas decisões e às mulheres a subordinação em executar e obedecer às ordens, tendo como principal característica a paciência. Neste sentido, compreendo o casamento como uma união sagrada¹⁰⁶ de dois corpos em função da organização social instituída pelo poder dominante.

Com a influência recebida da Europa, em especial da França no período (HELLER, 2006, p. 80) analisado ocorreram uma série de introduções às novas formações sociais e mecânicas. Segundo Fausto (2002, p. 140) “progresso significa a modernização da sociedade através da ampliação dos conhecimentos técnicos, do industrialismo e da expansão da comunicação”, portanto a modernização e ampliação da ideia de cidade e o status quo dos cidadãos possibilitaram a construções de mudanças mentais e sociais no que diz respeito à sociedade.

Os novos ventos de modernidade alteravam as estruturas sociais e culturais, para as mulheres aos poucos são postos novos papéis. Aquela que foi criada única e exclusivamente para a esfera doméstica começou a dar seus primeiros “passos” na esfera pública. A mulher é

¹⁰⁶ A conceituação do termo sagrado esta sendo pautada a partir de Eliade Mircea (1995).

chamada a trabalhar no comércio, nas escolas, hospitais entre outras funções que eram consideradas tipicamente masculinas. Estas práticas eram uma ofensa ao modelo ideal de família.

Em função dessas mudanças ocorreram alterações na organização e estruturação da família. É válido ressaltar que estas transformações sucederam em primeiro plano nas famílias menos abastadas, pois a mulher precisou ajudar a manter e contribuir nos rendimentos familiares. A partir disso ocorreu uma alternância de papéis, a figura paterna que era imposta e compreendida como semelhante de Deus começou a ser contestada e/ou repensada e a figura feminina passou a ganhar destaque não apenas como mãe, mas também como produtora econômica.

Essas reflexões para a Igreja conservadora¹⁰⁷ são absurdas, pois o poder familiar deve estar nas mãos do patriarca, portanto cabia à mulher exercer unicamente o papel “de mãe e esposa” (*A Imprensa*, 16 de janeiro de 1930), porém a partir do século XIX a Igreja perdeu muita força para o Estado que passou a prover e implementar leis que retiravam alguns privilégios e ações clericais, inclusive sobre o casamento que não era mais indissolúvel.

3.5 A FAMÍLIA E OS DESVIOS DE CONDUTA

O jornal *A Imprensa* no começo da década de 1930 lançou várias notas de repúdio as transformações e de como era contra a mulher ser retirada do ambiente doméstico.

Estamos caminhando para onde? A mulher está saindo de casa, os casamentos estão acabando, a família chegando ao fim. Que tipo de fé carregamos em nossos corações? A modernidade está acabando conosco e nem nos damos conta, deixamos estes ares impuros penetrarem em nossas almas e achamos bonito. Cuide do teu corpo e alma e assim estarás cuidando de sua família. Preservemos a família da futilidade, o vírus da frivolidade deve ser combatido, unidos somos grandes contra esse mal. (*A Imprensa*, 16 de janeiro de 1930, p. 12).

A partir deste discurso compreendo como a Igreja e, por conseguinte as famílias, sentiram-se ofendida com os novos modelos de conduta. Os “tipos” de família confluíram na sociedade apesar do modelo patriarcal prevalecer em João Pessoa. Segundo Corrêa (1993, p. 69) ocorreu uma generalização de um único ideário de família para todos os lugares do Brasil, sem reconhecer as especificidades culturais, sociais e econômicas de cada região.

¹⁰⁷ Esta sendo feito a confrontação e análise dos textos da Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada por Plínio Salgado (1895 – 1975). No jornal *A Imprensa*, existe várias matérias assinadas por Plínio e várias manchetes que são baseadas em seus ideários, portanto a confrontação das possíveis influências do pensamento da Ação Integralista no Noelismo faz-se necessário.

Segundo Teruya (2000, p. 02) a *Família nuclear* é alicerçada principalmente nos movimentos de crescimentos das cidades com os processos de urbanização e industrialização. Este novo pensamento e prática social fomentou o modelo de família que consolidou-se como padrão da sociedade moderna, ou seja, os primeiros discursos patriarcalistas das noelistas não participavam das práticas da sociedade moderna, ocorrendo assim um choque cultural.

Desta forma, compreendo a partir de Cândido (1951) que as mudanças que ocorreram na família e na sociedade atenuaram o modelo *Patriarcal Extenso* para o *Nuclear Burguês* e ambos coexistiram durante muito tempo, porém as práticas de cunho conservadoras continuaram a configurar-se¹⁰⁸ na sociedade independente do modelo familiar aplicado. Assim como Cândido em 1987 Almeida enfatizou que o modelo de Freyre foi uma referência para a sociedade brasileira, e que este modelo confluiu para o novo arquétipo nuclear, de forma que a “nova-velha” família se adaptou.

Ao compreender como a família paraibana vivenciou as transformações sociais, culturais e políticas, permite entender os limites do processo de modernização na Paraíba. Algo atraiu o conservadorismo, pois o *Núcleo Noelista* investiu seus poderes para proteger a família da modernidade, porém para não perder a fidelidade das moças e senhoras da sociedade teve de rever seus conceitos e métodos de abordagens de questões presentes no cotidiano, pois

o progresso do século vinte e a sua organização de vida vai cedendo lugar aos direitos que a muito lhe são devidos. A mulher apenas não deve se iludir com a futilidade, ela deve ser caridosa e amável com todos, deve proteger a instituição formadora da nação. (*A Imprensa*, 04 de outubro de 1936, p 08).

Com o desenvolvimento histórico e as influências de novos modelos de conduta, a figura materna que era exclusivamente feita para o lar passou a protestar por novos postos e o *núcleo noelista* incentivou e encaminhou as mulheres para uma prática moderna, porém conservadora, isto é, o grupo investiu em discursos que outrora não utilizava, “Uma mulher moderna é aquela que não esquece do que ocorre ao seu redor e fica esperta para proporcionar o melhor ao seu marido e sua família e vive guiada por Deus” (*A Imprensa*, 18 de março de 1934). Neste sentido coube a mulher fazer uma interseção entre as condutas modernas e conservadoras e resguardar a família das *mazelas* da modernidade.

Nesta perspectiva ficou evidente que o espírito da modernização proporcionou construções sociais e culturais, alterando as relações existentes e as noções de espaço-tempo.

¹⁰⁸ O controle que restringia-se as famílias passou para as mãos dos produtores econômicos e concomitantemente ao estado, comprometendo a relação estável que existia entre os agregados da família.

Este processo de transformação fomentou estratégias entre os indivíduos que desejavam ser modernos, mas que detinham pensamentos voltados para valores e práticas conservadoras que esbarravam em ideários renovadores.

Um trabalho que pondere sobre o cotidiano das pessoas corrobora para análise e compreensão da construção das mentalidades, portanto tenho como finalidade nesta pesquisa compreender como a “família” é considerada pelo Núcleo noelista responsável para *o bom desenvolvimento da sociedade*. Logo, este trabalho diz respeito ao posicionamento de questões que são tocadas por valores culturais, econômicos e sociais, e que caracterizam não apenas a sociedade, mas também as individualidades e especificidades que permeiam os constructos sociais, em especial, as pessoas pertencentes ao grupo analisado nesta pesquisa.

Uma família noelista revela em suas atitudes uma vida dedicada a Cristo, dedicada a Sagrada Família. Uma família noelista conhece o bem, sabe o poder que o bem tem e procura sempre motivar todos que estão ao seu redor qual o melhor caminho a seguir. Para a família noelista não falta união, o amor se faz presente acima de tudo, pois ela entende o amor é que barrar os males de penetrarem na alma. É na família que a verdadeira aliança com Cristo se faz, pois através da família existe a doação, o perdão, a subserviência, a humildade, a coragem e a proteção. Uma mulher sabiá é aquele que reconhece que o Noel levará sua família para Cristo e lhe abençoará grandemente. O Noel e a família andam juntos, pois eles são a realidade do milagre, o milagre da doação, que é o milagre da Encarnação. (*A Imprensa*, 12 de janeiro de 1941).

O *noelismo* na Paraíba adotou em sua pedagogia de estratégia de ação a função de normatizar e inculcar valores e práticas referentes à família, aos modelos existentes para cada ente familiar, ou seja, ao delimitar o tipo ideal para cada sujeito pertencente à família, o Noel normatizou o exemplo máximo que é: *A sagrada família – Jesus, Maria e José*.

A doação de Maria ao seu filho e marido, é considerada entre as noelista característica elementar a mulher, “A boa mãe e esposa faz tudo pela sua família, não lhe falta nada se os seus estiverem bem, o céu lhe é reservado, a bondade habita teu coração, o amor é algo supremo e lhe dado” (*Ata de reunião*. Janeiro de 1938. Livro II, s/p). Apesar do núcleo pouco fazer referência direta a Maria em seus textos, é explícito sua devoção à Sagrada Família e as práticas adotadas pela mãe de Jesus como a virgindade, humildade, caridade e solidariedade, portanto a mulher moderna e cristã detêm estes princípios como elementares para uma boa família. As noelistas versam sobre escritos a partir de exemplos e modelos que permeiam na Bíblia Sagrada.

Vaes te casar! Que lindeza. Vem em mim quero te dizer! Vaes-te casar tão pequena! Que tolice. Ouve-me: Seja uma história. Mentirosa ou moralista, seja uma lenda illusoria, um pensamento de artista- Havia-onde, não posso agora saber. Um conde. Que, por único prazer, Plantava as rosas. Um dia. No jardim do conde, havia uma rosa. Ainda em botão, cheirosa e linda. Como elle não vira ainda. Entre as mais –Rosa Princesa – Brilhava, Todas-formosas. E feias da redondeza- A amavam todas as rosas, mas o conde, um dia, zós tomou-lhe o caule verente. E num golpe bem vibrado, colheu-a (que desalmado). Indiferente, A’ angustia das rosas mais. Levou-a para um castello, Deu-lhe o amor e tudo bom. E ella, a rosa, ao conde bello Amou, em pagra, também. Teve tudo em seu conforto... Saudades, não teve não! Das rosas no jardim morto colhidas todas ao chão. Mais tarde, desiludida, Então, teve saudade da vida de botão... Voltou ao jardim. E em meio de novas rosas que havia ainda em botão, mais belas Do que ella que abrira já, não teve mais galanteio, nem brilho, nem cortesia. Nem dos outros condes que vira. Nem das outras rosas de lá. Novinha! Rosa princesa. Entre as rosas em botão, conserva a tua pureza, não ouças o conde não. (*A Imprensa*, 23 de novembro de 1934).

O texto supracitado é intitulado “Rosa-Princesa – A uma noiva” que foi lido no encontro mensal das noelistas. A proposta adotada pelas noelista era debater as principais questões que apareciam no seio familiar, a fim de educar qual prática seria correta dentro da família. A virgindade era um assunto constantemente problematizado, a mulher sem sua “pureza” era considerada a escória da sociedade, servia apenas para o divertimento dos homens em “cabarés”. De acordo com Engel (2004, p. 132) apesar do cabaré ser considerado um “mal necessário” para a Igreja no século vinte, a prostituição era compreendida como espaço da sexualidade doente, sendo portanto o lugar do errado, das perversões, do impróprio. Em contrapartida o casamento era concebido como o lugar da sexualidade sadia e higiênica, uma relação que era concebida por todos os poderes. Sendo assim, a realização sexual sadia e aceita é compreendida dentro do casamento, a partir de uma união estável abençoada pela Igreja e por o poder estatal, que é comedida, que garanta a procriação e que não ameace a integridade e a moralidade do corpo. Segundo Rago (1997, p. 65 e 66) a visão que se tinha da prostituta era que elas eram preguiçosas, tinham aversão ao trabalho, possuíam um apetite sexual desenfreado e incontroláveis vícios quanto ao álcool e o fumo. Portanto, totalmente da *mulher pura* que é comedida, recatada, instruída e nega qualquer vício, pois considera aquelas como sinônimos de pecado.

É importante sempre lembrarmos daquelas que como nós foram puras, mas que não guardaram seu botão para o príncipe. Menina-Mulher te guarda para que o mal não te assale, o vento é bom, mas a tempestade que se aproxima depois do vento traz o terror para tua vida. Precisamos sempre lembrar e mostrar o exemplo a nossas filhas, elas estão propensas ao pecado e a culpa

será nossa se em má fama ela cair. Cuide das tuas rosas noelitas, cuide para que mais tarde não veja tua rosa ser jogada entre pedras no abismo da escuridão. (*Ata de reunião*. 04 de novembro de 1935. Livro II).

A escuridão para no texto é associado aos cabarés. Para as noelistas os cabarés oscilavam como o lugar impuro e do pecado, mas também como um espaço ‘necessário’ em que os homens exercessem práticas e/ou desejos que não podiam e/ou deveriam realizar com suas esposas e mulheres prometidas, pois estas se incumbiam de ser a imagem da pureza e da delicadeza, para ser o *exemplo virginal*.

De acordo com alguns textos ficou perceptível à finalidade dos cabarés e das mulheres da vida, afinal o sexo é limitado com a esposa (a *rainha do lar*), por isto para elas os homens podiam em certos momentos ser ‘compensado’, ao passo que eles tinham uma libido quase descontrolada, e deveriam saciar seus desejos nos cabarés da cidade. “Sra. Nova não te revolta com as idas fortuitas deles (seus maridos) aqueles ambientes (os cabarés), pois eles regressam para ti e não tira a tua conduta impecável com desejos da carne, o teu bem fica resguardado” (*A Imprensa*, 12 de março de 1932). A partir de textos como o supramencionado ficou explícito o posicionamento de destaque do cabaré como um lugar “bom” para a salvação do tipo ideal de mulher cristã, pois a boa mulher se resguarda e se *reserva contra as impurezas da carne e da luxúria*. Para ser uma boa mulher existe uma relação direta com a não relação sexual. O sexo representava a ideia do pecado, mesmo realizado dentro do casamento. O sexo por sexo era destinado às *mulheres da vida* aquelas que não guardaram sua pureza ou que por algum motivo foram abandonadas por seus esposos.

As mulheres “perdidas” da sociedade eram ‘encaminhadas’ as estes lugares¹⁰⁹ para satisfazer os homens e evitar que outras moças “honrosas” sejam tentadas e enganadas por “aventureiros e desalmados” que apenas destroem a família e a *pobre moça* retirando aquilo que lhe é mais precioso.

Quando o seu moço tentar qualquer coisa com vocês que ofenda a sua pureza, lembrem-se da filha de vocês sabem quem. Lembre onde ela esta. O que ela faz da vida. É isso que vocês desejam para si? É uma vergonha e desrespeito a família uma mulher que toma tal atitude.’ Tabajara Noel continuou falando do modo como a moça deve se comportar e como a mãe de família deve estar atenta para os possíveis perigos que a jovem pode estar para cometer. Todas nós lembramos de vários casos como o da filha de _____,

¹⁰⁹ É válido ressaltar que este quadro não se aplica a todas as moças da sociedade paraibana que “perderam sua honra”, porém é conhecido que poucas conseguiam fugir deste destino, pois em grande parte eram expulsas de casa e não conseguiam emprego algum devido à ‘fama’ espalhada. Entre alguns dos empregos que estas moças conseguiam para se livrar do cabaré era de lavadeira, cozinheira e serviços domésticos em poucas casas.

temos de ser atentas para os desvios, é nossa função evitar que esta mazela se aposse da nossa vida. (*Ata de reunião*. Novembro de 1932, s/p).

O trecho supracitado faz parte de um dos debates propostos na reunião do núcleo em que, segundo o relato (da ata), trouxe grande *consciência* para as moças. O tema da virgindade era recorrente nas discussões, em virtude de que nenhuma família queria ter seu nome “envergonhado e difamado por uma desajuizada” (*Ata de reunião*. Novembro de 1932. Livro I, s/p).

As noelistas tinham como principal objetivo, além da ajuda assistencialista aos menos favorecidos, a proteção da moralidade, e dos *bons costumes*, as pessoas que cometiam desvio de conduta para as noelistas não eram dignos de estar entre elas, portanto uma das características do Noel paraibano também é a hierarquia em relação às demais pessoas. Para o grupo eles estavam acima dos demais, pois tinham a missão de preservar a boa conduta e mostrar para a sociedade o bom caminho que cada pessoa deveria exercer.

Para as noelistas a família era sinônimo de status quo, moral e respeito. Alguém sem família não era considerado nem da sociedade, estava às margens daquilo que as *noelistas* pregavam. E o grupo familiar que era submetido a algum tipo de desonra também passava por conflitos sociais, pois as outras famílias consideravam uma ameaça aos *bons costumes* do grupo.

Afasta tua família destas companhias, a melhor amiga da jovem é a mãe. Dê-lhe-a um bom manual de como deve ser uma boa mãe. Ensina-lhe a bordar, passar e cozer, assim ela honrará a ti e teu marido. Não tem nada mais vergonhoso do que uma noiva perdida e desajuizada. (*Ata de reunião*. Novembro de 1932, Livro I, s/p).

Em alguns casos as famílias que passavam por este tipo de “constrangimento”, encaminhavam as moças que tinham feito *vergonha* para localidades distantes (casas de parentes e até conventos), com a finalidade de evitar os mexericos da sociedade e possibilitar que a mesma tenha a condição de começar de “novo” em outro lugar sem o título de *difamada*.

A partir desta perspectiva compreendo que a análise da instituição familiar é algo que inúmeras ciências¹¹⁰ e instituições já alvitaram, portanto ao debruçar sobre esta temática é válido ressaltar a constante dificuldade de conceituação do termo família, pela dimensão

¹¹⁰ A família pode ser pensada a partir de diversos aspectos como: unidade doméstica, instituição, sobrevivência, laços fraternais, consangüíneos, para muitos é o princípio da nação. O termo família é conceituado diferentemente nas mais variadas ciências: a *Antropologia*, a *Sociologia* e não obstante na História.

social e cultural que é norteado. Segundo Koselleck (2007, p. 62), é importante perceber as palavras dentro do seu contexto histórico no sentido que ele deve ser relacionada a um lugar e época, pois,

o estudo dos conceitos e da variação dos seus significados ao longo do tempo é uma condição básica para o conhecimento histórico. Koselleck denomina História dos Conceitos o procedimento que permite aprender o complexo processo de ressignificações de alguns conceitos ao longo do tempo. Mais do que um método a ser aplicado ou uma disciplina autônoma, a História dos Conceitos seria um instrumento complementar e necessário para a interpretação histórica. (KIRSCHNER, 2007, p. 49).

A significação dos conceitos é uma tarefa inerente a este trabalho, uma vez que considero importante o método hermenêutico¹¹¹ como alicerce para o entendimento dos sujeitos e o desenvolvimento das tramas históricas. Como nos alerta Certeau (2002, p. 08) toda produção historiográfica é pertencente a um lugar social, por isto faz-se necessário compreender a conexão entre o lugar da escrita e o local de difusão. Neste trabalho analiso as produções das noelistas – as práticas sociais que possibilitam esta escrita e a construção dos textos como resultado de confluências e/ou convergências de mentalidades. Segundo Reis (2001) a produção historiográfica é o resultado do diálogo entre o historiador com o passado e o presente em que as perspectivas exteriores estão presentes, ou seja,

O mundo histórico é um mundo de expressões, de sinais, símbolos, mensagens, gestos, ações, criações, artes, cores, formas, posturas, produzidas por sujeitos vivos e agentes. Por se expressarem de forma tão eloquente, os homens se dão a conhecer uns aos outros. Ao contrário da natureza, que não é sujeito, mas coisa exterior, silenciosa e submetida a leis (REIS, 2001, p. 71).

Neste sentido, a utilização da hermenêutica para compreensão das expressões e das ações humanas é importante, pois esta possibilita entendimentos acerca do noelismo baseado na objetividade, racionalidade e na crítica as fontes. Como nos alerta Dilthey (2006, p. 162) “a compreensão e a interpretação constituem o método adequado para as ciências humanas”. Dessa forma, comungo da ideia de Koselleck (2007, p. 39) de que para se fazer história é necessário um procedimento metodológico que possibilita sempre rever o objeto de análise com outros olhos sem cair nas teias da generalização ou determinismo, assim como Gadamer (2001) problematiza que não existe conhecimento partindo de uma experiência histórica particular que seja válido universalmente. Neste sentido,

¹¹¹ Ver Hans-Georg Gadamer (2002).

Tudo está conectado: o estudo crítico das fontes autênticas, a concepção imparcial, a exposição objetiva; – a meta é que se faça presente a verdade plena, mesmo que não se possa alcançar o todo. (...) Epistemologicamente, detrás do postulado de supraparcialidade, necessária para reproduzir a realidade passada aproximando-se da verdade plena, se praticava uma espécie de realismo ingênuo. Chladenius foi o primeiro a perceber isto ao dizer que a história é uma coisa, mas a representação dela é diversa e múltipla. (KOSELLECK, 2004, p. 114)

Logo, o objetivo central é perceber a formação social e religiosa do Núcleo Noelista para a concepção e o ideário de *Família Cristã Católica*. Portanto, é de suma importância a compreensão do conceito de “lugar social” de Certeau (2003); e os conceitos de “campo científico” e “corpo de especialistas” (BOURDIEU, 2004) e “tipo ideal” (WEBER, 1974), pois estes abrem caminho para compreensão da dialética entre tempo e espaço proposto neste trabalho.

Bourdieu e Certeau possibilitam analisar e problematizar os discursos do noelismo, na medida em que é possível encontrar um ponto comum em suas categorias de “lugar social”, “campo científico” e “corpo de especialistas”. Para Certeau (1982, p. 94), o historiador deve refletir e problematizar em termos de produções localizáveis, o material que cada método instaurou inicialmente segundo suas noções de possibilidades. Isto porque para ele, o discurso é parte da realidade da qual trata e pertence a um dado lugar. Do mesmo modo, Bourdieu (s/d) ao tratar da linguagem e da palavra, enquanto um canal que possibilita a comunicação, utiliza em parte a noção saussureana, em que a língua aparece como condição da palavra, pois é ela que assegura a identidade das associações dos sons e conceitos, garantindo compreensão mútua. Coloca-se como se a língua contextualizasse a palavra.

O Noelismo buscou reerguer a palavra interpretada pelo moralismo católico medieval e reafirmada pelas reformas modernas do cristianismo e da cristandade, tanto a reforma protestante quanto a reforma católica. Este moralismo já era um tanto “retrô”, nostálgico no início do século passado. A luta do clero contra a historicização da vida é sintoma da resistência dele contra as então nascentes reivindicações feministas.

Estudar o Noelismo implica também ir a buscar do duplo pertencimento dele: os valores de fundo religioso expressos na mística do ato fundacional – válido para a compreensão da cosmogonia noelista, ainda que não comprovada historicamente –. E nos

aspectos religiosos do discurso oficial do movimento em atas¹¹², normas e na imprensa, soma-se o vínculo ao clero, cujos interesses de poder e dominação ultrapassam o fervor religioso. Equilibrar o uso dos métodos de pesquisa documental para a narrativa histórica com o estudo da espiritualidade noelista inserida na história vivida imanente é o meu desafio.

Início por aceitar que as ideias religiosas influenciam a história, pois refletem nos atos sociais do tempo histórico as indicações demiúrgicas dos juízes da vida característicos, neste caso da tradição monolátrica e até monoteísta do pensamento judaico-cristão.

Predominaram no século XIX as ideologias evolucionistas e naturalistas que discutiu qual era o lugar de cada religião numa escala ascendente composta por etapas a serem superadas. A nomenclatura das diversas correntes interpretativas variava, mas envolvia o animismo, o naturalismo, o politeísmo e o monoteísmo. O embate previa também o fim do monoteísmo e o triunfo da razão com a crescente secularização, o predomínio do ateísmo militante e a vitória do anticlericalismo.

O estatuto científico dos estudos históricos da Religião sofre de problemas de aproximação e sua trajetória no Brasil ainda está longe das grandes discussões teóricas realizadas em outros países e continentes. Um dos problemas que se apresenta é sobre a forma de tratamento. Como tratar da dimensão histórica dentro das diversas abordagens da Religião? Dessa maneira, impõe-se a necessidade de enfrentar a questão da abordagem histórica da Religião dentro da área de História das Religiões, atualizando as discussões internacionais no Brasil. Além disso, os Programas de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais carecem dessa definição, como podemos constatar, seja pelo pequeno número de publicações nessa área, seja pela declaração de algumas instituições e teóricos sobre a indefinição do campo de Ciências Humanas e Sociais (NUNES, 2009,p.01)

Neste sentido, esta pesquisa fez um caminho inverso, pois partiu do princípio de uma análise social e religiosa da relação entre o Estado, a família a Igreja. Ao fazer este vínculo ficou perceptível a necessidade de aprofundamento e conhecimento acerca dos signos e símbolos do movimento em questão. Neste sentido, este trabalho foi “conduzido” pelo objeto ou tema de estudo, mas sem determinismos ou reducionismos.

Escolher o Movimento Noelista como objeto de pesquisa ocorreu em consonância com entraves pessoais acerca da construção de signos da sociedade, ou seja, ao problematizar a relação entre este movimento religioso e a sociedade busquei apresentar algumas questões complexas nas relações entre História e História das Religiões.

¹¹²Todas as atas analisadas neste trabalho encontram-se na Arquidiocese da Paraíba, como também algumas encontram-se em arquivo particular da família Cabral que se localiza também na Paraíba. Em alguns casos as atas estão deterioradas pelo tempo e sua má conservação.

Ao fazer uso de fontes neste trabalho como os periódicos *A União*, busquei delimitá-lo como aporte para interseção de vertentes ideológicas diferenciadas daquela que eram pregadas pelas noelistas, pois é compreensível que em uma análise é preciso mais uma versão para fazer uma relação sobre o objeto pesquisado. É válido ressaltar que a utilização do jornal *A União* ocorreu delimitado ao período da pesquisa (1931-1945) e utilizo principalmente suas matérias referentes ao que *era ser moderno* para o período estudado, pois por ser um periódico estatal este desvelava características que o governo vigente tinha como proposta para a sociedade. Logo é de suma importância compreendê-lo dentro desta pesquisa como um aporte de segundo plano, porém não menos importante, pois este possibilitou compreender “duas Paraíbas” em transformação no início da década de trinta: uma que exaltava a moralidade apregoada em valores conservadores e contra a modernidade como consequência de desvirtuamento; e outra que exaltava o moderno e o considerava como sinais de bons tempos.

Portanto, ao fazer uso de algumas matérias do jornal *A União*, compreendi que a Paraíba vivenciou o moderno através do espanto, do medo, mas principalmente por meio da euforia, pois “através dos novos modelos que estão aparecendo na cidade temos uma região mais bonita e mais parecida com a nossa metrópole. Aos poucos nossa Parahyba do norte caminha para um estado que pode ser comparado aos do sul do país” (*A União*, 23 de setembro de 1930, p. 12-13).

Nas primeiras décadas do século XX a Paraíba vivenciou intensas transformações, como resultado das influências que o Brasil recebeu da *Belle Époque*¹¹³ os cidadãos buscavam utilizar tudo que tinha de mais moderno como sinônimo de crescimento social, porém é válido ressaltar que estes conceitos não podem ser atrelados à modernidade.

Segundo Aurélio (2000) crescimento faz referência à ideia de produção e compras de mercadoria e/ou serviços de uma região, como também a melhoria das condições de vida individual e coletiva a partir da renda per capita. Portanto, apesar da busca constante da sociedade pelo moderno a Paraíba nestas primeiras décadas do século vinte não se desenvolveu economicamente, visto que apesar da intensa euforia pelos novos bens de consumo, o estado não era produtor econômico e a sua população de renda baixa vivia em

¹¹³ Desde a chegada da Família Real com a corte, o Brasil passou a vivenciar novos modelos de conduta, uso e costumes foram modificados de acordo com os novos padrões introduzidos. A França, por conseguinte no século XIX com sua capital Paris, tornou-se sinônimo do avanço social devido às concepções artísticas e literárias difundidas e no Brasil a sociedade carioca buscava seguir os modelos parisienses e o Rio de Janeiro tornou-se a capital francesa do Brasil.

situação de miserabilidade, consequentemente não é por acaso que o núcleo noelista foi instalado na Paraíba na década de trinta com o intuito também de desenvolver trabalhos de assistencialidades com os mais necessitados.

Para Berman (1986) caracteriza-se uma sociedade moderna através da sua busca constante desenvolvimentista de substituir o antigo pelo novo. Neste sentido, todas as principais cidades do Brasil buscavam apresentar a modernidade como sinônimo de melhorias, contudo é válido destacar que a Paraíba vivenciava constantes problemas de infraestrutura em todos os sentidos, “(...) andar pelas ruas da nossa cidade neste período de chuva é uma verdadeira odisséia, além das inúmeras inundações, esses gatunos no final da tarde assustam até os homens mais atentos” (*A União*, 24 de setembro de 1938). Logo, ficou evidente os inúmeros problemas existentes entre eles: a ineficiência da energia elétrica, os problemas de furtos, a pavimentação e ordenação das ruas, a cidade baixa desestruturada, etc.

Diante destes problemas sociais me apoio no conceito de Le Goff (1996, p. 474) para compreender que a modernização pode ser entendida como um processo confluyente, visto que ocorre a incorporação de novos valores materiais e simbólicos aos existentes anteriormente, porém sem a necessidade de romper com o passado, ou seja, existe uma confluência e/ou adaptação entre os signos do moderno com o antigo que possibilitam novas paisagens sociais e culturais ao processo de urbanização e modernização. De acordo com Alcide Bezerra:

(...) O renovamento intelectual e a modernização são a regra e não a exceção, por isso se sucedem as escolas artísticas e literárias e se modifica o gosto. Dentro porém, dessas inevitáveis mutações da vida deve haver lugar (sic) para as forças conservadoras, que prendem o remoto passado ao futuro. (...) Dentro de poucos anos terá perdido todo o seu pitoresco e será uma banal cidade moderna como tantas outras que se improvisam nas zonas férteis. O que encanta a quem visita a nossa terra que deveria ser chamada de Parahyba são seus belos templos, e a ingênua arquitetura (sic) de suas casas velhíssimas, já deformadas por esta nova estética. (*A União*, 06 de novembro de 1939).

Neste contexto de adaptação entre o novo e o antigo a paisagem urbana foi se transformando, porém segundo Chagas (2004 p. 13) o cenário urbano na Paraíba viveu um misto de “novo e velho, do progresso e seu reverso” tanto no que se refere à estética quanto às mentalidades. Neste embate de perspectiva entre o que era melhor para a Paraíba alguns grupos divergiam entre o *novo banal* e o *antigo histórico-conservador* e isto foi registrado em jornais da época como *A Imprensa*, que era notadamente conservador e *A União*, que tinha um discurso de conservação do antigo e ao mesmo tempo de adaptação ao moderno; os

defensores do conservadorismo arquitetônico e artístico da Paraíba baseavam-se na ideia do regionalismo como resultado do processo identitário e histórico de seu povo que deveria ser resguardado contra a modernização e urbanização que corrompiam os valores da cidade.

3.6 O MODELO DE VIDA CRISTÃ VERSUS O MODELO DE VIDA MODERNO

Menina moça prendada não ande por determinados trechos da cidade sozinha, são ambientes que retiram a sua pureza e encanto, debes andar acompanhada, para que o despudor não lhe atinja. Guarde estes para teu futuro esposo e filhos. A tuas vestes devem ser resguardada pela moralidade e pela boa conduta, não envaideça com estes novos modelos que só deturpam os verdadeiros valores de uma boa mulher (*A Imprensa*, fevereiro de 1937).

Algumas capitais e cidades brasileiras a partir de meados do século XIX passaram por grandes transformações de cunho higiênicas, sanitárias e estéticas inspiradas pelos grandes centros urbanos europeus. A cidade que participava destes modelos era considerada uma cidade que fazia parte de um projeto nação que percebia isto como inspiração ao progresso e a civilização.

A cidade é o caminho que demonstra a modernidade, os sujeitos confluíam suas ideias e perspectivas a partir do que era novo. A luz elétrica¹¹⁴ nas casas e ruas, a água encanada, as praças organizadas são alguns elementos do genuíno processo de modernização que alteraram as práticas dos cidadãos e possibilitaram vivenciar novas experiências. Portanto, a cidade passou a ser “redesenhada” nas primeiras décadas do século vinte na Paraíba em função dos novos padrões que agradavam e desejavam a elite. Os novos hábitos e costumes difundidos pela modernidade deram lugar ao que era considerado tradicional e atrasado na cidade proporcionando embates culturais e sociais, “(...) andar pelas ruas olhando vitrine e passear em praças tornou-se costume das mulheres desta terra, uma ofensa ao recato que deveriam possuir” (*A Imprensa*, 04 de julho de 1937). Porém, mesmo diante das diferenças de ideias com relação a modernidade, a cidade paraibana transformou-se de acordo com os novos valores da elite, ou seja, não foi a classe favorecida que transformou a cidade, porém ela influenciou o poder estatal para a implementação de serviços e obras que caracterizavam uma cidade moderna.

Os sabores desconhecidos da modernidade acarretaram juízos de valores diferenciados. Para as noelistas os primeiros anos de transformação foram visto como um

¹¹⁴ A energia elétrica foi introduzida na Paraíba em 1912 de forma ineficiente.

agravamento e perda da moralidade necessária para uma sociedade ‘correta’, “(...) apesar da claridade das ruas, uma mulher que se preze não pode estar na rua depois das cinco horas mesmo que seja na frente de sua casa, pode aparecer um gatuno que lhe retire a paz que pertence a sua casa” (*A Imprensa*, 18 de maio de 1935). Neste sentido, é possível compreender que apesar dos inúmeros benefícios, ocorriam determinados medos e receios dos artefatos da modernidade.

Dentro deste contexto de mudanças foram engendradas várias medidas entre elas: o calçamento e alargamento das ruas em função do bonde elétrico e da entrada de carros particulares, a energia elétrica em locais públicos e domicílios, a água encanada, entre outros que foram noticiadas e debatidas pelas noelistas. Contudo, é válido ressaltar que estas benesses eram características da sociedade abastada paraibana, isto é, as classes desfavorecidas continuavam vivendo sem infraestrutura e saneamento básico (CHAGAS, 2004).

Nos primeiros anos do Noel paraibano as noelistas compreendiam essa modernização como uma ruptura com os valores que deveriam ser postos na sociedade. Em algumas matérias é possível perceber a total reprovação da modernidade, pois estas deixavam as *mulheres solta e longe do seu verdadeiro lugar social que era o ambiente doméstico, sendo as rainhas do lar*. Porém, a partir do ano de 1934 é possível perceber nas matérias um abrandamento com relação à modernidade; as noelistas começaram a compreender e difundir um espírito cristão que pode ser atrelado à modernidade.

Com um olhar menos moralizante encontrei no jornal *A Imprensa* de 14 de julho de 1934 a seguinte matéria:

A modernização representa o progresso e ordenamento da cidade, temos hoje diversos serviços que as grandes cidades apresentam. João Pessoa está cada vez mais se tornando uma cidade referencial de poder e progresso. As avenidas estão mais bonitas com suas luzes, daqui a uns anos seremos a cidade mais procurada pela sua beleza inegável.

Dessa forma, compreendo que algumas regiões da cidade foram alterando-se, porém essa modernização não foi sentida por todos e nem alcançou toda a cidade, contudo para a elite que vivenciou estes produtos a vida cidadina se transformou em sinônimo de progresso, pois os espaços urbanos modificaram a vida dos sujeitos. Não obstante, para os defensores do regionalismo e da moralidade as novas experiências ainda eram debatidas, pois não eram

todos que enxergavam positivamente as modificações da estrutura da sociedade (WEBER, 1998, p. 67).

Sendo assim, mesmo com este processo de higienização e urbanização existiam determinados espaços que eram revestidos com modelos de conduta. A cidade se estruturou para receber os cidadãos e oferecer os produtos que eram considerados modernos e elegantes para a sociedade, no entanto existiam lugares que não eram considerados adequados para uma mulher passear, em especial, desacompanhadas. Atentas a estas peculiaridades as noelistas advertiam em suas reuniões por quais lugares e com quem ir para as reuniões, “uma mulher não pode ter seu nome manchado por descuido, somos exemplos, por isto procurem vir às reuniões pelas ruas principais e acompanhada de filhos ou maridos” (*Ata do Núcleo Noelista*. Novembro de 1931). Neste sentido, compreendo que a cidade é como um mapa repleto de símbolos e significados indicando os melhores caminhos para uma mulher respeitosa.

A “Cultura Feminina” era seção responsável por difundir e orientar os novos modelos de conduta que uma mulher moderna e cristã deveria seguir. Portanto, a seção utilizada pelas Noelistas no jornal *A Imprensa* que tinha como função principal formar e informar opiniões sobre a conduta que cada pessoa deveria possuir (seguir) em especial a função da mulher como matriarca e condutora da família de encontro a Cristo.

Através dos estudos da História das Mulheres compreendem-se as simbologias e os significados sociais e/ou culturais incutidos no relacionamento entre os sexos feminino e masculino, percebendo dessa forma os paradigmas instituídos aos sujeitos históricos diante das exclusões e transformações do tempo. A ambos os sexos foram impostos ‘ditaduras’ morais e sociais que deveriam ser seguidas sem questionamentos; para as mulheres foi instituído a ‘invisibilidade’ do ambiente doméstico ao longo dos séculos. Ao homem coube o papel de ser forte, ativo e presente em todas as decisões políticas e familiares, ou seja, ambos foram instruídos e rotulados a modelos que o Estado e a Igreja ditaram ao longo do tempo. Porém, a sociedade brasileira começou a ver a transformação de uma sociedade conservadora para uma sociedade moderna e posteriormente liberal.

Entretanto é válido ressaltar que mesmo que para ambos os sexos foram estipulados características a ser seguido, o masculino foi naturalizado pelos discursos como ‘superior’ em detrimento do feminino. Ao longo dos séculos ficaram nítidos os discursos de superioridade masculina a partir do fator biológico e religioso. Essa supremacia do enfoque naturalista

alijou o feminino de ter condições políticas e históricas e serviu como processo de dominação, opressão e subordinação ao longo da história.

Que tempos são estes? A mulher precisar trabalhar para ajudar a manter a casa? Isto é o indicio básico da destruição da família, sempre foi tarefa do homem manter a casa e da de tudo para sua esposa. É função do homem agraciar sua mulher e seus filhos com o que tiver de melhor, claro que sem passar dos limites financeiros. O homem deve sair para trabalhar e trazer o pão de cada, pois como nos ensina a Bíblia Sagrada, ao homem foi destinado o trabalho, e a mulher a dor do parto. Cabe à mulher incentivar seu marido na busca por melhores condições, sabemos que os males acontecem, mas é função do homem prover a família para que nada os falte. Mulher se teu marido passa por momento de aflição ajuda-o na paciência e na calma para manter a ordem e a paz do lar, pois é tua função fazer com que ele se sinta bem em casa, sob os teus cuidados de boa mulher, e boa mãe. Logo, o teu esposinho estará com outro trabalho para te encher de mimos que iram fazer seus olhos brilharem, mas por enquanto controle os teus ímpetos de gastos. A Paraíba toda passa por um momento de crise e uma boa mulher sabe preservar para que a escassez não se faça presente em sua casa (...). (*A Imprensa*, 23 de novembro de 1939).

A partir da análise do texto é possível compreender que mesmo diante dos aspectos culturais mudando – a inserção da mulher no mercado de trabalho – e econômicos – a crise – as noelistas defendem o lugar da mulher destinado ao ambiente doméstico e, em contrapartida, a presença masculina como provedor econômico do lar. Infelizmente durante a pesquisa não encontrei nada acerca das noelistas que exerciam alguma função fora de casa. Uma das hipóteses que entendo a partir dos discursos destas mulheres é que o dinheiro recebido por elas era destinado utilidades supérfluas enquanto que o dinheiro dos homens era para manter a casa. A outra hipótese é que mesmo diante das diferenciações do tempo, com o advento do trabalho através da modernidade, as mulheres não poderiam e/ou deveriam exercer qualquer trabalho. Entre as funções que as noelistas exerciam que foram encontradas através da pesquisa, era que todos os trabalhos estavam associados ao magistério, ou em atividades comerciais que eram ligadas a economia da família, e em rara exceção de uma colaboradora que era médica. Portanto, não consegui chegar a uma constatação específica sobre a questão econômica e o trabalho para as noelistas.

Esta subordinação do feminino ao masculino é uma estrutura de autoridade social histórica, que significa uma relação de poder e está associada à produção econômica. A partir dos estudos do noelismo e da história das mulheres tornou-se perceptível essa utilização do poder no cotidiano, desde os costumes e hábitos, nos discursos higienistas e educacionais, na moralização religiosa e política, de modo que na crescente demanda da Igreja Católica e no

Estado brasileiro de calcar a ordem e o progresso como sinônimo de dominação do feminino para o controle de uma nação em transformação.

A família brasileira desde o início da colonização teve a educação balizada pelo discurso religioso, ou seja, a Igreja Católica detinha o poder e orientava de acordo com o controle ideológico cristão. Nesse período, o destino de muitas jovens era os conventos ou recolhimentos para que nesse espaço-tempo ocorresse a preparação para a vida conjugal. Sendo assim, elas aprendiam a cozinhar, ler, bordar, coser para que se tornassem boas mães e, sobretudo, ótimas esposas. Toda a sua vida era permeada pelos discursos de repressão e principalmente a coerção sexual, dado que as mulheres carregavam o peso do “pecado original”, desta forma sua virgindade deveria ser vigiada. Segundo Araújo (1997, p. 49) as mulheres durante a colônia só poderiam sair do lar em três situações ao longo da vida que era para se batizar, casar e ser enterrada. Segundo Almeida (1998, p. 112) essa relação entre o mundo feminino e o matrimônio foi visto no Brasil de diferentes maneiras: na Colônia como um acordo econômico; no Império a ideia do amor romântico começou a surgir prevalecendo; e na República a noção de casamento era questão de status quo. Portanto, a partir de imposições sociais, culturais e históricas desta natureza a mulher na República ainda carregava marcas de um passado opressor e em alguns casos que ela aprendeu a legitimar como o correto:

Lugar de uma moça direita é em casa. É cuidando com sua mãe das tarefas da casa. É aprendendo a cozer, passar, administrar e cozinhar que ela se tornara uma boa mãe, espoza (sic) e não lhe faltara um bom marido. Menina moça guarda tua pureza para tua casa e teu destino será bom ao lado do teu esponzinho (sic) (...) As moças de hoje estão com cabeça cheia de frivolidades, só pensam em caminhar pelas ruas para olhar vitrines e passear nas praças. Estas moças precisam entender que uma mulher que vive em busca de algo pela rua acaba encontrando a perdição. Menina-moça te preserva, foge deste modernismo tendencioso que só quer corromper tua pureza (...), os moldes nas revistas são exemplos de mulheres fáceis que vivem do corpo e da beleza, uma boa mulher é prendada e recata, conserva a pureza com sinônimo de salvação, pois toda a família vai desejar ter este tipo de mulher como norinha e filhinha (...) (*A Imprensa*, 1937, p. 08).

Ocorreu, portanto, a formação e legitimação dos discursos opressores por parte das mulheres em valorização do patriarcalismo instituído pela Igreja e pelo Estado, uma vez que não era apenas a Igreja e o Estado que ditavam as normas, os valores foram incutidos de geração para geração e considerados como verdadeiros para as noelistas, “aprendi com minha vó que a mãe dela ensinava: mulher boa é aquela que faz o sorriso do seu esposo parecer o sol de tão brilhante” (*A Imprensa*, 13 de janeiro de 1941, p. 14). Neste sentido, fica explícito que

mesmo diante das transformações do tempo sobre a sociedade ficou estigmatizado determinados elementos culturais e históricos.

Sendo assim, uma mulher sair sozinha poderia ser vista como uma aventureira, sem comprometimento com a moral e os bons costumes. Mesmo com o avanço da modernidade as famílias noelistas procuram resguardar os valores que eram considerados importantes para uma *boa mulher*, pois segundo os textos a boa mulher é aquela que é instruída, é religiosa, sabe fazer todos os trabalhos domésticos, ou seja, é *prendada*, é graciosa, é pura –*a virginal* – e principalmente sabe respeitar o poder de seu pai e marido, pois ela entende que é através dele que existe *a salvação para viver em sociedade*.

Mesmo diante de transformações políticas (Império – República) os discursos de valorização do masculino continuaram, apesar da Igreja Católica ter pedido uma parte do seu poder junto ao governo estatal. Com o advento da República ocorreu o Decreto n. 119, de 07 de janeiro de 1890 que estabeleceu a laicidade do Estado, entre as medidas adotadas foram: a liberdade de culto, proibição de ensino religioso nas escolas, liberdade de culto, o casamento, entre outros (REIS FILHO, 1989, p. 14).

Mesmo nesse contexto de possível laicização no ambiente escolar não ocorreram à promoção de grandes alterações na formação intelectual e contínua feminina. A educação da mulher continuava a ser moralizante e calcada principalmente sobre a égide da sexualidade reprimida. A imagética instituída desde a Colônia de que a mulher não necessitava de instrução acompanhou até o final da Primeira República quando movimentos feministas ganharam maior visibilidade no meio social. Mesmo para as mulheres da elite a educação era algo considerado secundário na sua formação e quando estas o tinham sua função primordial era ser a professora, a catequista, a preceptora, enfim, aquela que nortearia a sociedade ao bem comum.

Conservadoras e determinadas a frear estas alterações do tempo, as noelistas paraibanas levantaram a bandeira de guardar a família da *frivolidade moderna* que desestruturava a família. “Cabe a nós, detentoras dos lares proteger nossos filhos e maridos deste mal que assola o mundo, deste moderno que corrompe nossos valores, deste pecado que nos tira de Deus” (*Ata de reunião*. 18 de janeiro de 1935. Livro II, s/p). Portanto, mesmo diante das transformações oriundas com a modernidade as noelistas compreendem o papel feminino e masculino a partir de modelos especiais, cabendo ao feminino: o espaço

doméstico, a submissão, o recato, a maternidade (como sua principal função social). Ao masculino: o trabalho, a vida pública, a política, a autoridade, a liberdade (inclusive a sexual).



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: UM MODELO DE VIDA MODERNA DENTRO DO CONSERVADORISMO CATÓLICO

Engendrar uma pesquisa no campo da subjetividade não é tarefa fácil no meio acadêmico, pois em toda pesquisa científica faz-se necessário o rigor científico-metodológico e documental que por sua vez orienta a escrita que deve ser balizada pela afirmação da solidez do objeto pesquisado. Portanto, pesquisar sobre o Noelismo na Paraíba foi perpassar pelas linhas tênues de mulheres que formularam o discurso e a prática familiar a partir de inquietações e pressupostos pessoais e principalmente por questões de cunho religioso.

Neste sentido, elencar e fazer o cruzamento de teoria e áreas do conhecimento, propor as metas e a análise documental foi de suma importância para compreender a formação ideológica do grupo como pressuposto central de ação a experiência religiosa, dentro do

contexto histórico da secularização baseada na laicização. Compreender o noelismo a partir da experiência religiosa e suas ações é buscar entendê-lo dentro de um período de valorização a racionalidade em detrimento do religioso (do Sagrado). Ou seja, existe uma substituição dos ideários sagrados por individualidade, visto que a religião não era mais elemento de coesão cultural-social que ordenava e organizava a realidade social, mas doravante era a modernidade com a laicização e/ou racionalidade e todos os seus artefatos sociais que passariam a gerir as regras e parâmetros da sociedade.

Portanto é a partir desta perspectiva que no final do século XIX e início do XX, a religião, mais especificamente a Igreja Católica no Brasil, perdeu o seu poder de organizar a sociedade de acordo com os seus valores. Por consequência esta instituição não promoveu mais uma hegemonia cultural, social e econômica no cotidiano dos cidadãos. Logo, o objetivo central deste trabalho foi tentar compreender através da constituição histórica do núcleo noelista na Paraíba como as mulheres noelistas sentiram-se tocadas e sensibilizadas para viver o espírito do Noel em suas vivências diárias.

As mudanças sociais, mais especificamente industriais e culturais ocorridas no final do século XIX e início do XX, difundiram novos aspectos e artefatos para a sociedade. É a partir deste contexto que busquei compreender como as noelistas que pertenciam à classe média e/ou rica urbana da Paraíba compreenderam e compartilharam desse momento. O período analisado pode ser percebido composto de fragmentação e rupturas, já que o século XIX “anunciou” a ruptura efetiva entre o Estado e a Igreja, todavia é possível que na Paraíba notadamente isso não tenha ocorrido decisivamente no que se refere à ordem e a estrutura social, pois como resultado direto das políticas das oligarquias as famílias ricas paraibanas continuaram a utilizar dos elos sociais para beneficiar a interesses particulares.

Portanto, em detrimento de contínuas “trocas de favores” e “apadrinhamentos” entre a elite paraibana, que em sua maioria era formado pela governança estadual e o poder clerical, pouco incidiram choques ideológicos quanto aos aspectos da modernidade e o processo de laicização, tendo em vista que a Igreja buscava manter seus postulados e o Estado necessitava controlar forças opositoras políticas contra a ordem vigente (COSTA, 2007, p. 142).

Neste sentido, mesmo diante de uma resistência contra a euforia da modernidade, o espírito da modernização¹¹⁵ proporcionou construções sociais e culturais no período

¹¹⁵ "A ideia de modernidade, no espaço regional em apreço, se configura menos por cenários urbanos marcados pela agitação frenética [...] e mais por uma ou outra novidade do estrangeiro, [...] que passam ao imaginário como signos modernos por excelência." (ARANHA, 2005, p.87)

possibilitando perspectivas diferenciadas. Este processo de mudança fomentou estratégias entre os indivíduos que desejavam ser modernos, mas que detinham pensamentos voltados para valores e práticas conservadoras que esbarravam em ideários renovadores.

Não diferindo de outras áreas do Brasil, a família paraibana passou por uma transformação sistemática, seja no que diz respeito à inserção de elementos marcantes como: o mercado editorial¹¹⁶, os eletrônicos (à exemplo de telefone e as difusoras), passeios pelas praças e ruas pavimentadas, os chãs e cafés em confeitarias, entre outros. Sendo assim, a sociedade vivenciou um momento de transição cultural e social em que a noção de espaço – tempo foram alteradas com a utilização destes elementos genuínos do processo de urbanização.

A capital paraibana ganhou ares modernos através da iluminação, dos periódicos e do comércio que instruíam o comportamento de cada sujeito, e ao mesmo tempo em que a urbanização consolidava-se paulatinamente, em consonância instituíam modelos de conduta. Podemos constatar que o ideário de modernidade atrelou e normatizou o lugar de cada sujeito¹¹⁷. É válido ressaltar que apesar da modernização ter alterado o perfil social e cultural das famílias, o conservadorismo ainda foi/é algo presente.

Portanto, a tarefa foi buscar e manter as estruturas sociais dentro do limite do conservadorismo católico, afinal uma “boa sociedade, necessita estar em harmonia para que ocorra o crescimento social” (*A Imprensa*, 12 de agosto de 1938, p. 06). Neste sentido, o noelismo na Paraíba foi de suma importância na tarefa de organização social, pois através da assistencialidade, da catequese e da espiritualidade noelista grupos revoltosos ou insatisfeitos encontravam barreiras no discurso cristão de conformação e aceitação da ordem vigente como sinal divino que era uma orientação posta pela bula papal *Rerum Novarum*. Com também o noelismo foi fundamental para combater os aspectos desviantes da moralidade cristã, ou seja, as noelistas possuíam o dever de recristianizar e fomentar o espírito da boa conduta a partir dos valores que cristãos que eram pregados de acordo com a *Sagrada Família*.

A família adaptou-se aos novos modelos da modernidade, não temos mais a severidade que antes eram postas aos filhos e a esposa. Existe (sic) uma fluidez no ambiente doméstico, as pessoas passam mais tempo fora de casa trabalhando ou estudando do que em seus lares. As famílias pouco tem se reunido para conversar e falar sobre os problemas diários, (...) a mulher trabalhando fora de casa, quando chega faz seus afazeres e não dá a atenção necessário para os filhos ou marido, promovendo desta forma uma ruptura

¹¹⁶O hábito da leitura é atribuído ao sujeito moderno.

¹¹⁷A família “ideal” investia na modernidade como sinônimo de status quo (CHAGAS, 2004).

de valores. Como esta a educação destas creanças (sic)? Com estão estas famílias? (...) (*A Imprensa*, 23 de março de 1942) ¹¹⁸.

Compreendo que o periódico *A Imprensa*, mais especificamente a seção “Cultura Feminina” aqui estudada é um agente formador de perspectivas católicas que interferiram e formaram família durante gerações. Neste periódico eram constantes as matérias de orientação sobre a conduta familiar. A função da mulher na seção supracitada era de suma relevância, pois diferentemente dos séculos anteriores neste período a mulher passou a ser vista como a grande responsável por formar a educação de base. Dessa forma, cabia a ela ter uma educação baseada nos amalgamas cristãos e intelectuais, pois assim ela seria

uma boa filha, boa esposa, boa nora e excelente mãe para a pátria. A vida materna caminha lado a lado com a construção de uma país com futuro e moderno. Cabe a mulher ensinar aos seus filhos e os que estão em seu poder a boa conduta e os verdadeiros valores. (*A Imprensa*, 12 de março de 1941, p. 09).

Por conseguinte, a partir do trecho mencionado anteriormente ficou evidenciada que a mulher tinha uma função social reconhecida e progressivamente proposta pelos poderes clericais e estaduais, de modo que a mulher tinha de ser a mãe não apenas no ambiente doméstico, mas também como uma mãe da pátria. Portanto, a partir das noelistas ficou percebido também que nas primeiras décadas do século vinte as mulheres passaram a ter lugar de destaque pelo poder conservador e passaram a não ser mais silenciadas ou esquecidas na construção histórica.

Logo, compreendi que os periódicos possuem força para alcançar as mais variadas escalas sociais, o poder de informar e formar opiniões. A Nova História Cultural (1980) possibilitou estudar e analisar as experiências humanas no que tange a representatividade. Desse modo, permitiu adentrar em objetos fragmentados como: fontes literárias, iconografias e a própria memória. (VAINFAS, 1997, p. 14).

Neste sentido, ao utilizar os textos compilei resultados de negociações ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social, compreendi que a literatura anuncia e difunde as mudanças ocorridas na sociedade (CHARTIER, 1999, p. 116) e que é necessário saber enxergar os problemas tangíveis ou intangíveis do objeto analisado. Por conseguinte utilizei Certeau (2003, p. 114) a fim de analisar o documento em lócus,

¹¹⁸ Sobre o tema “família” esta foi a última matéria antes do encerramento do jornal por questões políticas neste ano.

portanto ao fazer uso dos textos produzidos pelas noelistas procurei problematizar e tecer as suas intenções, bem como perceber os objetivos que estavam implícitos ou explícitos.

Ao fazer uso dos documentos para compreender as noelistas na Paraíba foi possível perceber que estas mulheres possuíam em sua característica a motivação da mudança e da busca constante pelo diferencial, por uma sociedade contida e regrada de acordo os modelos cristãos. Nos congressos, nas ações pastorais, nas atividades de catequese, na difusão das ideias através dos periódicos, em todos os momentos elas buscavam problematizar questões sociais e principalmente ficarem *atentas aos sinais do tempo* para que pudessem *agir* contra os problemas, ou seja, elas tinham o objetivo de resguardar e de evitar maiores problemáticas para a sociedade, formando um verdadeiro exército em marcha (COSTA, 2007). Através da ajuda dos seus *protetores* as mulheres noelistas engendraram verdadeiras batalhas, inclusive no ambiente doméstico quando abraçaram o Noel e participaram dele em viagens para outros estados, já que uma mulher viajar desacompanhada de alguém da família na primeira metade do século vinte era considerado uma ofensa.

Diante das inúmeras conjunturas políticas e sociais as noelistas usaram o mito fundante do Noel para propagar o conhecimento e a fé que para elas eram o sinal da benção de Deus sobre a humanidade, em especial sobre as mulheres como difusoras da verdadeira moral e fé cristã. É válido ressaltar que em todo momento este trabalho teceu cruzamentos com outros trabalhos realizados acerca do grupo e que sua principal intenção era entender como e por qual motivo estas mulheres ‘abraçaram’ o espírito do Noel de forma tão intensa. Portanto aqui o objetivo era compreender a experiência religiosa como sinônimo de ação para efetivação de padrões e comportamentos sociais aceitos.

É importante enfatizar também que a experiência de traçar um trabalho entre a história e a história das religiões possibilita cruzamentos e combinações que ainda travam medo nos historiadores (em especial nesta que aqui vos escreve), porém é uma interseção que possibilita reconhecer e/ou conhecer especificidades que antes pareciam inatingíveis no rigor acadêmico. Sendo assim, este trabalho termina com o fôlego de quem poderia ir muito à frente e com a sensação de que o cruzamento com diversas áreas (Nova História, 1980) enriquece a produção cultural e historiográfica.

É importante frisar também que o noelismo paraibano foi vivenciado até o ano de 1974 e que muitas famílias pessoenses lembram de suas ações de cunho social e religioso,

portanto destaco que o Noel é um tema em constante descoberta na Paraíba e que abre possibilidades de novos trabalhos e vários outros enfoques diante de sua vasta produção.



REFERÊNCIAS

Bibliografia:

Livros e capítulos de livros

AGNOLIN, Adone. *História das religiões: perspectiva histórico-comparativa*. São Paulo: Paulinas, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

ALMEIDA, J. S. de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Ed. Da Unesp, 1998.

ANDRE, Marli D. O projeto pedagógico como suporte para novas formas de avaliação. In: CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (Orgs). *Ensinar a Ensinar*. São Paulo: Thompson, 2001.

ARANHA, Gervácio Batista. Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de (et alli). *A Paraíba no Império e na república: estudos de história social e cultural*. João Pessoa: Idéia, 2005, p. 79-131.

ARAÚJO, E. *A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia*. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto; Ed. Da Unesp, 1997.

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

AZZI, Riolando; VAN DER GRIJP, Klaus. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo. Terceira Época 1930-1964*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARBOSA, Rui. Introdução do traductor. In: JANUS. *O Papa e o Concílio*. Rio de Janeiro, Brown & Evaristo Editores, 1877.

BARROCO, Maria Lucia Silva. *Ética e serviço social: fundamentos ontológicos*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BARROS, José D'Assunção. *O Campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BASTIDE, Roger. Religion and the Church in Brazil. In: SMITH, T. Lynn; MARCHANT, Alexander (Ed.). *Brazil: Portrait of half a continent*. New York: The Dryden Press, 1951. p. 334-355.

BEOZZO, J.O. Decadência e morte, restauração e multiplicação das ordens e congregações religiosas no Brasil (1870-1930). In: AZZI, Riolando. (Org.) *A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 120-126.

_____. Os resultados da discussão historiográfica na CEHILA. In: BRANDÃO, Sylvana (org.). *História das Religiões no Brasil*. Recife, UFPE, 2001. p. 372-409.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução dos textos originais, com notas, dirigida pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. São Paulo: Paulinas, 1976. p. 1281 -1322.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2004.

BRAUDEL, Fernand. A Longa Duração. In: _____. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BURKE, Peter. *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: Edunesp, 1992.

CÂNDIDO, Antônio. The Brazilian Family. In: T.Lynn Smith (ed.) *Brazil Portrait of a Half Continent*. Nova York: Marchant General, 1951, p 291-311.

CARNEIRO, Henrique. *A Igreja, a Medicina e o Amor: Prédicas Moralistas da Época Moderna em Portugal e no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador. In: FAUSTO, Boris (dir.) *História geral da civilização brasileira*, tomo 3: O Brasil Republicano, 1982.

CERTEAU, Michel de. *A cultura do plural*. Campinas: Papirus, 1994.

_____. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Vozes, Petrópolis, 2005.

_____. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. Urbanidade, Modernidade e Cotidiano na Parahyba do início do século XX. In: ABRANTES, Alômia; NETO, Martinho Guedes dos Santos. *Outras Histórias. Cultura e Poder na Paraíba [1889 – 1930]*. João Pessoa: Editora Universitária as UFPB, 2010.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Portugal: Difel, 2002.

_____. Roger. *Literatura e História*. Conferência. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 5 de Nov. de 1999.

CHAVES, Cristiano de Farias; ROSENVALD, Nelson. *Direito das Famílias*. Rio de Janeiro: Lumen, 2004.

CORRÊA, Marisa. Apresentação. In: *Colcha de retalhos: estudos sobre a Família no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993 p 7-11.

_____. Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil. In: CORRÊA, M. (Org.). *Colcha de retalhos: estudos sobre a Família no Brasil*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

COSTA, J. F. *Ordem Médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal. 1983.

DILTHEY, Wilhelm. *Psicologia e compreensão*. Lisboa: Edições 70, 2006.

DILTHEY, Wilhelm. *Teoria das concepções do mundo*. Lisboa: Edições 70, 1999.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FACHIN, Rosana Amara Girardi. *Em Busca da Família do Novo Milênio: uma reflexão crítica sobre as origens históricas e as perspectivas do direito de família brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: História e historiografia*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

_____. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

_____. *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1975, tomo III, vol. I, pp. 155-190.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2000.

FLANDRIM, J. L. A vida sexual dos casais na antiga sociedade: doutrina da Igreja à realidade dos comportamentos In: *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal: 1986.

FOCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1951.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Petrópolis, Vozes: 2001.

GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

GURJÃO, Eliete de Queiróz. *Morte e vida das Oligarquias*. João Pessoa.:Editora Universitária/UFPB 1994.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875–1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KIRSCHNER, T. B. *A reflexão conceitual na prática historiográfica*. Textos de História, v.15, n.1/2, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. *História y hermenêutica*. Barcelona: Paidós, 1997

_____. Reinhart. *História /história*. Madrid: Minima Trotta, 2004.

_____, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LANGUE, Frédérique. O sussurro do tempo: Ensaio sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França. In. ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. (et all) *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006.

LEAL, Vítor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1948.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1994.

_____. *História e Memória*. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1996.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo (Org.). *A Igreja Católica no Brasil e o Regime Republicano: um aprendizado de liberdade*. São Paulo: Ed. Loyola, 1990.

_____. *A presença da Igreja no Brasil: história e problemas 1500-1968*. São Paulo: Editora giro, 1977.

MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. 2.ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1983, p.31.

MANOEL, I. A. *Igreja e educação feminina: uma face do conservadorismo*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1996.

MATA, Sérgio da. *História e Religião*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MIRCEA, Eliade. *O sagrado e o profano*. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *O sagrado e o profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MOITA, Maria da conceição. Noelismo: Movimento de elite e de vanguarda? In: *Religião e Cidadania: Protagonistas, motivações e dinâmicas sociais no contexto ibérico*. Portugal: UCP, 2003.

MOMMSEN, Theodor. *Historia de Roma*: libro V, fundación de la monarquía militar. Madrid: Turner,

MORAES, M.L.Q. Cidadania no feminino. Em: Pinsky, J. e Pinsky, C. *História da cidadania*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

MOUILLAUD, Maurice. Da Forma ao Sentido. In. PORTO, Sergio Dayrell. *O Jornal: Da forma ao sentido*. Brasília: Editora universidade de Brasília, 2002. 2 ed.

MUZET-PÉRIER, Jean Paul. *Biografias de Religiosas de Assunção, 1850-2000*, Fist Tomé, letras AC, 2003.

_____. *Notices Biographiques des religieux de L' Assomption, 1850-2000*. Casa geral dos agostinianos de Assunção, Assunção, 2000.

NOBERT, Elias. *O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

PARENTE, Francisco Josênio Camelo. *A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses*. Fortaleza: UFC/UVA, 2000

PERROT, Michelle. *História da Vida Privada – Tomo 4 Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Companhia das Letras. São Paulo, 2005.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar- Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REIS, João Carlos. *História e teoria*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

REIS FILHO, C. dos. *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo: Cortez, 1989.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo: Marco Zero e Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2000.

SANTANA, Martha Maria Falcão de Carvalho e Morais. *Poder e intervenção Estatal-Paraíba: 1930-1940*. João Pessoa. Ed. Universitária, 2000.

SANTOS, Ednaldo Araújo; VELÔSO, Ricardo Grisi. *O ano sacerdotal e o Clero da Arquidiocese da Paraíba*. João Pessoa: A União, 2010.

SARAIVA, Manuela. O noelismo. In: FONSECA, Carlos. *Expressões religiosas portuguesas*. Porto: SSD, 1950.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: _____ (org.). *História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. V.3.

TAVARES, Eurivaldo Caldas. *D. Moisés Coelho 1º bispo de cajazeiras, 2º arcebispo da Paraíba*: Perfil Bibliográfico. João Pessoa: Interplan Editorial Propaganda, 1994.

VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. História e análise de texto. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: Micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

_____. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2010.

VEIGA, Ilma. RESENDE, L. G. *Escola: Espaço do Projeto Político Pedagógico*. Campinas - São Paulo: Papirus, 1998.

VERNANT, J.P. *Mito e Pensamento entre os Gregos: Estudos de Psicologia Histórica*. São Paulo. DIFEL/EDUSP, 1973.

_____. *O Universo, os Deuses, os Homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WACH, Joachim. *Sociologia da religião*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990, Coleção Sociologia da Religião, p. 25.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1982. 79-127 pp.

_____. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel. (Org.). WEBER, Max. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 2004. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

_____. *A objetividade do conhecimento na ciência social e na política Metodologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974;

_____. *Sociologia das Religiões*. Belo Horizonte. D'Água Editores, 2006.

Fontes e documentos eletrônicos:

Bibliografia e documentação

ARQUIVO da Arquidiocese da Paraíba. [S.l.], 2015. Disponível em: <<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=553&sid=97>>. Acesso em: 23 Mar. 2015.

ARQUIVO da Arquidiocese de Olinda. [S.l.], 2015. Disponível em: <<http://arquidiocesedeolindaerecife.blogspot.com.br/2010/11/olinda-e-recife-historia-ecclesiastica.html>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

GOMES, Patrícia. *Mulher e sexualidade: uma introdução histórica*. Petrópolis. Vozes, 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/null>>. Acesso em: 2 mai. 2014.

VATICAN. [S.l.], 2015. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt.html>>. Acesso em: 8 jun. 2015.

Carta ao dispersão No. 252 (1927), p. 329-331; N ° 254 (1928), p. 1-5; No. 256, p. 17-24; N° 258, p. 33-48; No. 259, p. 51. Polyeucte Guissard, Retratos assuncionistas, p. 213- 227. Biografia pelo Padre Marie-Alexis Gaudefroy. Assunção e suas obras 1928, n° 319, p. 17-20; No. 329, p. 195-199. Geneviève Duhamet, Nouvelet (Fr. Claude Go) e movimento noëliste, BP, 1937, 230 p. Pai Claude Go é o autor de vários livros, incluindo o livro Centenário das monjas agostinianas do Sagrado Coração de Maria, Paris, 1927; o Servo de baixa massa, ed. o santuário, 106 p. e Memento-Noël (colectâneas de Noëlistes), BP, 1915, 208 p. Ele escreveu nas seguintes revistas: Memórias (1891-1900), o Natal, o noëliste Star, o Eco de Natal, Minha Casa, Santuário, Bernadette. Noëliste artigo União "no catolicismo, 1997, Edição No. 70, col. 508-511.

Disponível em: <<http://www.assomption.org/fr/necrologies/claude-allez-1866-1927>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

Carta Pastoral:

HENRIQUES, D. Adauto Aurélio de Miranda. *Carta Pastoral do nosso dever para com a imprensa*. Parahyba: Tryo. A Imprensa, 1918.

Encíclicas:

LEÃO XIII. *Carta Encíclica Rerum Novarum*. São Paulo: Paulinas, 1965. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/leoxiii/pt/encyclicals/documents/hf_lxiii_enc_15051891_rerum-novarum.html>. Acesso em: 14 de junho de 2015.

LEÃO XIII. *Carta Encíclica Dei Verbum*. [S.l.], 2015. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_1_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 02 abr. 2015m

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor Hominis*. Petrópolis: Vozes, 1998. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp_ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html>. Acesso em: 14 jun. 2015.

PIO XI. *Carta Encíclica Quadragéssimo Anno*. Petrópolis: Vozes, 1962.

PIO XI. *Carta Encíclica Divinis redemptoris*. Rio de Janeiro: Paulinas, 1973. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_pxi_enc_19370319_divini-redemptoris.html>. Acesso em: 12 jun. 2015

Jornais e Atas:

A BOA moça. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 13 jan. 1941, p. 14.

A BOA mulher. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 03 nov. 1932, s/p.

A BOA mulher e o moderno. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 10 nov. 1938, s/p.

A EDUCAÇÃO dos filhos. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, s/d set. 1938, s/p.

A ESPOSA. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 14 nov. 1935, s/p.

A FAMÍLIA e a nova urbs. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 23 mar. 1942, s/p.

A FAMÍLIA Noelista. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 12 jan. 1941, s/p.

A FORÇA da família. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 04 out. 1936, p. 08.

A HUMILDADE. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 12 mai. 1936, s/p.

A JUVENTUDE. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 03 set. 1932, p. 08.

A LIBERDADE Feminina. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 23 nov. 1932, p. 08-09.

A MULHER e seu trabalho. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 02 mar. 1939, p. 09.

A MULHER que não queremos ser. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, s/d 1935, p. 08.

A MODERNIDADE. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 18 abr. 1932, p. 13.

A PARAHYBA e a Paraíba. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 22 fev. 1931, s/p.

AS CRIANÇAS. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 01 jan. 1936, s/p.

AS NOVAS esposas. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 12 mar. 1932, s/p.

AS NOVAS mulheres. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 16 dez. 1938, s/p.

ALLEZ. *Le Noel*. França, 13 jan. 1889, s/p.

ANSEIOS modernos e a destruição do lar. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 13 mai. 1939, s/p.

ARCO-ÍRIS. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 18 out. 1934, p. 08.

ARCO-ÍRIS. As noelistas e suas causas. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 13 out. 1940.

AROLDO. Notas. *A União*. João Pessoa, 23 abr. 1923, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 5 de agosto de 1931, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata do Núcleo Noelista*. Outubro de 1931, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 30 de outubro de 1931, livro I, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata do Núcleo Noelista*. Novembro de 1931, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 22 de novembro de 1931, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 23 de novembro de 1931. Livro I, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. S/D1932. I Livro, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 23 de fevereiro de 1932. Livro I, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 13 de março de 1932. Livro I, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 13 de maio de 1932. Livro I, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 20 de junho de 1932, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 12 de julho de 1932, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. Agosto de 1932. Livro I, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. Novembro de 1932, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 04 de dezembro de 1932. Livro I, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 13 de março de 1933. Livro I, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. Maio de 1933, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 14 de julho de 1933, livro II, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 18 de janeiro de 1935. Livro II, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 04 de novembro de 1935. Livro II, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 06 de abril de 1936. Livro II, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 19 de maio de 1936. Livro II, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 23 de novembro de 1936. Livro I.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 25 de fevereiro de 1937. Livro II, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. Janeiro de 1938. Livro II, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 04 de dezembro de 1940, s/p.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de Reunião*. 02 de abril de 1941. II Livro, p.1.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Núcleo Noelista. *Ata de reunião*. 13 de maio de 1944, Livro II, s/p.

BAILLY. *Le Noel*. França, 24 mar. 1889, s/p.

BEM vindo Dom Moisés. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 23 ago. 1935, p. 09.

BEZERRA, Alcides. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 03 mar. 1930, p. 08-09.

BEZERRA, Alcides. A urbs. *A União*. 06 nov. 1939, s/p.

CARTA a uma noivinha. Cultura Feminina. *A Imprensa*, João Pessoa, 13 jan.1939, s/p.

CARTA de correspondência. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 17 fev. 1936, p. 09.

CUIDADOS com o casamento. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 12 nov. 1936, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 18 abr. 1914, p. 06.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 08 nov. 1921, p. 06.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 16 jan. 1930, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 14 abr. 1931, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 08 ago. 1931, p. 08.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 16 ago. 1931, p. 7.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 16 nov. 1931, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 03 set. 1931, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 13 dez. 1931, p. 9.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 08 fev. 1932, p. 8.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 18 abr. 1932, p. 10.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 27 set. 1932, p.6.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, s/d, 1933, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 18 mar. 1934, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 03 mai. 1934, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 30 set. 1934, p. 08.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 18 mai.1935, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 16 jun. 1935, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 13 set. 1935, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 02 nov. 1936, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 12 nov. 1936, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 14 jan. 1937, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, s/d fev. 1937, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 03 mar. 1937, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 02 abr. 1938, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 12 jul. 1938, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, s/d. 1939, s/p.

CULTURA Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 12 jun. 1939, s/p.

FUNÇÃO de mãe. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 12 mar. 1941, p. 09.

GOMES. Notas. *A União*. João Pessoa, 23 abr. 1923, s/p.

GOUVEIA, Lulmira. Os problemas da Nação. Cultura Feminina. *A Imprensa*, João Pessoa, 14 out. 1934, s/p.

MOÇA Rosa. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 19 ago. 1932, s/p.

MULHERES em ação. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 08 abr. 1932, s/p.

MULHER modelo de Maria. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 02 dez. 1936, s/p.

MULHER Noelista um exemplo a seguir. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 14 nov. 1932, s/p.

NOTAS. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 29 dez. 1932, s/p.

NOTAS. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 10 mar. 1934, s/p.

NOTAS. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 23 abr. 1936, p. 09

NOTA de falecimento. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 16 ago. 1935, p. 08

NOTA de Felicitação. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 30 ago. 1932, s/p.

NOTAS. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 10 mar. 1934, s/p.

O CASAMENTO uma união feliz. Cultura Feminina. *A Imprensa*, João Pessoa, 12 mai. 1934, p. 09.

O DIVINO na vida cotidiana. Cultura Feminina *A Imprensa*. João Pessoa, 03 fev. 1939, s/p.

O MAL contagioso. Cultura Feminina *A Imprensa*. João Pessoa, s/d fev. 1932, p. 12.

- O MAL contagioso. Cultura Feminina. *A Imprensa*, João Pessoa, s/d out. 1932, p. 12.
- O MAL da modernidade. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 12 ago.1931, s/p.
- O MAL da modernidade. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, s/d 1937, p. 8
- O MAL e suas faces. Cultura Feminina *A Imprensa*. João Pessoa, 4 abr. 1941, s/p.
- O MILAGRE da vida. Cultura Feminina *A Imprensa*. João Pessoa, 09 dez. 1938, s/p.
- O MODERNISMO. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 14 jun. 1936, s/p.
- O NATAL. Cultura Feminina *A Imprensa*. João Pessoa, 23 dez. 1941, s/p
- O PECADO e a humanidade. Cultura Feminina *A Imprensa*. João Pessoa, 14 out. 1939, s/p.
- O TEMPO do Senhor. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 13 mai. 1934, p. 07.
- ORAÇÃO do dia. Cultura Feminina *A Imprensa*. João Pessoa, 06 mai. 1942, s/p.
- ORIENTAÇÕES à mulher. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 4. Jan. 1932, s/p.
- PARA as mocinhas de hoje. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 09 mai.1938.
- PAROCO. A Igreja Necessita De Ajuda. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 05 mai. 1903, s/p.
- PAROCO. Mudanças de valores. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 04 jul. 1937, s/p.
- PAROCO, Mulheres nos dias de hoje. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 02 mar. 1930, s/p.
- PROTEÇÃO a família. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 16 jan.1930, p. 12.
- RAIMUNDO Ótica. Notas. *A União*. João Pessoa, 23 abr. 1923, s/p
- RIACHUELO. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 30 set. 1934, p. 08.
- RICIEIRA. Cuidado com as mulheres fingidas. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 12 jan. 1941, p. 08.
- RICIEIRA. Cuidados com o lar. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 03 abr. 1933, s/p.
- RICIEIRA. Rosa-Princesa: A uma noiva. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 23 nov. 1934, s/p.

TABAJARA Noel. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, s/d 1931 p. 09.

TABAJARA Noel. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 13 set. 1935, s/p.

TABAJARA Noel. A mulher sabia. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 13 nov. 1935, s/p.

TEMPOS de crise. Cultura Feminina. *A Imprensa*. João Pessoa, 23 nov. 1939, s/p.

WANDERLEI. A nova Parahyba do Norte. *A União*. 23 set. 1930, p. 12-13.

WANDERLEY. Os problemas da cidade. *A União*. 24 set. 1938, s/p.

Dissertações e teses:

CHAGAS, Waldecir Ferreira. *As singularidades da modernização na cidade da Parahyba, nas décadas de 1910-1930*. Tese (Doutorado em História), UFPE, Recife, 2004.

COSTA, Simone da Silva. *Mulheres em defesa da Ordem: um estudo do núcleo noelista na Paraíba entre os anos de 1931 a 1945*. Dissertação (Mestrado em História), UFPB, 2007.

COSTA, Suzana Queiroga da. *Jornal - A Imprensa- Como fonte de informação e memória de produção editorial paraibana no século XX (1912 - 1942)*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), UFPB, 2011.

DIAS, Roberto Barros. *Deus e a Pátria: Igreja e Estado no processo de Romanização na Paraíba (1894-1930)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. *Igreja e Romanização: implementação da Diocese da Paraíba (1894/1910)*. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

SANTOS NETO, Martinho Guedes dos. *Os domínios do Estado: a interventoria Antenor Navarro e o poder na Paraíba (1930-1932)*. Dissertação (Mestrado em História), UFPB, 2007.

Iconografias:

Acervo das Noelistas – Arquivo Arquidiocesano da Paraíba – Palácio do Bispo – João Pessoa – Paraíba.

Arquivo Eclesiástico da Paraíba – Arquivo Arquidiocesano da Paraíba – Palácio do Bispo – João Pessoa – Paraíba.

Legislação:

BRASIL. *Lei n. 3.071, de 1º de janeiro de 1916*. Institui o Código Civil. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/leis/L3071.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

BRASIL. Constituição (1891) *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm>. Acesso em: 13 jun. 2015.

Periódicos e anais de congressos:

AZEVEDO, Ferdinand. A renovação das noelistas no Recife na virada do terceiro milênio. *Revista de Estudos de Religião – Recife*, v. 5, n. 12, p. 99-122. 2010.

_____. Dona Felipinha e as noelistas no Brasil. In: *Religião & Cultura: Revista de teologia e Ciências da Religião – PUC/SP*. São Paulo, v. 8, n. 15, p. 111-129. jan/jun., 2009.

AZZI, Riolando. A igreja Católica no Brasil no período de 1959-1975. *Revista Religião e Sociedade*, No. 2. São Paulo, 1977.

BEOZZO, José Oscar. Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de Estrada. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, Petrópolis, Vozes, v. 37, dez 1977.

KOSELLECK, R. *Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.134-146, 1992.

LEVI, Giovanni. A história é uma ciência da busca infinita. Entrevista com Giovanni Levi. *Revista de História*, Rio de Janeiro, 13 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/giovanni-levi>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

NUNES, Elton de Oliveira. História das Religiões no Brasil: teoria e metodologia a partir da Escola Italiana. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. *Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética*. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM.

TERUYA, Marisa Tayra. A família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., Caxambú, 23-27 out. 2000. *Anais eletrônico...* Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/TodosA%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2015.

VASCONCELOS, V. N. P. A perspectiva de gênero redimensionando a disciplina histórica. *Revista Ártemis*, n.03, 2005.

ANEXOS

Figura 11 – Primeira Presidente do Noel – Paraíba



Fonte: Acervo das Noelistas – Arquivo Arquidiocesano da Paraíba.

Figura 12 – Grupo Noelista da Paraíba. As mulheres com seu protetor (o padre)



Fonte: Arquivo Eclesiástico da Paraíba

Figura 15 – Cartão do II Congresso das Noelistas realizado em Recife. Cartão pertencente às noelistas Paraibanas



Fonte: Acervo das Noelistas – Arquivo Arquidiocesano da Paraíba.

Figura 16 – Vice-presidente do Noel da Paraíba



Fonte: Acervo das Noelistas – Arquivo Arquidiocesano da Paraíba.

Figura 17 – Capa de registros das Noelistas

MITRA ARQUIDIOCESANA DA PARAÍBA

ARQUIVO ECLESIAÍSTICO DA PARAÍBA

NOTAÇÃO	
FUNDO:	NÚCLEO NOELISTA
GRUPO:	
SUB-GRUPO:	
SÉRIE:	DOCUMENTAÇÃO DA SECRETARIA
SUB-SÉRIE:	ATAS
DATA LIMITE:	05.08.1931 a 06.10.1979
TOTAL DE DOCUMENTOS:	2 vol. (Vol 2)

JOÃO PESSOA - PARAÍBA

Fonte: Acervo das Noelistas – Arquivo Arquidiocesano da Paraíba.